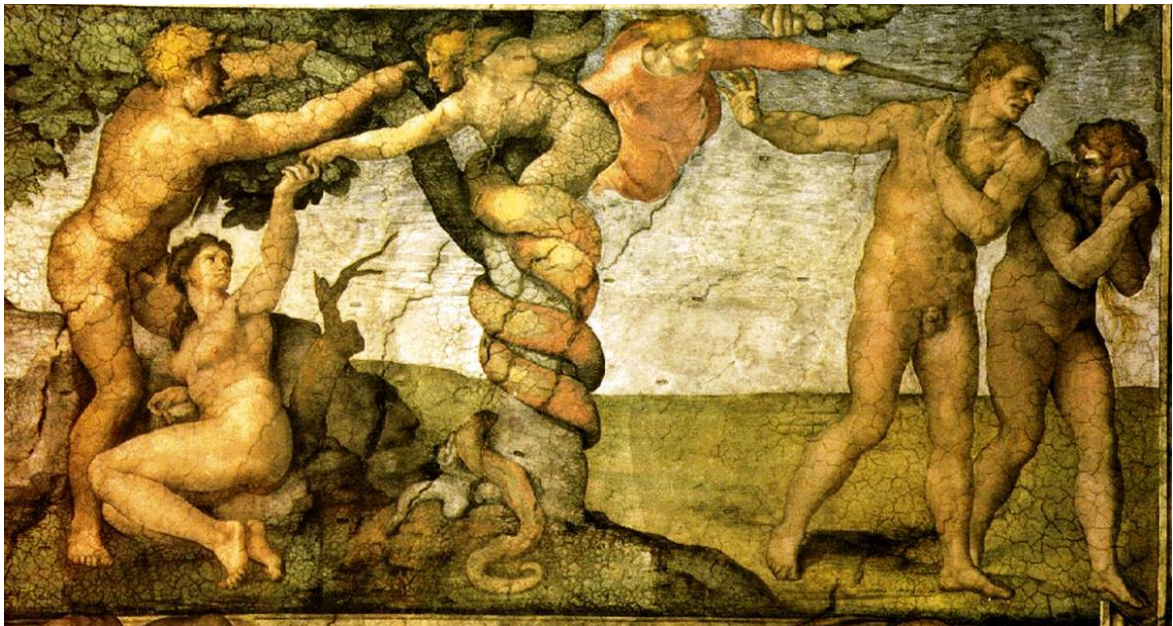


**HERBERTZ FERREIRA**

**Vozes neopentecostais:  
Um clamor desenvolvimentista em nome de deus**



Fonte: Fragmento da Capela Sistina, Michelangelo 1475-1564, (MARTINS, 2008).

**Montes Claros, 2008**

**HERBERTZ FERREIRA**

**Vozes neopentecostais:  
Um clamor desenvolvimentista em nome de deus**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) na Universidade Estadual de Montes Claros como parte dos requisitos para conclusão do mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Elton Dias Xavier

**Montes Claros, 2008**

*Dedico essa pesquisa às pessoas que vivem sem religião e sem necessidade de dizer onde a verdade se esconde, mas que possuem uma profunda curiosidade e respeito sobre os mistérios sagrados da humanidade.*

Eis que chega o momento da retribuição da dádiva, pois os agradecimentos não são mais do que uma singela restituição àqueles que de fato contribuíram com essa pesquisa. Por isso, retribuo as dádivas acadêmicas com uma atenção especial às seguintes pessoas: ao meu orientador, Elton Dias Xavier pela confiança e sintonia com o objeto de pesquisa. Com carinho e admiração especial agradeço à professora Regina Célia Lima Caleiro por mostrar, na simplicidade docente, que aos intelectuais da academia só lhes restam assumir com humildade o *aprender sempre*, pois uma pesquisa prazerosa deve refletir, antes dos títulos acadêmicos, o significado de nossas vidas. Por isso, fico feliz e agradecido por ter conseguido resgatar parte da minha história de vida por meio dessa pesquisa. Agradeço aos colegas de mestrado que dividiram comigo suas experiências, dúvidas e ansiedades no desenvolvimento de suas pesquisas, em especial, à colega Kátia Monção que foi minha “co-orientadora” indicando-me referências, textos e todo um apoio emocional comparável a uma irmã. A todos que contribuíram com minha pesquisa, notadamente os professores Carlos Roberto Pires Campos; Anelito de Oliveira e Herbert Toledo Martins pela solicitude e disposição nesse trabalho. Agradeço também, como não poderia deixar de registrar, a quem mais me apoiou desde a fundação do meu mundo: minha mãe, amiga e confidente, Francisca Barbosa Mendes, de quem herdei esse espírito investigativo e afinidade pelas letras. Finalmente, quero agradecer as vozes *neopentecostais* que deram vida a esse trabalho. Sem elas a pesquisa não “falaria por si mesma”. Foi na escuta dessas vozes que me fiz ouvinte, pesquisador e expectador de “deus”, do “demônio” e do “pecado” que há no mundo.

### ***Por trás da capela sistina<sup>1</sup>***

*Imagine um mundo sem pastores e sem rebanho...  
Sem controle do pensamento,  
Sem medo ou culpas  
Você consegue ser feliz assim?  
Então você pode brincar com deus de balanço ou gangorra  
No mundo-palco da criação refazer sua própria história  
Sem medo ou culpas  
Sem dogmatismos ou fanatismos,  
Sem religião instituída ou dízimos a pagar...  
Será possível um mundo assim?  
Na certeza de si mesmo, na desilusão do outro,  
Na liberdade (e esperança) de possibilidades...  
Construir a sua verdade e, ainda assim,  
Ser feliz apesar das incertezas.*

---

<sup>1</sup> Escrevi essa paráfrase provavelmente pensando em “*Imagine*”, de John Lennon (1940-1980), na semana de eleição do papa Bento XVI. Publicada no Jornal de Notícias de Montes Claros, domingo, dia 24/04/2005, caderno de poemas, p. 6.

## RESUMO

Esta pesquisa sintetiza um fragmento do *corpus* lingüístico de alguns líderes religiosos em preleção na cidade de Montes Claros – MG. Tem por objetivo identificar, na oralidade discursiva dos profissionais da fé que se utilizam do *tipo discursivo* neopentecostal, práticas orais que busquem exemplificar como os males são justificados e solucionados na vida dos féis religiosos. Para isso, a pesquisa apóia-se na análise do discurso oral e de conteúdo a fim de caracterizar os argumentos lingüísticos fundados pelo discurso neopentecostal. Nesse sentido, delimita seu objeto investigativo em torno da *linguagem neopentecostal* e não de igrejas neopentecostais em si uma vez que o discurso neopentecostal extrapola os limites das igrejas publicamente reconhecidas com tais discursos, pois estes podem estar presentes em diversos segmentos religiosos – tanto de religiosos evangélicos quanto católicos e outros. Portanto, não se trata aqui de delimitar um grupo de igrejas neopentecostais, mas de identificar, como o neopentecostalismo se apresenta como modelo discursivo desenvolvimentista. Durante o biênio de 2006-2007, além das observações discursivas *in loco* em igrejas cristãs, foi realizada uma análise do discurso religioso a partir da transcrição de fragmentos de cultos e pregações religiosas transmitidas em 5 (cinco) emissoras de rádio FM local. Dessa forma, foram expostas as congruências das práticas discursivas dos profissionais da fé que se utilizam do neopentecostalismo para fundamentar seus discursos espirituais, sobretudo aqueles que prometem resolver os mais diversos conflitos humanos. A lista de males resolvidos e justificados pelo discurso neopentecostal é enorme, motivo pelo qual esse estudo descreve e ao mesmo tempo analisa apenas algumas falas dos profissionais da fé que se pronunciam com fortes indícios de fundamentalismo religioso para afirmação de um projeto desenvolvimentista social. O enfoque dessa pesquisa remete diretamente a delimitação do conceito de fundamentalismo religioso na intenção de compreender, na fala de alguns líderes religiosos, a tentativa de convencimento dos discípulos a partir do tríplice aspecto doutrinário construído em torno *de deus, do pecado e do demônio*. Expressões religiosas tratadas metodologicamente aqui como objetos lingüísticos nos quais os fiéis discípulos são o público-alvo dos discursos. A busca por identificar as falas-comuns do discurso neopentecostal possibilitou demonstrar a existência de um silogismo recorrente que fundamenta a maneira como normalmente os líderes religiosos apóiam seus argumentos doutrinários. Tal silogismo pode ser assim expresso: o ser humano possui um vazio, este vazio é a ausência de deus, logo, a ausência de deus é a presença do demônio. Disso se conclui, segundo o discurso neopentecostal, que o mal revelado na vida das pessoas provém, em última instância, de uma presença demoníaca oculta ou declarada.

Palavras-chave: desenvolvimento social, análise do discurso religioso, milagre, fundamentalismo, neopentecostalismo.

## ABSTRACT

This research summarizes a fragment of the body language of some religious leaders lecture in the city of Montes Claros - MG. Aims to identify, in oral discourse of professionals of faith that are used type of discursive neopentecostal, oral practices that aim to illustrate the evils are justified and addressed in the believers religious life. For this, the search is based on analysis of oral speech and content in order to characterize the linguistic arguments founded by neopentecostal speech. In this sense, defines its object investigative around the neopentecostal language rather than churches neopentecostais itself as the speech neopentecostal beyond the boundaries of churches publicly recognized with such speeches because they may be present in various religious segments - both from religious evangelicals as Catholics and others. So here it is not a narrow group of churches neopentecostais, but to identify, as the neopentecostalismo presents itself as discursive developmental model. During the 2006-2007 biennium, in addition to the comments discursive spot in Christian churches, was conducted an analysis of religious discourse from the transcript of fragments of religious worship and preaching sent five (5) local FM radio stations. Thus, out on the congruence of discursive practices of practitioners of the faith have been used to justify the neopentecostalismo their spiritual discourses, especially those that promise to solve the most diverse human conflicts. The list of ills resolved and justified by the speech neopentecostal is huge, reason why this study describes and analyzes the same time just a few lines of professionals who speak of faith with strong evidence of religious fundamentalism to a statement of social development projects. The focus of this research refers directly to delimit the concept of religious fundamentalism in order to understand, in speaking of some religious leaders, trying to convince the disciples from the triple aspect doctrinal built around God, of sin and the devil. These three religious expressions are treated here as methodologically objects language in which the faithful disciples are the target audience of religious discourse. The quest to identify the common speech of speech-enabled neopentecostal demonstrate the existence of a syllogism applicant who moved the way they usually religious leaders support his doctrinal arguments. This syllogism can be expressed thus: the human being has a vacuum, this vacuum is the absence of God, hence the absence of God is the presence of the devil. That if concluded, neopentecostal according to the speech, which revealed the evil in people's lives comes ultimately from a demonic presence hidden or declared.

Key words: social development, miracle, fundamentalism, neopentecostalismo, analysis of religious discourse.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
-------------------------	----

## **CAPÍTULO I**

1. Cosmologias fundamentalistas: interlocuções neopentecostais com variantes católicas.....	28
1.1 Nos domínios das certezas religiosas: bases de um catecismo da intolerância.....	29
1.2 O desvelar fundamentalista do pecado: a ideologia da culpa religiosa em confronto com a razão.....	33
1.3 Alegrias e sofrimentos humanos em renegociação com o divino.....	39
1.4 Católicos e neopentecostais: variações cristãs em busca de salvação.....	42
1.4.1 Neopentecostais: a variante evangélica que mais cresce.....	43

## **CAPÍTULO II**

2. Cristianismo fundamentalista e o tríplice argumento da persuasão religiosa.....	50
2.1 Variantes discursivo-religiosas de uma mesma ideologia: coesões lingüísticas para manutenção do poder e prosperidades .....	53
2.2 Ampliação da consciência humana pela via discursivo-religiosa: um conceito de desenvolvimento.....	56
2.3 Sobre o espírito da coisa dada: do povo maori à dádiva original.....	58
2.4 Fundamentalismo bíblico e a ordenação de comportamentos sociais: origem da dádiva religiosa institucional.....	62



## CAPÍTULO III

3. Vozes neopentecostais e a sedução do discurso religiosos.....	68
3.1 Do verbo humano ao “milagre” divino: uma proposta desenvolvimentista neopentecostal.....	75
3.2 O Discurso neopentecostal para o sucesso na vida: vitórias em nome de deus.....	77
3.3 Quem tem fé inteligente usa teologia da prosperidade para vencer.....	81
3.4 O discurso neopentecostal e a “ingenuidade” da fé.....	89
Considerações Finais.....	97
Epílogo .....	102
Referências.....	110
Apêndice – A: Preleções recorrentes de um discurso fundamentalista.....	118
Apêndice – B: Propagandas Salvacionistas: “Portas da Esperança” .....	133
Anexo – A: Éden: a dádiva que incitou a desobediência .....	136

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Propaganda “salvacionista” – <i>Existe uma saída</i> (2006).....	17
Figura 2: Propaganda “salvacionista” – <i>Existe uma saída</i> (2008).....	18
Figura 3: Circuito da dádiva original (mito adâmico).....	58
Figura 4: Circuito da dádiva religiosa institucional.....	62
Figura 5: O inferno em Chamas (filme).....	129
Figura 6: Explosão de Milagres.....	129
Figura 7: Poderosa Campanha do Salmo 91.....	130
Figura 8: Imperdível – Grande Cruzada de Milagres.....	130
Figura 9: Milagre da ressurreição.....	130
Figura 10: A chave que abre todas as portas.....	131
Figura 11: Sessão do Descarrego.....	131
Figura 12: Clamor por justiça divina.....	131

# INTRODUÇÃO

*Você, que só tem conhecido sofrimento, dor, tristeza, abandono, maldade, pobreza, injustiça e doença, se sente oprimido pelas forças do mal, cumprindo obrigações intermináveis, vivendo na aflição e no medo. Você, que foi vítima de um trabalho [feitiçaria], da inveja, venha em nossa igreja...<sup>2</sup>, pois nós temos a solução! (Pastor em preleção, FM 105.9, 04/04/2006)*

Por meio de um aparato lingüístico religioso, expresso pela oratória de alguns *profissionais da fé*<sup>3</sup>, foi desenvolvido um sistema discursivo religioso no qual a interpretação literal do texto sagrado se constitui no balizador da verdade. Assim, essa pesquisa toma como objeto de estudo uma retórica própria das doutrinações religiosas neopentecostais – construída e fundamentada na bíblia, tida como “a palavra de deus aos homens”, a *verdade* – absoluta e imutável, sem direito a aspas em seus dogmas e mitos. Aliás, aspas como indicativo de ambigüidade não cabe na leitura fundamentalista bíblica, pois a palavra de deus é ou não é, uma vez que “tudo aquilo que passa disso procede do demônio”<sup>4</sup>.

A origem das fontes primárias que motivaram esta investigação do discurso religioso remete às principais igrejas localizadas na região central da cidade de Montes Claros, cuja oralidade de seus líderes é marcada por características preponderantes neopentecostais, conforme exposto no capítulo III desse trabalho.

O neopentecostalismo, movimento surgido na década de 70 do século XX, dá maior ênfase aos rituais de exorcismo e cura. Segue a teologia da prosperidade, que assegura que a felicidade, o sucesso e a prosperidade devem ser encontrados nessa

---

<sup>2</sup> As igrejas investigadas na cidade de Montes Claros terão seus nomes suprimidos uma vez que o objeto desta pesquisa são os discursos orais de doutrinação com preponderância neopentecostal e não as igrejas neopentecostais em si. Por vezes, algumas características discursivas neopentecostais também são observadas entre os líderes da igreja católica, sobretudo na RCC – Renovação Carismática Católica (CARRANZA, 2000).

<sup>3</sup> Expressão largamente utilizada nessa pesquisa para referir-se às pessoas que auferem lucros financeiros por meio de seus discursos religiosos doutrinários. A expressão busca abranger diversos segmentos religiosos cristãos que se utilizam de princípios neopentecostais em suas doutrinações. Por extensão, essa expressão engloba também padres, freiras, missionários, diretores e docentes de institutos teológicos doutrinários.

<sup>4</sup> Cf. Bíblia, Mateus 5:37

vida. Os neopentecostais têm hábitos morais menos rígidos que os pentecostais tradicionais (MANUAL, 2006, p. 180) e se exprimem em outros segmentos religiosos, dentre estes, a RCC – Renovação Carismática Católica (LAURENTIN, 1977).

A análise comparativa entre os principais discursos religiosos cristãos se faz necessária para que se delimite com clareza e precisão o objeto aqui investigado: o discurso religioso de matriz neopentecostal e não as igrejas denominadas, por tradição, de neopentecostais. O foco de investigação recai, portanto, no discurso oral dos profissionais da fé (líderes religiosos) e não em um determinado segmento religioso representativo de um grupo de igrejas. Nesse sentido, alguns seguimentos da igreja católica exercem o discurso neopentecostal com maestria e, portanto, se incluem no objeto dessa investigação, uma vez que “muitos discursos de líderes católicos não excluem o neopentecostalismo, mas o confirmam” (CARRANZA, 2000).

Além da pesquisa *in loco* nas principais igrejas da região central de Montes Claros foram utilizadas, como fonte primária para coleta dos discursos religiosos, gravações digitais de maneira aleatória, em dias e horários diversos, de forma automatizada pelo rastreamento das emissoras pelo rádio. Durante os dois anos (2006-2007) que sucederam essa coleta de dados tais gravações se tornaram as principais fontes empíricas dessa investigação<sup>5</sup>.

Assim, além das gravações *in loco* em igrejas localizadas na região central de Montes Claros, também foram empregadas gravações de 5 (cinco) emissoras de rádio como fontes primárias dos discursos neopentecostais. Foram utilizadas as seguintes emissoras: FM 91.5 (canal 7), FM 105.9 (canal10), FM 104.5 (canal 18), FM 94.1 (canal 5) e FM 88.7 (canal 12). As gravações por rádio foram feitas durante os anos de 2006 e 2007. Atualmente somam-se mais de 200 (duzentas) horas de gravações de discursos de líderes religiosos, de matriz neopentecostal, em preleção aos seus fiéis.

---

<sup>5</sup> Mesmo após ter conseguido um volume considerável de gravações neopentecostais ainda continuo com a coleta de dados na intenção de realizar futuramente uma análise comparativa sobre as mudanças do discurso religioso ao longo do tempo.

A partir dessa coleta de dados foi possível atingir o objetivo da investigação que se consubstanciou em identificar práticas orais de líderes religiosos que procuram elucidar como os males são justificados e solucionados na vida dos fiéis religiosos.

O registro dessa coleta de dados orais foi iniciado em 2004 dentro das próprias igrejas, no momento dos cultos. No entanto, essa técnica foi abandonada no ano seguinte, pois a qualidade das gravações (para posterior transcrição) não ficava boa devido às vozes dos fiéis, que se misturavam às dos profissionais da fé. Assim, optou-se por gravar diretamente das emissoras de rádio, pois a boa qualidade do áudio facilitou sobremaneira a transcrição, conforme apresentado ao final desse trabalho, alguns de seus fragmentos (Apêndice – A).

Quanto às diferenças dos discursos *dos mesmos pastores*, dentro e fora das igrejas (via rádio), pode-se registrar uma ressalva importante: tais discursos sofrem uma ênfase mercadológica *dentro das igrejas* e uma menor exposição financeira dos profissionais da fé (pedindo ofertas e dízimos aos fiéis), quando proferidos ao público de rádio e TV. Talvez por isso, a profissionalização do sagrado reforça, de uma maneira geral por rádio e TV, a “necessidade” do fiel freqüentar a igreja, pois “no dia do juízo final, Deus irá levar ao paraíso aqueles que estiverem dentro da igreja, e não fora dela” (Pastor, TV Record, Prog. *Fala que eu te escuto*, 30/09/2007).

Por meio de programas religiosos apresentados nas emissoras de rádio local, em diversos horários do dia e da noite, foi possível coletar a oralidade discursiva de diversos líderes religiosos em seus momentos de louvores, pregações, orações e atendimentos aos fiéis por telefone. Muitos desses momentos foram transmitidos “ao vivo” diretamente das igrejas locais. A análise do discurso religioso, assim delimitado, se caracterizou estritamente por um esforço contínuo de aprofundamento no objeto de estudo investigado, que se situa na fronteira da oralidade dos profissionais da fé com preponderância discursiva neopentecostal em suas oratórias, sobretudo calcados na

escrita bíblica e na exegese fundamentalista a fim de se constituir em um *corpus*<sup>6</sup> discursivo neopentecostal e sua estreita relação com processos de desenvolvimentos sociais e econômicos.

Durante a fase de coleta de dados, verificaram-se nos registros orais dos profissionais da fé fortes indícios de uma prática religiosa calcada no fundamentalismo religioso, o que pode ser verificado abundantemente no *corpus* apresentado no apêndice A dessa pesquisa. Por isso, o discurso oral fundado em princípios neopentecostais pode ser tomado como dados qualitativos que se constituíram em um autêntico *corpus* para análise de doutrinações.

As fontes empíricas desse trabalho estão estreitamente vinculadas à minha história de vida, pois desde o ano de 1997 venho realizando uma sistemática observação nas práticas lingüísticas dos profissionais do cristianismo (padres e pastores evangélicos principalmente). Em 2001 quando cursei parte da graduação em Teologia na UNIFAI, na capital paulista, iniciei um processo de aprofundamento na temática religiosa, mas foi somente a partir de 2003, em Montes Claros, que me dediquei a identificar traços de fundamentalismo religioso cristão a partir da oralidade discursiva neopentecostal. Em 2004, fundei uma Associação de cultura religiosa (atualmente inativa) chamada SICURE – Sociedade Internacional de Cultura Religiosa, CNPJ: 06.056.668/0001-37, a fim de formar um grupo de adesão sobre a temática que trato no mestrado. Portanto, foi a partir das observações e análises discursivas realizadas nos anos anteriores que formulei a problemática investigada no PPGDS em 2007.

Diante de um crescente cenário religioso institucional no qual a comercialização da palavra de deus é realizada em profusão, a problemática que move esta pesquisa

---

<sup>6</sup> O mesmo que amostra: conjunto de dados selecionados para análise (TARALLO, 1986, p.85). Conjunto de textos escritos ou falados numa língua. O estudo de *corpora* (plural de *corpus*) apresenta muitas vantagens. Segundo Trask (2002, p.82), em vez de consultar nossas intuições, ou de "extrair" informações dos falantes, uma a uma, podemos examinar um vasto material que foi produzido espontaneamente na fala ou na escrita das pessoas, podemos fazer observações precisas sobre o real comportamento lingüístico de gente real. Portanto, os *corpora* podem nos proporcionar informações altamente confiáveis e isentas de opiniões e de julgamentos prévios sobre os fatos de uma língua.

pode ser anunciada da seguinte forma: como o discurso religioso, com predominância neopentecostal, justifica os males que afetam os homens e quais as soluções que apresentam para livrá-los de seus diversos problemas? Normalmente os problemas para os quais os discursos neopentecostais oferecem solução, por intercessão de deus e do espírito santo, se situam basicamente em três setores da vida: 1º. Saúde física (do corpo): de uma dor de cabeça à cura da AIDS ou do câncer; 2º. Saúde financeira: do desempregado assalariado ao empresário ou industrial falido e, 3º. Saúde amorosa ou emocional: de solteiros em busca do grande amor até separações de casais já consolidados no matrimônio.

De uma maneira ampla questiona-se, no âmbito de um padrão lingüístico discursivo neopentecostal, a origem dos males que afetam os homens. Portanto, esse estudo trata o discurso neopentecostal como objeto de interesse, o que obviamente extrapola os limites das igrejas nomeadas como *neopentecostais* uma vez que as formas da oralidade discursiva neopentecostal estão presentes em diversos segmentos religiosos do cristianismo, a saber, no próprio catolicismo carismático inclusive. Campos (2005) ainda afirma que entre protestantes ou católicos, o **estilo pentecostal**, na prática religiosa, continua atraindo milhões de pessoas (negritos nossos).

Essa investigação utilizou a AD – Análise do Discurso oral como metodologia de trabalho tendo como parâmetro de análise as fases da estrutura narrativa complexa em Fiorin (1997). A saber: 1ª. Manipulação, 2ª. Competência, 3ª. Performance e, 4ª. Sanção. No capítulo III, cada uma dessas fases será explicada para que se compreenda sua contextualização, em itálico, nas transcrições realizadas dos fragmentos discursivos neopentecostais, momento no qual, a análise propriamente dita dos fragmentos do *corpus* ali registrado poderá ser vista a fim de responder o problema apresentado.

Será exposto, ao longo do primeiro capítulo, o conceito de fundamentalismo religioso em Almeida (1996, 2002) como mecanismo balizador daquilo que se propõe anunciar: explicações, segundo o modelo discursivo neopentecostal, sobre a origem e solução dos males que acometem os homens.

A escolha em privilegiar a investigação discursiva fundada no neopentecostalismo se deu porque os profissionais da fé que reforçam, em suas doutrinações, argumentos neopentecostais refletem atualmente o segmento cristão onde mais facilmente se percebe proposições mágicas para solucionar os diversos problemas humanos, propondo-lhes uma “solução” desenvolvimentista. Assim, busca-se aferir quais as falas-comuns no discurso oral dos profissionais da fé que “promovem” a solução dos desequilíbrios e carências de seus discípulos<sup>7</sup>.

Nota-se que as respostas ao problema se encontram vinculadas a um modelo religioso antagônico que em um primeiro plano promove a subserviência dos fiéis por meio de doutrinas *que devem ser aceitas* conforme a literalidade bíblica e interpretadas segundo as características pessoais, sobretudo sob *inspiração* do espírito santo a cada profissional da fé. Por outro lado, em um segundo plano, o discurso neopentecostal incentiva o fiel a adotar atitudes autônomas dirigidas para o sucesso na vida a fim de solucionar a maioria de seus problemas. Dessa forma, são postos desafios de superação aos fiéis religiosos para direcioná-los às melhores perspectivas financeiras, amorosas e familiares. Logo, se por um lado, se espera a subserviência do fiel à palavra de deus, por outro, creditam-lhes esperanças de melhoras por suas próprias forças – amparadas pela irrestrita fé em deus.

A problemática dessa pesquisa foi demarcada em torno de quatro observações sobre o discurso neopentecostal, segundo as exposições dogmáticas coletadas: primeiro, os males que afligem o ser humano vêm do pecado original (mito adâmico); segundo, os distúrbios de toda ordem que atingem as pessoas têm sua origem pela não observância do homem à palavra de deus, isto é, o homem sofre porque não “segue o

---

<sup>7</sup> Mais uma vez vale reforçar que essa pesquisa não trata de um grupo de igrejas em particular denominadas “neopentecostais”, mas sim de *um tipo discursivo-religioso* conhecido como neopentecostalismo, pois algumas características dessa oralidade, enquanto movimento religioso distintivo de algumas igrejas se manifesta também em outras igrejas, notadamente na igreja católica, nos chamados “grupos carismáticos”. Atualmente o maior exemplo de neopentecostalismo expresso dentro do catolicismo se mostra na Canção Nova. Por outro lado, a maior evidência de neopentecostalismo no meio evangélico se concentra na Igreja Universal do Reino de Deus (CAMPOS, 2005).



que está escrito na bíblia”; terceiro, o mal está “solto”, pois vem do próprio demônio; e, finalmente a quarta observação sugere que o mal que atinge o ser humano vem da sua própria natureza humana má. Dessas observações, durante a coleta de dados *in loco* em algumas igrejas, derivou-se a seguinte hipótese: o neopentecostalismo, enquanto instrumento lingüístico possui elementos discursivos, ainda que minimamente aceitáveis, para um projeto desenvolvimentista social.

As observações acima foram elaboradas pela observação empírica de como alguns cristãos, de uma maneira geral, tendem a se utilizar de uma interpretação literal da bíblia, bem como, no caso do discurso neopentecostal, além do apego à letra bíblica, existe um forte “apelo ao espírito santo” com o poder de revelação. Por meio das “revelações” do espírito santo o discurso neopentecostal mobiliza grande quantidade de fiéis ordenando-lhes seguir regras de vida que se traduzem em comportamentos conduzidos e direcionados pela palavra de deus, “traduzida” por intermédio de alguns profissionais da fé.

Motivados pela publicidade salvacionista exposta diretamente na porta de algumas igrejas cristãs, os fiéis são instigados a entrar e seguir as normas ditadas pelos profissionais da fé, principalmente em locais estratégicos de grande fluxo populacional. Atribui-se ainda, como observação realizada durante a coleta de dados, que as doutrinações fundamentalistas normalmente seduzem muitas pessoas com promessas salvacionistas em muitas igrejas a fim de “resolver” os mais variados problemas: situações financeiras desfavoráveis, sentimentos de fragilidade emocional seja de origem profissional, familiar ou amoroso, ou, simplesmente com alguma debilidade na saúde.

A figura 1: propaganda “*salvacionista*” – *Existe uma saída* (2006) expõe, na entrada de uma igreja localizada na região central da cidade de Montes Claros, um verdadeiro *menu* de males a serem resolvidos pela propaganda salvacionista neopentecostal. A afirmativa apresentada “*Existe uma saída!*” é provocadora e nos convida a entrar afinal quem não quer resolver seus problemas? Essa imagem

representa, em síntese, a problemática apresentada nessa pesquisa: como o discurso religioso neopentecostal justifica e “soluciona” os males que afligem o ser humano?.



Figura 1: Propaganda “salvacionista” – *Existe uma saída* (2006). **Fonte:** Arquivo pessoal do pesquisador, 19/07/2006.

Durante a coleta de dados foi possível fotografar diversas propagandas salvacionistas expostas nas portas de muitas igrejas em Montes Claros, tanto na região central da cidade quanto nas periferias, conforme podem ser vistas no Apêndice B. Normalmente, as diversas propagandas registradas nas portas das igrejas convidam as pessoas a resolver seus problemas, por isso esse apêndice foi chamado de “Portas da Esperança”, pois os anúncios apresentados exprimem as ansiedades populares na busca por solução aos seus diversos problemas.

Na figura 2: propaganda “salvacionista” – *Existe uma saída* (2008) é interessante notar que o painel fotografado na mesma igreja em 2006 (figura 1) foi reestruturado com algumas novas demandas existenciais, possivelmente para atualizar os problemas mais graves a serem “resolvidos”.



Figura 2: Propaganda “salvacionista” – *Existe uma saída* (2008) **Fonte:** Arquivo pessoal do pesquisador, 10/09/2008.

Em detrimento de uma postura mais crítica sobre suas responsabilidades políticas e sociais, os fiéis religiosos são, muitas vezes, postos a serviço das igrejas que normalmente manipulam suas vidas e finanças por meio de uma ostentação lingüística cujas promessas direcionam-se à solução de seus males físicos, morais e financeiros. Como se percebe, o poder da oralidade de alguns profissionais da fé pode manipular os fiéis alternando discursos desde as fases de sedução ou intimidação até promessas de prazeres ou sofrimentos divinos.

Para fins de delimitação investigativa, esse trabalho está dividido em três grandes partes:

O primeiro capítulo é desenvolvido no sentido de delimitar o objeto de estudo dessa pesquisa, isto é, o discurso neopentecostal e sua estreita relação com o fundamentalismo religioso. É iniciado com uma reflexão de Rubem Alves [1999], sobre o olhar da religião e da ciência para compreensão do mundo. Nesse capítulo foram abordados alguns posicionamentos doutrinários do catolicismo tradicional e do

neopentecostalismo. Esses dois sistemas de compreensão do cristianismo encontram-se radicados na maneira discursiva de seus líderes.

O segundo capítulo apresenta o mito adâmico na busca por responder à origem do mal que atinge o ser humano e também para que se compreendam as relações e as trocas humanas com o sagrado. É iniciado com 6 (seis) aforismas de Nietzsche (2006) relacionados diretamente ao pecado humano. Por isso, nessa segunda parte é abordado o mito adâmico (Anexo A) como forma de ilustrar a origem da intermediação entre os homens e o divino, bem como a “origem” de seus sofrimentos.

O segundo capítulo ainda busca entender como as relações de trocas entre o homem e o sagrado são intermediadas por instituições religiosas. A partir da teoria da dádiva, exposta por Mauss (1974), buscou-se entender “as relações de trocas entre o homem e o sagrado” (APGAUA, 1999). Para tanto, esse capítulo utilizou-se de uma paráfrase sobre o Éden – paraíso original da dádiva – a partir de fragmentos didáticos para o ensino religioso e doutrinação de crianças, tal como é empregado para doutrinação de massas.

Conforme mostra a cosmogonia bíblica em Gênesis 2-3, o mito do pecado original expõe o momento da dádiva original: aquela que dá vida ao homem, mas que também estipula relações de troca entre o criador (deus<sup>8</sup>) e suas criaturas (Adão e, posteriormente, Eva). Ao apresentar as bases antropológicas sobre a dádiva, foi possível também, baseado na cosmogonia bíblica e no mercantilismo religioso vigente nas igrejas (LACERDA, 2006), elaborar dois diagramas que mostram a maneira com se alterou o relacionamento com dádiva original: antes, deus e o homem estavam diretamente ligados e, portanto, as relações com a dádiva (dar, receber e retribuir) se

---

<sup>8</sup> Nessa pesquisa a grafia das palavras deus, pecado e demônio estarão em minúsculo para eximir-se de quaisquer atributos divinos imputados pelas religiões, salvo quando citadas por outros autores ou iniciar frases.

passavam diretamente entre criador e criatura, posteriormente, aparece a igreja como um terceiro elemento intruso que irá intermediar a *dádiva original*<sup>9</sup>.

Para delimitar e caracterizar o discurso religioso neopentecostal e o ofício dos profissionais da fé, o terceiro capítulo inicia-se com uma breve explanação sobre o mito de Hermes (CASTRO, 1998). Essa terceira divisão da pesquisa busca apresentar primeiramente uma descrição conceitual de religião, segundo Durkheim (1996) e Weber (1982, 1994, 2006). Posteriormente é apresentada uma análise comparativa entre os principais dogmas que caracterizam o discurso neopentecostal a fim que se torne claro em quais parâmetros tal discurso está assentado, a fim de apresentar as vozes neopentecostais como fontes primárias desta investigação. Foi na escuta destas vozes que a pesquisa ganhou vida. Dessa forma, a fim de buscar responder a problemática investigada (como os males que atingem os homens são explicados, justificados e “resolvidos” pelo discurso neopentecostal) optou-se por apresentar fragmentos dos discursos orais de alguns líderes religiosos em preleção doutrinal ou em momentos de oração (Apêndice A).

Segundo Boucault e Rodriguez (2002), Hermes, deus grego da interpretação, levava e trazia a mensagem divina aos homens. De similitude com Hermes, enquanto canal de mediação com o sagrado, os profissionais da fé na atualidade também tomam para si a tarefa de intermediar a vontade de deus na terra.

A imagem inicial de Hermes serve também para apontar as bases em que se fundamentam a autoridade do discurso religioso proferido pelos líderes religiosos: a autoridade suprema de deus é, assim como em Hermes, intermediada pelos profissionais da fé. Sem essa capacidade para intermediar a autoridade máxima, o discurso dos líderes religiosos não se sustentaria como mecanismo de ordenação de grupos. As formas dessa ordenação social, imposta pela oratória religiosa, são fartamente ilustradas no terceiro capítulo e apêndice A, por meio das falas dos

---

<sup>9</sup> Expressão criada por mim, a partir da teoria da dádiva de Mauss (1974), para explicar as relações primeiras estabelecidas entre o criador e as criaturas, em referência ao mito adâmico.

profissionais da fé carregadas de elementos afirmativos e impositivos. O terceiro capítulo expõe dessa forma, alguns fragmentos do *corpus* gravado a partir dos discursos dos profissionais da fé, cujas oratórias apontam para fortes indícios fundamentalistas e de auto-ajuda.

Para responder à problemática foram utilizadas apenas algumas partes dos discursos religiosos, uma vez que foram gravados durante o biênio 2006-2007 mais de 200 (duzentas) horas de cultos, orações e pregações de líderes religiosos em discursos fundados no neopentecostalismo. Obviamente, não caberia transcrever nessa dissertação um acúmulo de registros dessa magnitude, o que tornaria sua leitura cansativa. Ademais não seria interessante delongar mais do que o necessário na exposição da transcrição dos discursos dos profissionais da fé, pois foi observada, ao longo da coleta de dados, uma repetição em seus temas. Essa *recorrência lingüística* (mesmas falas dogmáticas em diferentes contextos) foi o que possibilitou, por exemplo, identificar o silogismo subjacente e amplamente usado pelos profissionais da fé, fundado no trinômio *deus, pecado e demônio*. Sem essa exaustão na coleta de dados, isto é, na formação do *corpus*, não seria possível concluir a forma e a estrutura enunciativa do discurso religioso com tendências neopentecostais.

Assim, os fragmentos dos discursos religiosos transcritos e apresentados no apêndice A respondem à problemática que motivou essa investigação por apresentar em sua semântica tanto a justificativa quanto as “soluções” aos males humanos, ainda que elaborados com fortes indícios de fundamentalismo cristão<sup>10</sup>.

Como se sabe, o processo de transcrição é muito demorado e cansativo, porém a quantidade de discursos transcritos não poderia ser menor, pois uma das características que se quer imprimir nessa pesquisa é exatamente a sensação de exaustão nos discursos neopentecostais. Exemplo disso são as falas de alguns líderes

---

<sup>10</sup> No processo de transcrição dos discursos dos profissionais da fé foram omitidos a identificação das igrejas bem como os nomes das pessoas envolvidas, pois o que se interessa é investigar o objeto de pesquisa, qual seja: o discurso oral dos profissionais da fé cujas características neopentecostais se sobressaem enquanto tipo lingüístico-discursivo de doutrinação.

religiosos referindo-se à “necessária submissão da mulher ao homem”; a ruína que Sodoma e Gomorra sofreram “porque tinham uma enorme quantidade de homossexuais e prostitutas” ou a justificativa pelo espancamento do filho em nome de deus, a uma criança de apenas quatro anos, somente porque “não queria comer toda a comida em seu prato” (REC 032, pasta fundamentalismo 2).

Para se chegar às conclusões apresentadas nessa pesquisa, sobretudo na observação de que o discurso neopentecostal e, provavelmente o cristianismo por extensão, estão assentados na trilogia *deus, pecado e demônio* foram necessários analisar uma quantidade bem superior de horas-discursivas do que as apresentadas aqui. Para facilitar a identificação do fundamentalismo religioso presente em tais discursos foram feitas algumas marcações na fala original utilizando-se negritos ou itálicos, os quais serviram para ressaltar expressões consideradas fundamentalistas porque dificultam a interpretação ao se fechar no próprio enunciado bíblico de forma a confirmar a palavra e autoridade divina, portanto, a autoridade daquele que as pronuncia. Por exemplo: “a bíblia diz em Gênesis...”; “assim está escrito na palavra de deus...”; “deus disse assim...”. As marcações feitas em negrito dizem respeito a um destaque fundamentalista. Assim, percebem-se muitos enunciados a partir do texto bíblico *literalmente fundamentados*. Essas marcações na transcrição dos discursos neopentecostais foram assinaladas à luz da análise do discurso oral.

Na íntegra, os discursos transcritos podem ser vistos no Apêndice A. Logo, a apresentação seqüenciada das transcrições discursivas neopentecostais, tal como são apresentados no terceiro capítulo, devem conduzir o leitor às próprias conclusões sobre os elementos nevrálgicos que compõem o discurso fundamentalista religioso em sua busca por explicar as mais diversas situações da vida humana, sobretudo a origem do mal ou das benesses terrenas e divinas.

Para confirmar seus postulados, o discurso neopentecostal normalmente se firma na seguinte tese: “contra fatos não existem argumentos”. De maneira análoga poder-se-á também afirmar o mesmo na exposição dos discursos aqui transcritos. Ora,

se se buscam, a partir da oratória dos profissionais da fé, “respostas” que justifiquem e solucionem os males humanos, há de se esperar que seus discursos carreguem as fontes primárias desta investigação.

As análises realizadas nas considerações finais apenas reforçam, segundo o marco teórico apresentado nos capítulos anteriores, as respostas que motivaram a realização da pesquisa: a busca pelas justificativas, pelas explicações e possíveis “soluções” para os males humanos, segundo o discurso neopentecostal.

As ponderações conclusivas e epílogo, ao final dessa pesquisa, estão embasadas no conceito de fundamentalismo religioso, visto principalmente no primeiro capítulo. A compreensão desse conceito é de grande importância nesse trabalho, pois serve como suporte às análises discursivas da oratória religiosa dos profissionais da fé. Além do conceito de fundamentalismo religioso, a análise das transcrições está fundada também sobre o conceito lingüístico apresentado no início do terceiro capítulo, conforme Fiorin (1997) apresenta as quatro fases da narrativa complexa.

Por fim, esse estudo apresenta também nas ponderações conclusivas não somente a confirmação da hipótese aqui apresentada, mas um acréscimo em sua compreensão, pois os discursos neopentecostais não apenas justificam os males humanos fundamentados na literalidade bíblica, mas incitam o desenvolvimento pessoal de coletividades adeptas aos seus postulados doutrinários. Parte dessa compreensão, raramente utilizada nos discursos neopentecostais, é de que os males humanos vêm do próprio homem com sua natureza perversa, pois dificilmente o mal é justificado como o elemento causal no ser humano, mas “apenas” quando não há deus em suas vidas.

Ao final da pesquisa pôde-se ver que a resposta à problemática foi tecida mediante os conceitos teóricos frente aos discursos transcritos. Esse cruzamento de dados, entre a prática discursiva dos profissionais da fé e os conceitos que embasaram teoricamente este estudo convergem para apontar fortes indícios de uma prática fundamentalista cristã.



Finalmente, os apêndices e anexo complementam esse trabalho com informações adicionais sobre as variantes que se apresentam nas práticas de propagação do neopentecostalismo, estreitamente vinculadas a um modelo anímico discursivo-fundamentalista. Assim, foram elaborados 2 (dois) apêndices: o primeiro, apresenta na íntegra a transcrição dos fragmentos discursivos analisados no terceiro capítulo. O segundo, mostra fotografias de faixas para divulgação dos males “resolvidos” em algumas igrejas como forma auxiliar na catequese fundamentalista para “solução” dos males humanos<sup>11</sup>. O único anexo apresentado ilustra, na íntegra, o mito adâmico utilizado na evangelização de crianças. Infelizmente, pela limitação do espaço dissertativo, outros instrumentos para divulgação evangélica como estudos bíblicos em forma de *folders*, jornais e outros elementos não poderão constar aqui, tais como:

- a) ***A rosa unjada*** - Rosa vermelha natural ou de plástico cujas propriedades mágicas abrem os caminhos amorosos e também a vida financeira onde for colocada – na casa ou empresa do fiel;
- b) ***O banho do descarrego*** - Vidro de plástico contendo uma substância que se assemelhava a um chá, “capaz” de retirar todos os males físicos das pessoas que usá-lo com fé, preferencialmente após o banho;
- c) ***O sabonete unjado*** - Pequeno sabonete à maneira daqueles fornecidos em hotéis e motéis. Segundo “revelações do espírito santo”, ao tomar banho com fé “o sabonete unjado lava a alma e limpa o crente de todos os males”;
- d) ***Aliança partida*** - Pequeno anel dourado partido. Todos os fiéis devem usá-lo para que seja partido ao meio e jogado fora após cumprir determinadas obrigações com a igreja, sobretudo o pagamento de dízimos e ofertas;

---

<sup>11</sup> O fundamentalismo neopentecostal reforça que o homem precisa ser “salvo” do inferno antes da morte e dos males demoníacos em vida, cujos distúrbios advêm da ausência de deus em suas vidas. Por isso, utilizo a expressão *propagandas salvacionistas* para me referir aos anúncios normalmente expostos na porta principal das igrejas que prometem a solução dos males terrenos, conforme visto nas fotos anteriores (Existe uma Saída!).

- e) **Martelo da justiça divina com óleo ungido** - Pequeno martelo de aproximadamente uns 15 cm feito de metal contendo um óleo dentro de seu cabo, simbolizando o clamor do crente pela justiça de deus. Todas as vezes que o crente precisar é só retirar a tampa do cabo do martelo e molhar os dedos com o óleo ungido para resolver seus problemas;
- f) **A rede com prato** - Consistiu em um saco em forma de rede, daqueles usados no mercado de frutas para colocar limões com um prato de papelão dentro. O simbolismo era o de lançar a rede naquilo que o fiel queria conseguir, sobretudo dinheiro e bens móveis e imóveis;
- g) **A camisa ao avesso** - Trata-se de mais uma elaboração anímica a favor de milagres. Seu simbolismo reside no fato de que a camisa daquele que sofre por algum tipo de problema, colocada ao avesso, simboliza a vida “ao avesso” do proprietário da camisa. Isto é, a situação de penúria e desequilíbrios em diversos setores da vida por que passa o usuário da camisa ao avesso. No templo é sugerido que o fiel coloque a camisa ao avesso e faça um nó. Após orações, o fiel deve desatar o nó e desvirar a camisa. Esse ato simboliza o momento em que vida “entra nos eixos”, se conserta.

Todos estes elementos de doutrinação e ainda muitos outros que não estão citados aqui foram observados “gratuitamente” em visitação nos templos pesquisados durante os últimos 5 (cinco) anos. Todos esses elementos mágicos e anmicos utilizados para solução dos diversos males que atingem o homem reforçam, junto ao discurso oral dos profissionais da fé, o rito que se quer instituir dentro das igrejas a fim de ordenar o comportamento dos fiéis e conduzi-los conforme a “vontade de deus”.

# CAPÍTULO I

É no mundo encantado de sonhos que nascem as fantasias religiosas. As religiões são sonhos da alma humana que só podem ser vistos com o segundo olho. São poemas. E não se pode perguntar a um poema se ele aconteceu mesmo. Jesus se movia em meio às coisas que não existiam e as transformava em parábolas, quiçá histórias que nunca aconteceram. E, não obstante as sua não-existência, as parábolas têm o poder de nos fazer ver o que nunca havíamos visto antes. O que não é, o que nunca existiu, o que é sonho e poesia tem poder para mudar o mundo. “O que seria de nós sem o socorro das coisas que não existem?”, pergunta Paul Valéry.

Leio o poema da criação. Nada me ensinam sobre o início do Universo e o nascimento do homem. Sobre isso falam os cientistas. Mas eles me fazem sentir amavelmente ligado a esse mundo maravilhoso em que vivo, do qual minha vocação é ser jardineiro... Leio a parábola do Filho Pródigo, uma história que nunca aconteceu. Mas, ao lê-la, minhas culpas se esfumam e compreendo que Deus na soma débitos nem soma créditos...

Dois olhos, dois mundos, cada um vendo bem no seu próprio mundo... Aí, vieram os burocratas da religião e expulsaram os poetas como hereges. Sendo cegos do segundo olho, os burocratas não conseguem ver o que os poetas vêem. E os poemas passaram a ser interpretados literalmente. E, com isso, o que era belo ficou ridículo. Todo poema interpretado literalmente é ridículo. Toda religião que pretenda ter conhecimento científico do mundo é ridícula.

Não haveria conflitos se o primeiro olho visse bem as coisas do seu lugar e o segundo olho visse bem as coisas do seu lugar. Conhecimento e poesia, assim, de mãos dadas, poderiam ajudar a transformar o mundo.

## 1. Cosmologias fundamentalistas: interlocuções neopentecostais com variantes católicas

A fim de delimitar e caracterizar o *discurso religioso neopentecostal* enquanto *objeto de pesquisa*, realiza-se inicialmente neste primeiro capítulo uma análise comparativa sobre alguns posicionamentos que fundamentam duas variantes de interpretação cristã: o catolicismo tradicional e o neopentecostalismo brasileiro. A perspectiva deste primeiro capítulo limita-se em apresentar alguns discursos fundamentalistas promovidos por essas duas vertentes religiosas do cristianismo – ambas recheadas de intolerâncias em suas apologias. Entre consensos e dissensos religiosos, são apresentados alguns dogmas que as individualizam. Focados nas ansiedades humanas, tanto o neopentecostalismo quanto o catolicismo, normalmente buscam oferecer explicações e lenitivos aos sofrimentos humanos, cada qual ao seu modo. Assim, o objetivo deste capítulo caracteriza-se em realizar uma análise comparativa baseada na revisão de literatura sobre algumas variantes conceituais aplicadas no estudo das religiões, principalmente fundamentada nos discursivos neopentecostal e católico tradicional, *a priori*, antagônicos entre si, mas que se destacam como importantes segmentos na exegese cristã. A busca por compreender fundamentos religiosos em bases antagônicas deixa claro em quais parâmetros tais discursos estão assentados. Essa distinção discursiva é fundamental para que se compreenda com profundidade a delimitação do *tipo discursivo* abordado nessa pesquisa, cujo objeto se situa no discurso neopentecostal propriamente dito e não nas igrejas neopentecostais em si. Serão abordados também neste capítulo alguns conceitos importantes para se compreender a religião, o messianismo, o discurso neopentecostal – em oposição ao católico tradicional<sup>12</sup> e o fundamentalismo religioso.

---

<sup>12</sup> Faz-se uma distinção aqui entre o discurso católico tradicional, consonante aos dogmas do catecismo da igreja católica apostólica romana, em oposição ao discurso católico “renovado”, da renovação carismática católica, uma vez que este se aproxima em muitos pontos do neopentecostalismo evangélico (PRANDI, 1997). Campos (2005), ainda afirma que entre

## 1.1 Nos domínios das certezas religiosas: bases de um catecismo da intolerância.

Empreender a tarefa de pensar diferente da estrutura religiosa dominante requer muita parcimônia do pesquisador conforme adverte Pereira e Linhares (2006), “tratar com neutralidade de assuntos relacionados à religião é um dos maiores desafios intelectuais que um ser humano pode enfrentar”. Por isso faz-se necessário precisar com cuidado a delimitação do espaço ou foco de análise discursiva aqui empreendida.

Até o século XVIII, a aceitação da religião parecia fato tão óbvio, que o que soava estranho era dizer-se ateu. As polêmicas que existiam giravam em torno de certas verdades religiosas, mas não quanto à validade da crença religiosa em si. “Na Idade Média, por exemplo, a confissão de ateísmo era compreendida como loucura e esta como possessão demoníaca, sendo o ateu submetido a rituais de exorcismo” (ALVES, 1981).

Ao analisar diversos discursos religiosos, não é difícil perceber o quanto a intolerância religiosa, conhecida em sua forma mais explícita pelo fundamentalismo, perpassa questões que fundamentam “as certezas absolutas” dos crentes nos domínios da fé. Neste vasto circuito discursivo-religioso, de um lado, Bettencourt<sup>13</sup> (1995) representa o seguimento católico tradicional, do outro, Macedo<sup>14</sup> (1996), o

---

protestantes ou católicos, o *estilo pentecostal* na prática religiosa continua atraindo milhões de pessoas (negritos nossos).

<sup>13</sup> D. Estêvão Tavares Bettencourt é considerado um dos mais ilustres intelectuais católicos da atualidade, abordando com profundidade, temas dos mais variados campos da doutrina católica. Atualmente atua como professor de teologia no Seminário São José, da Arquidiocese do Rio de Janeiro, tendo sido também professor de teologia da PUC-RJ (JOBIM, 2004).

<sup>14</sup> Edir Macedo é o fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus, igreja evangélica neopentecostal nascida no Brasil, em 1977, e hoje presente em mais de 80 países. Respeitado orador e conferencista, Macedo é também escritor, com inúmeros títulos publicados, sendo que muitos com vendas que ultrapassam os três milhões de exemplares (MATOS, 2007). Tradicionalmente reconhece-se o início do movimento pentecostal no ano de 1906, em Los Angeles, EUA, na rua Azuza, onde houve um grande avivamento caracterizado principalmente pelo “batismo no espírito santo”, evidenciado pelos dons do Espírito: glossolalia, curas milagrosas, profecias, interpretação de línguas e discernimento de espíritos e demônios (MENDONÇA; VELASQUES, 1990). Segundo Apgua (1999, p.24), a gênese do pentecostalismo no Brasil está estreitamente vinculada ao movimento pentecostal norte-americano.

neopentecostalismo brasileiro. Ambos se mostram como exemplos de certezas religiosas posicionadas em campos distintos e por vezes antagônicos. Eis alguns exemplos:

Diante dessas concepções humanas [outras igrejas e religiões], não poucas até exóticas, cabe esta reflexão: Deus, sapientíssimo e verdadeiro, não pode ser o autor de tantas religiões ou crenças. **No mínimo, são ilusões ou enganos de interpretação da fé.** Tendo Ele se revelado "na plenitude dos tempos" (Gl 4,4) em seu Filho. Jesus Cristo, só o que Cristo transmitiu aos apóstolos e o que se herdou destes numa sucessão ininterrupta na Igreja Católica **tem foros de verdade revelada**, portanto digna de fé (BETTENCOURT, 1995, negritos nossos).

Frente ao "pluralismo de idéias", a igreja católica reafirma dois posicionamentos contraditórios: de liberdade aos fiéis na escolha religiosa e, por outro, de alerta sobre as falsas religiões ou "enganos" como reafirma Bettencourt (1995), "não se pode negar a liberdade que assiste a indivíduos e grupos, de escolher, dentro destes pluralismos, o que lhes parece mais consentâneo com a verdade que a **inteligência** lhes faz apreender" (negrito nosso). Para Bettencourt (1995), cabe à igreja católica "apenas" anunciar a todas as pessoas "o que recebeu, em matéria de fé religiosa, como revelação de Jesus Cristo, seu fundador". Diante das Igrejas "pseudocristãs" e de outras "religiões" tão diversificadas, a Igreja Católica confessa reconhecer em "outras igrejas" alguns "valores", que são como "sementes do Verbo de Deus", no dizer dos Santos Padres e dos teólogos (BETTENCOURT, 1995, aspas do autor). Mas, complementa: "lamenta a 'confusão' de idéias e filosofismos errôneos, que **não pode de forma alguma aceitar**" (negritos nossos).

Como se percebe existem estreitos limites de tolerância com as demais crenças religiosas. Embora respeite a liberdade de consciência, a Igreja Católica "**não quer e não pode** deixar que as consciências se iludam em pontos tão sérios, como são os referentes à fé, pois dizem respeito à salvação eterna" (BETTENCOURT, 1995, negritos nossos).

De outro lado, Macedo (1996) expressa sua exegese, sobretudo com foco no que se convencionou chamar de teologia da prosperidade. Suas certezas são expressas em torno de o fiel alcançar a prosperidade financeira, na saúde física, mental e amorosa, que, para ele, formam um conjunto que equivale ao mesmo que o crente passar a viver no reino de deus e participar efetivamente de sua obra. Macedo (1996, p. 15) declara:

Quando vejo pessoas sendo curadas, recebendo o enchimento do Espírito Santo, prosperando financeiramente e vivendo constantemente um estado de vitória, me alegro grandemente e me rejubilo. Chamo a isto viver no Reino de Deus, pois a pessoa que assim vive é um verdadeiro cidadão do Reino de Deus. [...] Decida-se agora mesmo. Dê adeus às doenças, à miséria e a todos os males, tenha um reencontro com Deus e assuma novamente a sua posição na família Divina.

Segundo Macedo (1996), inúmeras são as citações bíblicas que atestam a existência de um planos de deus para o homem – sempre ligados, antes, a uma vida repleta de abundância do que de miséria. Não são poucas as passagens bíblicas com as quais ele fundamenta suas afirmações sobre a prosperidade eleita aos homens: “E o Senhor te fará abundar de bens nos frutos do teu ventre, e no fruto dos teus animais, e no fruto da tua terra, sobre a terra que o Senhor jurou a teus pais te dar (DT 28:11)”. Existem outros inúmeros trechos citados como provas bíblicas que fundamentam sua teologia da prosperidade<sup>15</sup>. Para Macedo (1996), “Deus deseja ser nosso sócio”. E as bases dessa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, **nosso dinheiro**) passa a pertencer a Deus; e o que é d'Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria, e tudo de bom) passa a nos pertencer (MACEDO, 1996, p.85-86, negritos nossos).

---

<sup>15</sup> Para Macedo (1996, p. 44-49), Deus demonstra a vida próspera predestinada ao homem nas seguintes passagens bíblicas: João 10:10; Eclesiastes 5: 19; Salmos 112: 1,3; Salmos 35: 27; Salmos 84:11; Provérbios 8: 21; Josué 1:7; Deuteronômio 29: 9; 1 Reis 2:3; Provérbios 10: 22; Salmos 23:1; Salmos; 34:10; Salmos 68: 19; Mateus 6: 33; Mateus 6:33; Josué 1: 5-8; Joel 2:26; Salmos 36: 9; 1 Samuel 2: 7; 1 Crônicas 29: 12; Salmos 104: 24; 2 Crônicas 20: 20; Provérbios 8: 17,18; Êxodo 19:5; Levíticos 25: 23; Salmos 50: 10; Deuteronômio 8: 10,13; Deuteronômio: 17; Deuteronômio 8: 18; Provérbios 3: 9,10; Malaquias 3: 10.

Como se percebe pelos exemplos de exegese neopentecostal e católica, tanto Macedo (1996) quanto Bettencourt (1995) se fecham em “verdades” absolutas que caracterizam seus discursos religiosos. Tais exemplos apenas caracterizam um fragmento das diversas interpretações em que se fecham cada uma dessas vertentes cristãs. Cada qual com suas preocupações lancinantes e distintas. De um lado, Bettencourt (1995) que se esforça por manter, justificar e reforçar a tradição dos dogmas<sup>16</sup> católicos em detrimentos de outros credos religiosos; do outro, Macedo (1996) que amplia os horizontes religiosos calcados na teologia da prosperidade. Poder-se-á dizer que ambos, cada qual a seu modo, reforçam um padrão de regras socialmente impostas. Conforme Sztompka (2005) apresenta: “A vida social é regulada por regras. O sistema de normas, valores e instituições que regulam a conduta humana é considerado, por muitos estudiosos, o aspecto central da sociedade”. Neste sentido, as crenças religiosas constituem-se num padrão regulador da conduta humana.

O chamado dogma de fé é uma verdade que deus livremente revela aos homens – verdade definitiva, imutável, de crença obrigatória para todos os cristãos. Conforme explica Jobim (2007), um dogma de fé é o máximo grau de certeza que uma verdade doutrinária pode alcançar. O dogma, portanto, não admite contestação. Existe um caráter imperativo nos dogmas, pois **todos os fiéis estão obrigados** a aceitá-los. O dogma **não admite controvérsia**. Sua definição corresponde plenamente a uma realidade que existe na mente divina e na realidade objetiva.

[Dogmas] são verdades para Deus e partilhadas com os homens. Possui **caráter impositivo** porque Deus não mente nem transmite doutrina falsa. Não crer em um dogma, portanto, é um ato de desrespeito a Deus e à Igreja, e, como tal, implica numa ruptura da fé; fazendo com que o fiel em questão, seja excluído da comunhão espiritual que é a Igreja (JOBIM, 2007, negritos nossos).

Apesar de tratarem do mesmo objeto religioso (o cristianismo), não é difícil perceber que Bettencourt e Macedo se situam diametralmente em campos opostos da

---



ação religiosa. Segundo Neri (2005) os neopentecostais, como segmento do protestantismo pentecostal, concebem-se como antítese do catolicismo, religião na qual julgam totalmente equivocada e idólatra.

## **1.2 O desvelar fundamentalista do pecado: a ideologia da culpa religiosa em confronto com a razão.**

O fundamentalismo sempre esteve presente nas religiões (OLIVEIRA, 2007). Os fundamentalistas costumam se comportar de modo conservador e assumir a literalidade da palavra considerada sagrada. Seus membros já se desenvolveram militarmente sob os mais variados argumentos. “Em nome de deus” criaram exércitos a fim de recuperar as terras santas e também para condenar milhares de pessoas nos tribunais do *Santo Ofício da Inquisição* pela imposição e conveniência da verdade religiosa obscurecida, quase sempre, com intenções políticas e de poder. Sagan (2006) esclarece que os membros do *Tribunal do Santo Ofício* ganhavam uma gratificação para cada feiticeira queimada. O que sobrava das propriedades da bruxa condenada, se ainda houvesse alguma coisa, era dividido entre a Igreja e o Estado. Sagan (2006, p. 144), ainda ilustra esses crimes da seguinte forma:

Quando esse assassinato e roubo em massa, legal e moralmente sancionados, se tornaram institucionalizados, quando surgiu uma imensa burocracia para servi-lo, a atenção se desviou das velhas megeras pobres para os membros das classes média e alta de ambos os sexos. E as torturas mais horrendas eram rotineiramente aplicadas a todas as rés, jovens e velhas depois que os padres abençoavam os instrumentos de tortura<sup>17</sup>.

O fundamentalista acredita em seus dogmas como verdade absoluta e indiscutível, fecha-se, portanto, ao diálogo. O fundamentalismo religioso se mostra como uma poderosa fonte de intolerância, na qual o outro – personificado no mal – fragiliza a

---

<sup>17</sup> Um filme que ilustra essa perseguição às “bruxas” pode ser visto em: *Le Pacte des Loups (O Pacto dos Lobos, cf. Referências neste trabalho)*.

verdade religiosa “oficial”, cuja exegese é postulada pelo discurso religioso fundamentalista. Boff (2002, p.25) esclarece que o fundamentalismo:

Não é uma doutrina, mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga a contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista.

Por meio de uma exegese religiosa fundamentalista formou-se no imaginário social cristão a idéia da existência de uma perpétua luta entre o divino e o demoníaco. O cristianismo é farto de exemplos dessa natureza. Tanto o catolicismo e, sobretudo, o neopentecostalismo ampliaram o poder do demônio para justificar e concatenar seus diversos discursos religiosos. Oro (1996) defende que ao basear sua crença nessa bipolaridade (deus-demônio) a religião constrói uma identidade “estratégica e operacional” a fim de se apropriar de um “mercado da fé” em expansão.

O homem estaria, assim, à mercê de retribuições de um ou de outro: de deus ou do demônio, segundo a sua natureza comportamental pecaminosa ou “santa” – aquela que supostamente vive conforme os preceitos de deus. O pecado é entendido, segundo o discurso religioso cristão, como as ações ou omissões dos homens contra a vontade de deus<sup>18</sup>. Neste sentido, tanto Macedo (1996) quanto Bettencourt (1995) concordam sobre a origem e natureza do pecado humano, inclusive a teoria da remissão dos pecados humanos pelo chamado “sacrifício de Cristo na cruz”: “...mas, se o homem foi expulso do paraíso e hoje é dada a ele a oportunidade de voltar para a casa do Pai, isto

---

<sup>18</sup> Segundo Jobim (2007) o pecado é uma ação livre e **consciente** da pessoa que viola as leis divinas. Segundo o Manual da Redação da Folha de São Paulo (2006, p. 192) pecado é uma “falha **consciente** e responsável do ser humano que traz consigo uma ruptura ou uma piora na relação com o Deus, com o próximo e consigo mesmo.” “Considera-se pecado o **ato que afasta** a pessoa de Deus” (FOLHA DE S. PAULO, domingo, 6 de maio de 2007 p. 4). Para Weber (1994 p. 352) o “pecado” é um **rompimento da fidelidade** ao deus, uma renúncia apóstata às promessas divinas (negritos nossos).

só se tornou possível com a vinda de Jesus ao mundo, para que, através de sua morte na cruz, os homens fossem redimidos de seus pecados” (MACEDO, 1996, p. 40).

Assim, uma natureza comportamental pecaminosa é caracterizada pelas ações humanas em desacordo com o ordenamento religioso-institucional em torno de uma interpretação fundamentalista da bíblia ou de seu ordenamento preponderante. Não se liga, portanto, necessariamente à moral ou à ética, apesar de se parecer intrínseca a estas, mas se liga à doutrina religiosa propriamente dita e sua interpretação subjetiva, pois responde ao credo religioso e às idiosincrasias do fiel sobre aquilo acredita como certo e errado, falso e verdadeiro, sobre o bem e sobre o mal.

Na leitura fundamentalista não existe meio-termo para o “talvez”, pois não há o que se discutir: tudo já está posto, inclusive aquilo que foi e o que será. Sobre o fundamentalismo religioso Almeida (2002, p. 41-42) esclarece:

Para quem acredita que a Bíblia é literalmente a Palavra de Deus, a leitura é descontextualizada: ora caminha para a interpretação subjetiva do pregador, ora realiza a transposição direta do que está escrito para a vida do fiel, como por exemplo, os costumes de roupas e cortes de cabelo entre as mulheres. [...] Na leitura fundamentalista, as alegorias quase sempre revelam um sentido moral por meio de alguns personagens bíblicos que são exemplos (normas) de conduta. Os eventos são entendidos como tipos que trazem um sentido revelado somente a partir de um processo de iniciação (ou doutrinação religiosa). A Bíblia é a palavra do próprio Deus, eterna e idealmente não tem mudança interna (sem passado, presente e futuro). Logo, é atual e aparece como revelação. Os tipos bíblicos estão conectados à realidade presente por seu sentido transcendental, de tal maneira que a interpretação sempre relaciona o texto à (com a finalidade de normatizar a) vida presente. [O sentido bíblico] é imutável, dado no próprio ato da criação narrado no livro de Gênesis. [...] A particularidade da exegese fundamentalista está em que algumas de suas interpretações aderem de imediato ao sentido literal, mais evidente e realista. A criação do mundo ocorreu tal qual narrado em Gênesis e seu fim iminente é tão concreto quanto a realidade presente. [...] A leitura fundamentalista realiza uma apreensão imediata, textual, próxima do sensível, na qual o crente faz uma transposição direta da passagem bíblica para o seu comportamento, sem, contudo, contextualizar o ensinamento.

Para o fundamentalista cristão, a reflexão sobre a *palavra de deus* se direciona para um único e claro sentido: aquele que está escrito na bíblia. O mito do casal adâmico se constitui em exemplo para ilustrar a literalidade fundamentalista religiosa: Adão e Eva

foram submetidos a algumas normas de conduta imposta por deus para que pudessem viver no paraíso (Éden). Segundo narra o mito, após Adão e Eva terem cometido o pecado, deus os expulsa do paraíso e obriga Adão a tirar o alimento do chão, com o esforço do seu próprio trabalho, com “o suor do teu rosto”. Assim, para o religioso fundamentalista, deus está alertando toda a humanidade a seguir o exemplo de sobrevivência, pelo trabalho, sobretudo como castigo do pecado original – simbolizado, na desobediência a deus, criador de tudo e de todos.

O fundamentalista acredita em seus dogmas como verdade absoluta e indiscutível, fecha-se, portanto, ao diálogo. O fundamentalismo religioso se mostra como uma poderosa fonte de intolerância, na qual o outro – personificado no mal – fragiliza a verdade religiosa “oficial”, cuja exegese é postulada pelo discurso religioso fundamentalista.

Diversas são as manifestações e variações lingüísticas que se apresentam no discurso religioso fundamentalista. Para se compreender um pouco mais sobre o conteúdo e as conseqüências de declarações fundamentalistas é preciso atentar para os efeitos de tais discursos. As declarações do reverendo Jerry Falwell<sup>19</sup> expressam até onde uma interpretação fundamentalista pode chegar, quando, por exemplo, disse que os Estados Unidos estavam literalmente “pagando pelos seus pecados com a crise de terrorismo”. Em cadeia nacional Falwell (2001) afirmou ao vivo, em entrevista à TV, que os atentados de 11 de setembro foram uma punição à América, um castigo pelos desregramentos aos quais ela se entregara conduzida por liberais, gays e lésbicas.

Eu realmente acredito que os pagãos, os abortistas, as feministas, os gays e as lésbicas, que ativamente tentam se transformar num modo de vida alternativo, [...] todos os que forçam a querer secularizar a América. Eu aponto meu dedo para a cara deles e digo: vocês contribuíram para que isso acontecesse [referindo-se os atentados de 11 de setembro]. (Pastor Jerry Falwell, TV – Programa *700 Club*, 14 de setembro de 2001).

---

<sup>19</sup> Um dos líderes da extrema direita cristã americana, considerado um pastor cristão fundamentalista. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/atualidade/2003/04/08/001.htm>> Acesso em: 22/set/06

Neste cenário discursivo, considerado aqui de fundamentalista é que esta pesquisa encontra subsídios e se justifica pela importância no contexto da análise do discurso oral de alguns profissionais da fé. Ademais, trabalhando o dito, ainda que implícito, o discurso argumentativo se faz sedutor (MARTINS; THEOPHILO, 2007). No entanto, no discurso fundamentalista aquilo que foi dito quase sempre é aquilo que se quis dizer, exatamente porque o fundamentalista quer exprimir literalmente (possivelmente um tentativa de deter a verdade) a palavra revelada diretamente por deus. As palavras de Falwell (2001) expressam o fundamentalismo religioso, pois mostram quando a interpretação religiosa perde os parâmetros do bom-senso e da humanidade.

A análise do discurso religioso mostra que a oralidade religiosa dos profissionais da fé deve ser encarada como instrumento lingüístico, portanto, ideológico. Não é raro observar que o aparato discursivo religioso sirva para a ordenação de comportamentos em diversos grupamentos sociais. Para compreensão e aprofundamento dos discursos com características de dominação ideológica, tal como exemplificado nos discursos religiosos, faz-se necessário contextualizá-los sempre com as condições históricas que os levaram a surgir e, sobretudo, a se tornar em dominantes, pois um discurso dominante se faz concomitantemente com seu movimento histórico e social. Sztompka (2005, p.480) explica, de maneira geral, a constituição de uma ideologia dominante:

Todo movimento social tem início em condições históricas específicas, surge no interior de uma estrutura historicamente dada. Em geral, pode-se dizer que a estrutura preexistente constitui um fundo de recursos e equipamentos para o movimento. A estrutura ideal preexistente serve geralmente como repositório de idéias a partir das quais o movimento molda suas convicções e ideologia, define seus objetivos, identifica os adversários e aliados, constrói sua visão de futuro.

Neste sentido, Bourdieu (2003) esclarece que “as ideologias servem interesses a particulares que tendem a se apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo”. Assim, segundo Bourdieu (2003), a história da transformação do mito

em religião, isto é, em ideologia posta a serviço da fé, não pode ser considerada desconecta da história da constituição de um corpo de produtores especializados de discursos e de ritos religiosos, pois o progresso da divisão do trabalho religioso é uma dimensão do progresso da divisão do trabalho social, portanto, da divisão em classes, a qual conduz, entre outras conseqüências, **a que se desapossem os laicos dos instrumentos de produção simbólica** (BOURDIEU, 2003, p. 10-12, negritos nossos). Tal explicação torna claro como e porque motivos a hierarquia religiosa, com seus profissionais da fé rigidamente estruturados, se mantém no plano de controle.

Jobim<sup>20</sup> (2007) explica que a palavra de Deus está nas Sagradas Escrituras, pois “estas narram a história do povo de Deus, desde a criação do mundo até as ações missionárias dos apóstolos de Cristo. Descrevem os sucessivos pactos de Deus com os homens, suas leis, as profecias de diversas épocas, as intervenções divinas na história e a preparação para a vinda do Messias. O Texto Sagrado, contudo, nem sempre informa seu sentido à primeira leitura, é necessário, portanto, o trabalho hermenêutico e exegético de pesquisadores e teólogos autorizados pela Sé Apostólica”. A igreja católica se mostra ainda bastante restritiva quando se fala em interpretação das palavras de Deus:

A Igreja Católica não admite o chamado livre-exame da Bíblia porque entende que o carisma da infalibilidade não é desfrutado por todos os cristãos, mas apenas pelo Sumo Pontífice em pronunciamentos "ex-cathedra" ou pelo Colégio Episcopal em pronunciamentos definitivos do seu magistério infalível, como o magistério de seus concílios ecumênicos, realizado sob a presidência do Romano Pontífice. A Igreja possui a missão inalienável de ensinar, governar e santificar a si mesma, e a multidão de fiéis. (JOBIM, 2007)

---

<sup>20</sup> Everton N. Jobim mantém o site Doutrina Católica <<http://www.doutrinacatolica.net/>> com o objetivo fundamental de estudar uma ampla variedade de temas que versam sobre aspectos múltiplos da doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana; cientista político e professor de Antropologia Cultural, formado pela Pontifícia Universidade Católica - RJ e pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Jobim é católico e estudioso da doutrina da Igreja, com especialização em estudos sociológicos e antropológicos relacionados às grandes religiões do mundo contemporâneo.

Por outro lado, Mariano (1999) mostra que o protestantismo, incluindo sua fase neopentecostal, advoga para si o livre-exame da bíblia, o que não significa que seus líderes incentivem os fiéis à livre-interpretação das “palavras de deus”, pois desta forma o ofício dos profissionais da fé, possivelmente, estaria abado.

### **1.3 Alegrias e sofrimentos humanos em renegociação com o divino.**

Ao analisar a psicologia social das religiões mundiais, Weber (1982, p. 313-315) explana indiretamente sobre questões basilares da estrutura dogmática do cristianismo e das religiões em geral. Assim, ele explica como o *sofrimento* encontra repercussões nas atuais religiões: “os homens, sofrendo permanentemente, de luto, enfermidades ou qualquer outra desgraça, acreditavam, dependendo da natureza de seu sofrimento, estar possuído por um demônio ou vitimados pela ira de um deus a quem teriam insultado”. Tratando o sofrimento como um sintoma de desagrado aos olhos dos deuses e como um sinal de culpa secreta, a religião atendia psicologicamente a uma necessidade muito geral. Muitas vezes, o catolicismo se utiliza desde mesmo argumento para justificar os sofrimentos humanos: “A morte entrou no mundo porque o homem primevo desejou romper sua fidelidade a Deus, igualar-se ao Criador e conhecer o bem e o mal. Tornou-se, por isso, vulnerável ao mal e ao sofrimento (JOBIM, 2007).

A respeito do sofrimento, o neopentecostalismo oferece uma explicação oposta ao catolicismo: o mal não pode vir de deus, mas do demônio (MACEDO, 1996). Assim, segundo a exegese neopentecostal, todo o mal advém simplesmente por uma explicação: o homem que se encontra sem deus, logo, está com demônio e todos os seus males. Portanto, o demônio (e não deus, conforme a exegese católica por vezes o atribui às causas de sofrimentos e provações humanas) adere à vida do infiel religioso levando-o à diversos sofrimentos físicos e morais até à morte.

Para os neopentecostais, especialmente os iurdianos, da Igreja Universal do Reino de Deus, só existe um caminho para a libertação do demônio: o confronto travado entre deus e as diferentes manifestações do diabo no ritual de exorcismo. É nele, segundo Almeida (1996), que o sofrimento explicitado no início da reunião encontrará sentido; é por meio dele que a “vitória” ocorrerá; em suma, é para ele que todas as partes iniciais do culto convergem. Almeida (1996) fornece uma clara demonstração das conseqüências da falta de deus na vida dos fiéis religiosos. A origem do mal é apresentada por um líder religioso neopentecostal da seguinte forma:

Quando uma pessoa não tem a presença de Deus, ela é infeliz. Ela é sem forma e vazia. A pessoa que não tem a presença de Deus é vazia. Ela está sempre procurando preencher este vazio nos vícios, na prostituição, nos prazeres deste mundo. Ou pertencendo a uma religião, ou fazendo boas obras, ou fazendo caridade [referência ao Kardecismo]. Ela procura preencher este vazio, mas este vazio é a falta de Deus (...) E aonde existe a falta de Deus existe a presença do diabo. É porque existe a atuação do diabo. A atuação e manifestação do diabo na vida daquela pessoa. E quando a pessoa não tem a presença de Deus ela expressa o caráter do diabo (...) A pessoa que é endemoninhada expressa o caráter do diabo. Ela vive na prostituição, ela vive no adultério, vive na orgia, vive nos vícios. Ela é idólatra [referência ao catolicismo] (...) Mas porque a pessoa age assim? É porque existe um espírito dentro dela, um demônio no corpo dela.

Almeida (1996) faz uma longa descrição sobre a IURD na tentativa de explicar a origem dos sofrimentos por que passam muitas pessoas. Assim, observou o autor que para a IURD não existe meio termo: o mundo está dividido entre pessoas “libertas” e “não-libertas”, sendo que nestas há a constante atuação do diabo. “É ele o causador de todos os males”. Uma pessoa sofredora de alguma doença, por exemplo, está possivelmente sendo atingida por algo de outra ordem – diferente daquela tratada pela medicina ou qualquer conhecimento humano – , a saber, o diabo (agente gerador das desgraças humanas). Almeida (2002) explica que o diabo “amarra” as diversas áreas da vida dos fiéis causando-lhes doenças, miséria, solidão, desejo de suicídio etc, na Igreja



Universal o diabo é “amarrado”, neutralizado, para posteriormente ser extirpado do corpo do fiel juntamente com todos os males causados.

Após os momento dos tranSES e exorcismos, os crentes neopentecostais demonstram que a origem do sofrimento encontrou um sentido, qual seja, a ação de um demônio na sua vida. E, mais ainda, a Igreja Universal, “**além de responder o porquê do sofrimento**, ainda oferece a possibilidade de vitória sobre tais tormentos. Uma vez feita a dupla associação - o sofrimento é causado pelo diabo” (ALMEIDA, 1996, negritos nossos).

Segundo Lima (2001), o neopentecostalismo caracteriza-se por uma experiência pessoal do fiel que prevalece sobre o conteúdo expresso na bíblia. Os adeptos do neopentecostalismo fundamentam muitas de suas crenças, práticas e decisões em experiências pessoais de caráter extático. “Revelações, profecias, ou falar em línguas (glossolalia), têm maior autoridade que a Bíblia”. Lima (2001) ainda informa que, no Brasil, o movimento neopentecostal originou-se entre as igrejas pentecostais, cujos cultos possuem ênfase acentuadamente emocional e possuem grande sentimento místico. É comum ouvir um fiel neopentecostal isolar o texto do contexto e afirmar “a letra mata, mas o espírito vivifica” recorrendo-se à passagem bíblica (II Coríntios 3:6b).

A explicação tanto dos sofrimentos quanto das alegrias humanas são fundamentais para que se fortaleça a exegese religiosa. Weber (1994, p. 314) explica os princípios que fundamentam a *teologia da prosperidade* atual da seguinte maneira:

Os afortunados raramente se contentam com o fato de serem afortunados. Além disso, **necessitam saber que têm o direito à sua boa sorte**. Desejam ser convencidos de que a “merecem” e, acima de tudo, que a merecem em comparação com outros. Desejam acreditar que os menos afortunados também estão recebendo o que merecem. **A boa fortuna deseja, assim, “legitimar-se”**. [...] Em suma, a religião proporciona a teodicéia da boa fortuna para os que são afortunados (negritos nossos).

De igual forma, a teologia da pobreza também precisa se fundamentada, pois os sofrimentos estão sob a supervisão divina. Weber (1994) explica que “as numerosas formas de punições e de abstinência em relação à dieta e sono, bem como às relações sexuais, despertam, ou, pelo menos, facilitam, o carisma extático, visionário, histórico de todos os estados extraordinários considerados como sagrados”. Tal explicação facilita a compreensão, sobretudo da catequese católica, pois os neopentecostais, com sua teologia da prosperidade, se distanciam de sofrimentos e provações divinas. Provavelmente a ascese católica se origina, conforme os estudos de Weber (1994) demonstraram, que do prestígio das punições resultou a noção de que certos tipos de sofrimento e estados anormais provocados pelas punições são caminhos para se alcançar poderes supra-humanos, isto é, mágicos. Weber (1994) complementa: a anunciação e promessa da religião dirigiram-se, naturalmente, às massas dos que necessitavam de salvação. Essa religiosidade pressupunha o mito de um salvador. Dessa forma, o sofrimento tornou-se o elemento mais importante para se compreender a dinâmica religiosa.

#### **1.4 Católicos e neopentecostais: variações cristãs em busca de salvação.**

Edward Tylor (*apud* TITIEV, 2002) deu uma das mais curtas definições de religião: “uma crença no sobrenatural”. Sobre esse breve conceito, Mello (2000, p. 390) explica “aí se encontram dois elementos importantes presentes, de maneira implícita ou explícita, em todas as religiões: a fé e o objeto da fé, o sobrenatural”. Como relação à fé, a religião conta com um corpo doutrinário, um verdadeiro sistema de mitos nos quais os crentes se apóiam na busca de explicações divinas, sobretudo para justificar sofrimentos e alegrias porque passam.

Ainda sobre o conceito de religião Trías (2000, p. 111) explica que esta “será entendida como ideologia e falsa consciência, forma opiácea de conduta substitutiva de

um mundo sem coração, forma vicária de felicidade”. A respeito desses dois conceitos supra pode-se estender sua compreensão a partir da intrínseca relação dos desejos humanos – frutos das necessidades humanas mais elementares com o imaginário mítico sobrenatural, as quais segundo a crença religiosa, podem ser resolvidas pela “crença no sobrenatural”.

A fim de compreender algumas faces do cristianismo, sobretudo a econômica Weber (1994, 2006), constitui referencial de leitura obrigatória para se compreender as relações estabelecidas entre religião e economia. Weber (2006) busca esclarecer as razões de se observar um maior desenvolvimento capitalista nos países de crença protestante. No século XIX, Weber observou que nesses países existiam uma maior proporção de protestantes entre empresários e trabalhadores com mão-de-obra mais qualificada do que os países tidos com maiorias católicas.

Segundo Neri (2006) a tese de Weber foi a de que o estilo de vida católico jogava para outra vida a conquista da felicidade. A culpa católica inibiria a acumulação de capital e a lógica da divisão do trabalho – motores fundamentais do desenvolvimento capitalista. A predisposição ao trabalho e ao estudo também não se destacaria ao grupamento católico. Recorrendo a um ditado da época: “entre bem comer ou bem dormir, há que escolher”, segundo Weber (2006), “o protestante quer comer bem enquanto o católico quer dormir sossegado”. Em seus estudos, Weber (1994, 2006) destaca a importância da reforma protestante no desenvolvimento capitalista, “não como um esquema causal mas um sistema de adoção de afinidades eletivas entre as inovações nas estruturas religiosas e econômicas” (NERI, 2006).

#### **1.4.1 Neopentecostais: a variante evangélica que mais cresce.**

Macedo (1989) explica que, na tradição latino-americana, todos os membros dos variados movimentos religiosos da "grande família protestante" são chamados *evangélicos*. Há, no entanto, uma importante diferenciação entre eles. De um lado, há os

fiéis das denominações chamadas *históricas* ou *tradicionais*, isto é, ligadas à Reforma protestante em suas origens européias, com Lutero e Calvino (entre outros), a partir do século XVI. Utiliza-se o termo “denominações” para os evangélicos:

São chamadas *denominações* porque constituem um movimento religioso particular e organizado, possuidor de um nome e de um organismo diretor. De outro lado, há os chamados protestantes de *conversão*, fiéis de movimentos organizados na história mais recente, principalmente na América, e que constituíram novas denominações. Destaca-se aqui o pentecostalismo, cuja expansão nos centros urbanos e entre as camadas mais pobres da população tem sido muito intensa. Seus fiéis certamente dirão que isso se deve à iluminação do Espírito Santo - pentecostalismo vem de Pentecostes, o dia em que, segundo a Bíblia, o Espírito Santo baixou sobre as cabeças dos apóstolos de Cristo sob a forma de línguas de fogo. (MACEDO, 1989)

Macedo (1989) se utiliza do seguinte depoimento de um fiel para explicar a transição entre denominações: "Eu renasci depois que conheci a Episcopal. Estava morta e nasci. Gostei e fiquei". Segundo ela, a idéia de renascimento é freqüentemente apontada como “uma marca do protestantismo, diferente do catolicismo, religião na qual se *nasce*”. E complementa: “O Brasil ‘nasceu’ com o catolicismo e este acabou por, de certo modo, se impor em nosso território, incorporando-se às nossas tradições e costumes básicos. Isso fez do protestantismo uma religião de conversão. Praticamente o inverso do que ocorreu nos Estados Unidos. Por isso, segundo Macedo (1989), em suas origens, o catolicismo confunde-se com o cristianismo propriamente dito e foi, em essência, uma religião de conversão. Apenas com a Reforma protestante, no século XVI, cristianismo deixa de ser sinônimo de catolicismo, quando as denominações protestantes se tornam variantes do cristianismo. Assim, arremata Macedo (1989):

É bastante plausível supor que o protestantismo enfatiza a noção de renascimento porque, no contexto histórico brasileiro, o catolicismo aparece naturalizado e dominante. A idéia de renascimento não é, portanto, marca do protestantismo, mas característica de *conversão*.

A partir da *conversão* os novos crentes aderem a uma estrutura bem diferenciada do catolicismo. Tal estrutura religiosa apresenta algumas características conforme Pinezi (2003) informa: as igrejas pentecostais valorizam o carisma<sup>21</sup> em suas práticas. O carisma também pode ser compreendido como elemento estruturador do culto e a postura exterior dos fiéis, sobretudo no que se refere ao tipo de indumentária e a sinais corporais, como o uso de cabelo longo para as mulheres e de cabelo curto e barba raspada para os homens, que constituem recursos simbólicos para traduzir uma identidade religiosa. Pinezi (2003) explica que os neopentecostais, por sua vez, dispensam essas representações em torno do corpo e suas práticas incluem a guerra espiritual contra o mal, expressa na cura divina pelo exorcismo, o transe, a subjetividade individual concretizada em surtos emocionais e a prática da glossolalia, sinal do batismo pelo Espírito Santo. A relação com o sagrado funda-se numa troca mediada pela fé, por meio da qual o fiel oferece bens materiais para receber bênçãos divinas. Desse modo, a teologia da prosperidade é elemento nuclear da doutrina e constitui característica significativa, sobretudo para a população pobre, que utiliza o corpo doutrinário a fim de enfrentar e resolver problemas do cotidiano, desde questões financeiras ou familiares até problemas de recuperação da saúde física ou mental.

Sobre a identidade do "neopentecostal", Mendonça (2004, p. 96) explica que esse grupamento religioso tem recebido o nome genérico de neopentecostalismo como signo representativo de uma ruptura final com o protestantismo<sup>22</sup>. No neopentecostalismo, a bíblia foi relegada a um segundo plano para ceder lugar ao uso mágico de suas palavras. Freston (1993) entende a Igreja Universal do Reino de Deus,

---

<sup>21</sup> Entende-se por carisma "a qualidade extraordinária que possui um indivíduo (condicionada de forma mágica em sua origem, quer se trate de profetas, de feiticeiros, de árbitros, de chefes de bando ou de caudilhos militares); em virtude desta qualidade, o indivíduo é considerado ora como possuidor de forças sobrenaturais ou sobre-humanas - ou pelo menos especificamente extra quotidianas, que não estão ao alcance de nenhum outro indivíduo - ora como enviado de Deus, ora como indivíduo exemplar e, em consequência, como chefe caudilho, guia ou líder" [...] Carisma que deve possuir os pastores de almas ou os heróis da fé (WEBER 1994, p.379).

<sup>22</sup> Hoje o pentecostalismo clássico não difere tanto do protestantismo, a não ser na sua insistência na repetição da experiência do pentecostes que o protestantismo recusa. Mendonça (2000, p. 96)

representante neopentecostal que mais cresce atualmente, como “uma atualização das possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo”. Para Matos (2007) a ênfase principal da mensagem iurdiana não é o batismo no espírito santo e a glossolalia (características preponderantes das igrejas pentecostais), mas a *teologia da prosperidade* na saúde, nas finanças e no amor. Para isso, centra-se em práticas exorcistas do demônio para que deus se faça presente na vida dos fiéis. Esse mesmo deus irá, segundo a tese neopentecostal (MACEDO, 1996) transformar a vida do crente “num verdadeiro paraíso”. Weber (1994, p. 351-379), explica o sucesso nas atividades aquisitivas religiosas a partir da análise que faz do povo judeu:

O sucesso nas atividades aquisitivas passou a ser cada vez mais, para o judeu, uma prova tangível da graça pessoal de Deus. “Rigorosamente ‘monoteístas’ são, no fundo, somente o judaísmo e o islã, e este último apenas de forma atenuada, em virtude da penetração posterior do culto aos santos. Mas a trindade cristã parece ser substancialmente monoteísta, enquanto que o culto das missas e dos santos do catolicismo está de fato muito próximo do politeísmo” . [...] O reconhecimento pessoal expresso de dogmas, chamado tecnicamente de *fides explicita* no cristianismo, está para o protestantismo na base da “justificação pela fé”. Em oposição, o dogma católico que se opõe à justificação pela fé protestante é a “fé com obras”.

Pelo exposto acima, Weber (1994) realiza uma análise comparativa entre catolicismo e protestantismo, dois sistemas religiosos antagônicos. Ao trabalhar o conceito de dogma opostos, o sociólogo alemão demonstra que tanto um quanto o outro sistema religioso (catolicismo/protestantismo) se exclui mutuamente, pois a fé com obras católica se distancia em campo oposto à doutrina da fé sem obras, que se tornou no “evangelho” de Lutero (BETTENCOURT, 1995). Além disso, Weber (1994) aborda sobre o poder atribuído aos sacerdotes. Estes poderiam transferir de si próprios para Deus a responsabilidade pelo fracasso de suas promessas, mas neste caso Weber (1994, p. 296) ainda prevê:

Mas o declínio do prestígio de seu deus [dos fiéis] significa também o deles [dos sacerdotes]. A não ser que encontrem meios para interpretar convincentemente a falta de êxito, de tal modo que a responsabilidade não recaia sobre o deus, mas sobre o comportamento e seus adoradores. Os crentes não veneraram bastante o deus, não satisfizeram sua apetência de sangue de vítimas ou de filtro de soma o suficiente, ou até o pospuseram a outros deuses. Por isso ele não atende a suas súplicas.. [.....] O desejo de participação no reino messiânico leva à intensificação das atividades religiosas. Nasce uma enorme excitação religiosa quando parece iminente o advento do reino divino neste mundo. Sempre de novo aparecem profetas que o anunciam. No entanto, se demora demasiadamente esse advento, é quase inevitável a consolação com as esperanças de um futuro no "além".

Weber (1994) aprofunda na explicação do que ele chama de “religiosidade sistematicamente teologizada”. Para ele, tal categoria faz com que nasça em seu meio uma aristocracia dos “dogmaticamente instruídos e cientes, os quais então, em grau e com êxito diversos, fazem questão de ser os verdadeiros portadores dessa religiosidade”. Para reforçar sua tese, Weber ainda lembra um fato muito comum:

A idéia ainda hoje muito popular entre os leigos de que o pároco deva mostrar-se capaz de compreender e crer mais do que o intelecto humano comum – concepção difundida, sobretudo entre os camponeses – é apenas uma das formas de manifestação da qualificação “estamental” em virtude de “instrução”, fenômeno que encontramos em toda burocracia estatal, militar, eclesiástica e privada (WEBER, 1994 p. 379).

Tais crenças criam um clima favorável ao surgimento de “messias” conforme Pereira (2001, p. 26), para quem o messias é um o personagem concebido como um guia divino que deve levar o povo eleito ao desenlace natural do desenrolar da história, isto é, à humilhação dos inimigos e ao restabelecimento de um reino *terreno* e glorioso para Israel. A vinda deste reino coincidirá com o "fim dos tempos" e significará o restabelecimento do paraíso na terra. WEBER (1994) analisa o termo exaustivamente e chega à definição objetiva:

O messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do

Paraíso Terrestre, tratando-se, pois de um líder religioso e social. O líder tem tal *status* não porque possui uma posição dentro da ordem estabelecida, e sim porque suas qualidades pessoais extraordinárias, provadas por meio de faculdades mágicas ou estáticas, lhe dão autoridade; trata-se, pois, de um líder essencialmente carismático. Assim, age graças ao seu dom pessoal apenas, colocando-se fora ou acima da hierarquia eclesiástica ou civil existente, desautorizando-a ou subvertendo-a, a ruptura de ordem estabelecida podendo ser breve ou de longa duração.

Nesse sentido, observa-se o surgimento de novos “messias” em todos os tempos da humanidade. Segundo Pereira (2001), o messianismo se afirma, pois, como uma força prática, e não como uma crença passiva e inerte de resignação e conformismo: “diante do espetáculo das injustiças, o dever do homem é trabalhar para saná-las, pois sua é a responsabilidade pelas condições do mundo”. E, desde que a crença se inicia, dá, então, lugar ao movimento messiânico, que se destina a consertar aquilo que existe de errado, pelo menos a idéia daquele que se julga “o messias”.

Pereira (2001) informa que o messias tem diversos objetivos: políticos, sociais, econômicos (conforme se localizem os erros neste ou naquele setor) – religiosamente alcançáveis, isto é, por meio de rituais especiais um enviado divino é revelado aos homens a fim de “resolver” as demandas cotidianas de uma sociedade.

Normalmente, os movimentos messiânicos registram a figura masculina, conforme a cosmogonia bíblica apresenta multiforme. Os movimentos messiânicos têm sempre a mesma forma: "um indivíduo religioso é levado a profetizar; apresenta-se como a encarnação do Verbo - anuncia os últimos tempos, - agrupa discípulos e investe-os de poder místico, - coloca-se, dessa maneira, acima da hierarquia eclesiástica" (ALPHANDÉRY, 1905 *apud* PEREIRA, 2001).



## CAPÍTULO II

Na verdade o homem crê que o mau estado em que se encontra é decorrente de seus escrúpulos, de seus “**pecados**”, de “sua crítica pessoal”... Mas se restabelece, muitas vezes após um estado de prostração e de profundo esgotamento. “Como é possível que eu seja tão livre, tão libertado? É um milagre. Só Deus podia fazê-lo por mim.” Conclusão: “Ele perdoou meus **pecados**...” (aforisma n. 88)

O homem tornado inofensivo em relação a si mesmo e aos outros, enfraquecido, abatido na humildade e na resignação, consciente de sua fraqueza, o “**pecador**” — eis o tipo mais desejável aquele que se pode *produzir* com um pouco de cirurgia da alma... (aforisma n. 96)

O traço capital [do judaísmo] era o de ter confundido a *culpa* e a *desgraça* e de transformar toda culpa em **pecado** ante Deus: o cristianismo eleva tudo isso à segunda potência. (aforisma n. 99)

A idéia do “**pecado**”, do “perdão”, da “punição”, da “recompensa”, tudo quanto não tinha nenhum papel e estava quase *excluído* do primeiro cristianismo, tudo isso foi posto imediatamente em *primeiro plano*. (aforisma n.131)

É uma *desnaturação da moral* o querer separar os homens das ações que executam; o querer volver o ódio e o desprezo contra o “**pecado**”; o acreditar que existem atos, que por si mesmos são bons ou maus. (aforisma n.188)

Conclusão cristã: “Tudo é **pecado**, até nossas virtudes.” O homem é absolutamente mau. A ação desinteressada é *impossível*. **Pecado** original. Em suma, após ter colocado seus instintos em contradição com um mundo puramente imaginário do bem, finalizou pelo desprezo de si e tornou-se incapaz de se entregar aos atos “bons”. (aforisma n. 354)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm  
*Vontade de Potência: ensaio de uma transmutação de todos os valores*  
(negritos nossos).

## 2. Cristianismo fundamentalista e o *tríplice argumento* da persuasão religiosa

Há anos os fundamentalistas religiosos se utilizam de silogismos em seus discursos doutrinários por meio de uma prática religiosa excludente que simplesmente nega o natural. Os profissionais da fé institucionalizada, isto é, aqueles que utilizam a religião como principal instrumento de trabalho e às vezes único ganho financeiro, costumam negar o instinto humano bem como ainda se recusam em debater questões prioritárias para o desenvolvimento humano e a valorização da vida. Exemplos disso são os anátemas lançados sobre temas como o uso da camisinha, a liberdade sexual, sobretudo a homossexualidade, o uso da riqueza para fruição e gozo da prosperidade financeira, o aborto ou as pesquisas com células-tronco a partir de embriões – questões ainda execradas em praticamente todas as variantes religiosas do cristianismo<sup>23</sup>.

De amplo alcance social, principalmente no mundo ocidental, o cristianismo, enquanto filosofia de vida impõe segundo cada variante religiosa que o interpreta, determinado modo de vida a milhões de pessoas. É notório que a mística da religião além de influenciar parece favorecer a solução de toda sorte de dissabores. Macedo (1989, p.58) explica que entre o grupo religioso neopentecostal os pastores “parecem acalmar as inquietações das classes subalternas e orientá-las para uma perspectiva de maior sucesso na vida”. Pois o caminho pelo qual se chega às religiões é “sempre um caminho social uma vez que a religião é parte do sistema de vida de um povo; enquanto cultura envolve não só as crenças mas também as condutas<sup>24</sup>”. Por isso torna-se importante o estudo de como os profissionais da fé realizam o ofício de doutrinar pessoas, sobretudo, para compreender a religião que se molda enquanto sistema que *conduz e ordena* vidas por meio da palavra escrita e oral.

---

<sup>23</sup> Desde sua fundação e principalmente durante a Idade Média a igreja católica tenta limitar temas que fogem ao seu controle doutrinário, como “era de se esperar numa sociedade sexualmente reprimida e dominada pelos homens, em que os inquisidores eram tirados da classe de padres pretensamente celibatários. [...] mas os inquisidores e os torturadores estavam fazendo a obra de Deus. Estavam salvando almas. Estavam derrotando os demônios” (SAGAN, 2006, p. 145-146)

<sup>24</sup> MACEDO, 1989, p.10-11

Martins e Theóphilo (2007, p. 99) explicam que “mais do que passar informações, o objetivo do discurso de maneira geral é **obter a adesão** por meio da utilização da linguagem **como forma de persuadir**, seja de forma conspícua ou não” (negritos nossos). Neste sentido, o discurso religioso é rico em exemplos desse tipo de linguagem. Ao dificultar a percepção da sua ação subjetiva, os discursos religiosos têm apresentado diversas “soluções” aos problemas da vida humana, principalmente sobre as questões morais, pois à religião coube revelar ao ser humano “as certezas absolutas, as verdades secretas, o paraíso eterno”.

Normalmente, baseados em uma leitura restrita da bíblia, os profissionais da fé adaptam seus discursos às diversas circunstâncias da vida dos fiéis a um modelo de representação lingüística apoiado em um *tríplice argumento*<sup>25</sup>: deus, pecado e demônio. Pois foi observado<sup>26</sup>, que as práticas lingüísticas orais dos profissionais da fé neopentecostal tendem a se repetir em um mesmo padrão silogístico: 1º. O ser humano tem um vazio, 2º. O vazio é a ausência de deus, logo, 3º. A falta de deus é a presença do demônio. Para ilustrar essa proposição, que em última análise parece ser a “causa”, segundo o modelo fundamentalista, dos males que atingem o ser humano esta investigação apontou o elemento “pecado” como *argumento-fundante* com o qual os religiosos neopentecostais fundamentam o motivo “da falta de deus” ou do distanciamento deste para com os homens e, principalmente, as conseqüências nefastas deste afastamento divino: o homem fica, assim, à mercê de toda sorte de males. Nesse

---

<sup>25</sup> Expressão que sintetiza o silogismo exposto nessa pesquisa. Assim, deus e o demônio, como binômio inseparável de um poder sobrenatural são as respostas ao pecado (natural e humano). Juntos – deus, o demônio e o pecado, “produzem” a ordem do discurso religioso. Mas desses três elementos, o terceiro é o que determina a qualidade da retribuição da dádiva, pois por meio do pecado, ou de sua ausência, o fiel religioso recebe, por assim dizer, as conseqüências de seus atos (divinos ou demoníacos). Neste sentido, segundo a dádiva original, deus e o demônio são simplesmente os resultados da presença ou ausência do pecado. Chamo de *tríplice argumento*, pois seus elementos, no discurso religioso, estão indissociados. Sem essa tríade argumentativa o discurso neopentecostal perde o poder de coerção, a força e o sentido de existir. No cristianismo, deus “precisa” do demônio, assim como a igreja “precisa” do pecado para “salvar” o fiel.

<sup>26</sup> Refiro-me a coleta de dados (*corpus* fundamentalista) que realizei durante os dois últimos anos (2006-2007) em 3 (três) igrejas e em 5 (cinco) emissoras de rádio FM em Montes Claros - MG.

sentido, a conclusão a que se chega pela propositura silogística encontrada no desenvolvimento desse estudo é pela confirmação das hipóteses, pois conforme visto nos discursos dos profissionais da fé, a presença do demônio (pela ausência de deus) “provoca” diversos males na vida do crente.

É importante lembrar que, desde o início, o cristianismo foi uma religião de salvação, de massas e de caráter urbano e progressista. Como esclarece MACEDO (1989, p.27) o cristianismo “revolucionou o Império romano e, até hoje, *readaptando-se*, continua a transformar o mundo” (grifos nossos).

No processo de “readaptação” o cristianismo fundamentalista finca suas profundas raízes por meio da dominação ideológica, principalmente dirigida a grupos excluídos – socialmente desprivilegiados em política para a cidadania de inclusão. Talvez por isso, dificilmente algum religioso irá se autodenominar *fundamentalista*, motivo pelo qual esta pesquisa busca nos discursos orais de pastores o cotidiano de suas práticas profissionais no terreno da fé. Não é fácil se assumir fundamentalista, pois seu próprio conceito restringe a reflexão e fecha ao diálogo.

Em seus estudos, Macedo (1989) lembra constantemente que é importante considerar a necessária contribuição multidisciplinar para a compreensão dos problemas humanos. Nesse sentido, análises situadas em outras perspectivas são, não apenas complementares, como fundamentais para uma visão global da religião. Ainda segundo Macedo (1989), quanto mais os cientistas buscam um diálogo com a filosofia, as artes, a teologia, menos possível se torna acreditar na existência de uma “verdade” sobre o mundo. Toda a compreensão de um vasto conjunto de crenças e práticas religiosas e mágicas, ritos e mitos, é, de crucial importância para os homens em seus momentos difíceis, pois fornece um quadro explicativo sobre a natureza do universo e o sentido da vida. A religião aparece como resposta nos domínios do sagrado nas circunstâncias em que os homens estão mais ameaçados<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> “Isso ocorre porque o conhecimento científico é limitado, o religioso não. A religião explica as lacunas que a ciência deixa. O fato é que os dois conhecimentos não se misturam”, conforme

Por mais estranho que pareça, o mito adâmico ainda é bastante difundido e “ensinado” às crianças e adultos (fiéis religiosos). Esse mito pode ser considerado um bom exemplo para se iniciar a compreensão da gênese do discurso fundamentalista religioso e também para o entendimento da dádiva religiosa: aquela que se estabelece originalmente *sem intermediários* nas relações do homem com o sobrenatural (deus ou demônio), conforme relata o mito adâmico. Com o advento das igrejas, a dádiva passa a ser realizada *com intermediários* - profissionais da fé institucionalizada, pessoas *capazes* de interpretar a vontade de deus na terra.

Sem aprofundar na doutrina das igrejas cristãs, pois este não é o objetivo deste estudo, não se pode deixar de mencionar que, de uma forma geral, o cristianismo está fundado na idéia de que deus quer refazer a aliança com os homens, levando-os de volta ao jardim do Éden. Dessa forma, fomes, doenças, distúrbios que acometem a humanidade estariam abolidos. Com o pecado (original) o homem foi expulso do Éden, perdendo todas as suas regalias, pois *quando o homem pecou contra deus, se afastou do criador e tornou-se escravo do demônio*. Mas, como deus também representa a bondade infinita, não desistiu de refazer a aliança com o homem e de trazê-lo ao seu estado primitivo, ao seu estado natural, que é o de graça, virtude, felicidade e abundância.

## **2.1 Variantes discursivo-religiosas de uma mesma ideologia: coesões lingüísticas para manutenção do poder e prosperidades**

O que dá ao catolicismo sua característica específica é exatamente a capacidade de abrigar e fazer co-existirem as diferenças, fazendo permanecer a aparente unidade que, em última instância, é *católica* (ou seja, universal) e garantida

---

esclarece o professor Carlos Roberto Pires Campos (08/12/2008), Doutorado em História Social da Cultura - Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil (2003) e Professor titular do Centro Universitário São Camilo Espírito Santo , Brasil.

pela autoridade do papa em Roma (MACEDO, 1989). O mesmo não ocorre com o neopentecostalismo, pois suas variações, sob a forma de diversas igrejas vêm exatamente de sua estrutura fragmentada (PIERUCCI, 1992). Qualquer pessoa, em tese, pode abrir uma igreja evangélica e se auto-denominar “neopentecostal” com práticas similares ou com pequenas variações. O mesmo não ocorre com a igreja católica, cuja fiscalização é dirigida e centralizada pelo Vaticano.

Em outras religiões, completa Macedo (1989), a diferença provoca cismas; no catolicismo, a diferença se abriga no interior de uma ampla hierarquia. Talvez seja exatamente essa habilidade política de fazer coexistir o diverso que tenha garantido à Igreja a preservação de sua importância no mundo moderno.

Quanto à estrutura de poder, as duas igrejas ou correntes cristãs estão apoiados num universo masculino. No catolicismo, as freiras ou irmãs religiosas não são o equivalente dos padres, pois o sacerdócio como sacramento só é acessível aos homens. Nas igrejas neopentecostais, sobretudo na Universal, analisada aqui, a estrutura de poder não se modifica muito da católica, pois às mulheres é destinada apenas funções de auxílio ao homem, conforme a prédica dos pastores iurdianos (Cf. Macedo, 1996). Nessas igrejas é dito, em alto e bom som, que “às mulheres cabe a tarefa de servir ao homem, sendo-lhe submissa”. Onfray (2005), ao estudar a linguagem e os dogmas que dominam as religiões, sobretudo, o cristianismo conclui que:

Os sacerdotes se limitam a usar apenas um punhado de palavras, textos e referências, sempre postos em evidência porque são aqueles trechos que permitem assegurar melhor o domínio sobre os corpos, os corações e as almas dos fiéis. A mitologia das religiões precisa de simplicidade para se tornar mais eficaz. Ela faz uma promoção permanente da fé em detrimento da razão, da crença diante da inteligência, da submissão ao clero contra a liberdade do pensamento autônomo, da treva contra a luz. [...] É preciso mostrar que o rei está nu, deixar claro que o mecanismo das religiões é o de uma ilusão. É como um brinquedo cujos mistérios tentamos decifrar quebrando-o. O encanto e a magia da religião desaparecem quando se vêem as engrenagens, a mecânica e as razões materiais por trás das crenças. (ONFRAY *apud* FONTENELLE, 2005)

Segundo Francisco (*apud* PEREIRA; LINHARES, 2006), atualmente ocorre uma importante mudança na dinâmica discursiva dos novos líderes evangélicos ao buscarem inserir, em seus discursos, fórmulas de auto-ajuda na oratória religiosa. Assim, tanto o discurso religioso pentecostal quanto o neopentecostal prometem o mesmo resultado: a felicidade e a prosperidade no aqui - agora. Diferente do discurso católico, que posterga a felicidade humana para o *post-mortem*. Ainda segundo Francisco (2006), a preleção dos líderes neopentecostais “dá mais ênfase ao pragmatismo e à proatividade do fiel do que ao sobrenatural”. E uma atitude positiva frente aos desafios impostos pela vida deverá favorecer o equilíbrio dos discípulos bem como a realização suas necessidades postas sob a forma de pedidos a deus.

Essa pesquisa procurou, a partir do exercício da observação em diferentes contextos religiosos, apresentar, como postula Geertz (1999), uma descrição densa da realidade considerando a teia de relações sociais que se estabelece nos grupos religiosos. No entanto, é preciso reconhecer que tal empreitada se restringiu nos próprios limites desse trabalho acadêmico. Entre certezas absolutas no reino da fé, vale lembrar as recomendações de Solomon (2004):

Há muitos caminhos... Muitos mostrados pelas religiões, mas o primeiro passo [para a compreensão do mundo] é parar de levar o ceticismo tão a sério. Dizer a si mesmo: “bom, eu não sei tudo” e se abrir para perguntar a si próprio sobre pessoas religiosas que você conhece: “o que elas estão experimentando que eu não estou?” [...] Eu quero defender a ciência, mas não quero dizer que ela é a única coisa que há. (SOLOMON, 2004).

Felizmente, Alves (2006) lembra que a intenção da religião não é explicar o mundo: “Ela nasce justamente do protesto contra este mundo que pode ser descrito e explicado pela ciência. A descrição científica, ao se manter rigorosamente dentro dos limites da realidade instaurada, sacraliza a ordem estabelecida das coisas”. [...] A religião, completa Alves (2006), ao contrário, “é a voz de uma consciência que não pode

encontrar descanso no mundo, tal como ele é, e que tem como seu projeto utópico transcendê-lo”.

## **2.2 Ampliação da consciência humana pela via discursivo-religiosa: um conceito de desenvolvimento**

Diante de tantas adjetivações para o desenvolvimento (desenvolvimento social, econômico, ecológico, agrícola, humano, dentre outros) também me arrisco em acrescentar mais uma qualificação ao seu conceito. Assim, na perspectiva dessa pesquisa discursivo-religiosa, desenvolvimento pode ser entendido como uma ampliação sistemática da consciência humana em direção às realizações pessoais – patrocinadas pelo *verbo humano dos profissionais da fé, que se constitui no “deus” das transformações sociais*. Ou seja, desenvolvimento são as mudanças positivas que se operam na vida dos fiéis, motivadas por uma ideologia religiosa calcada na teologia da prosperidade. Tal é o conceito de desenvolvimento adotado nessa pesquisa e que se encontra implícito no título dessa dissertação: ***Vozes Neopentecostais: um clamor desenvolvimentista em nome de deus***. Deus, nesse caso, pode ser substituído, sem temor, pelo termo “discurso”, pois, de fato, o discurso aqui exposto se transmuta no “deus” das mudanças, das benesses, dos “projetos desenvolvimentistas” em prol de um mundo melhor, mais igualitário, mais solidário, mais inclusivo; com menos fome, menos doenças ou distúrbios físicos ou psíquicos.

A transformação em prol do desenvolvimento pessoal se realiza, portanto, para aqueles que aderem os discursos da fé e praticam-nos com a certeza suficiente capaz de transformar suas vidas para melhor. Esse corpo doutrinal religioso, consubstanciado no verbo dos profissionais da fé, pode e deve ser criticado – até mesmo como uma mera receita de felicidade, mas não se pode negar alguns de seus efeitos pragmáticos de transformação positiva na vida dos alguns fiéis religiosos, conforme registrado em diversos depoimentos (Apêndice A), “testemunhos de fé”, na linguagem religiosa, pois alguns crentes saem dessa relação discursivo-religiosa melhorados em



muitos aspectos da vida, outros, abatidos. Ainda assim, o discurso neopentecostal continua a se apoiar sempre na mudança, no desenvolvimento, na transformação, enfim, no “milagre”, para aqueles que assim crêem.

De fato, a análise discursiva realizada está direcionada para compreender mudanças de posturas pessoais: de um estado de penúria individual para um estado de abundância das coletividades em torno de uma ideologia religiosa, afinal, aqueles discípulos bem-postos social e economicamente se convertem automaticamente em sócios da empresa evangélica, *fundamentados* pelo dever de pagar a igreja, no mínimo, em 10% de tudo o que conseguirem de prosperidade financeira.

A transformação do *status quo* do fiel religioso, financeiramente derrotado, em dizimista fiel (financeiramente “erguido”), se torna o corolário do neopentecostalismo, com vista a auferir as benesses divinas e uma resposta prática à economia dos dons<sup>28</sup> em que se articula o discurso neopentecostal e demais discursos religiosos assentados no messianismo.

O dízimo, portanto, é compreendido não como uma oferta espontânea a deus, mas um *dever* que o fiel religioso *tem a obrigação de* cumprir para que as benesses divinas se perpetuem em suas vidas. Nesse sentido, ele se afasta do conceito da dádiva de Mauss (2001) uma vez que esta deve iniciar o circuito de trocas de forma livre e espontânea. No entanto, o discurso religioso é farto de exemplos na coleta de dons e contra-dons dos fiéis religiosos. Um exemplo é a instituição das “ofertas”. Diferente do dízimo (obrigatório), as ofertas devem ser doações “espontâneas” dos fiéis religiosos à igreja.

---

<sup>28</sup> Economia do dom ou Economia da Dádiva são expressões normalmente usadas para referir-se ao conceito de dom (do francês *don*), de Marcel Mauss, apresentado no texto *Essai sur le don*, 1924.

## 2.3 Sobre o espírito da coisa dada: do povo maori à dádiva original

Mauss (1974, p.54) descreve o povo Maori<sup>29</sup> ao explicar os vínculos do objeto dado entre aquele que recebe e o dono da coisa dada, as relações de trocas entre beneficiários e donatários. Na abordagem dessas relações acaba por explicar alguns termos próprios da linguagem do povo Maori, que facilita, por aproximação conceitual, a compreensão do estudo sobre a dádiva religiosa – aquela que, nas relações de troca, vincula o homem à divindade. A explicação maussiana sobre as coisas (*taonga*) aumenta o entendimento sobre o dinamismo das coisas dadas em função de preceitos religiosos:

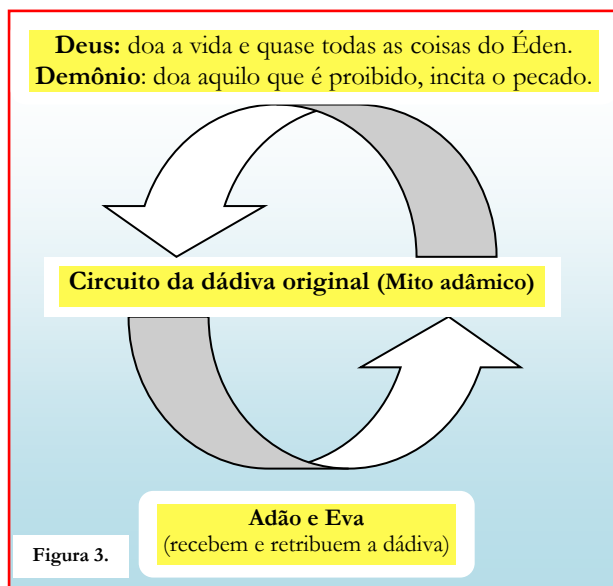
Os *taonga* estão, pelo menos na teoria do direito e da religião maori, fortemente ligados à pessoa, ao clã, ao solo; são o veículo de seu mana, de sua força mágica, religiosa e espiritual. [...] A propósito de *hau*<sup>30</sup>, do espírito das coisas, e, em particular, da floresta, ou da caça que ela contém, Tamati Ranaipiri, um dos melhores informantes maiori de R. Elsdon Best, dá-nos de maneira inteiramente casual, e sem nenhuma premiação, a chave do problema. “Vou falar-lhe do hau... O *ahu* não é o vento que sopra. Nada disso. Suponha que o senhor possui um artigo determinado (*taonga*), e que me dê esse artigo; o senhor o dá sem um preço fixo. Não fazemos negócio com isso. Ora, eu dou esse artigo a uma terceira pessoa que, depois de algum tempo, decide dar alguma coisa em pagamento (*utu*), presenteando-me com alguma coisa (*taonga*). Ora esse *taonga* que ele me dá é o espírito (*hau*) de *taonga* que recebi do senhor e que dei a ele. Os *taonga* que recebi por esses *taonga* (vindos do senhor) tenho que devolver-lhe. Não seria justo (*tika*) de minha parte guardar esses *taonga* para mim, quer sejam **desejáveis** (*rawe*) ou **desagradáveis** (*kino*). Devo dá-los ao senhor, pois são um *hau* de *taonga* que o senhor me havia dado. Se eu conservasse esse segundo *taonga* para mim, isso poderia trazer-me um mal sério, até mesmo a morte (MAUSS, 1974, p. 53, negritos nossos).

O sentido da explicação recai fortemente para uma melhor compreensão daquilo que ocorre com o “espírito” das coisas dadas, segundo uma interpretação

<sup>29</sup> Povo indígena da Nova Zelândia.

<sup>30</sup> A palavra *hau* designa, como o latim *spiritus*, ao mesmo tempo o vento e a alma; mais precisamente, ao menos em determinados casos, a alma e o poder das coisas inanimadas e vegetais (MAUSS, 1974, p. 53).

fundamentalista cristã em torno do mito adâmico. Na representação do diagrama abaixo (fig. 3), o início mítico do circuito da dádiva começava com a doação de deus e, posteriormente, do demônio<sup>31</sup>. Adão e Eva, figuras míticas, simbolizam os primeiros



receptores da dádiva. Assim, retribuem a deus ou ao demônio, conforme sua obediência ou desobediência às determinações impostas pelo criador. Segundo o mito do pecado original, quando Adão e Eva foram criados por deus (receberam a existência, isto é, a dádiva da vida) o que incluía uma vida plena de

abundâncias e realizações no paraíso, sem trabalho, sem doenças, com alimentos, água e sexo abundantes, sem preconceitos, sem poluição. Enfim, suas vidas eram plenas e, em retribuição, deveriam “apenas” ser fiéis aos mandamentos do criador, sobretudo não comendo do fruto proibido da “árvore da ciência, do bem e do mal”. Ao respeitar essa determinação divina, Adão e Eva estavam, por assim dizer, confirmando o circuito da dádiva original – aquela na qual o ato de retribuir o que foi ganho é dirigido diretamente (sem intermediários) ao ente que doou, no caso, deus.

Por outro lado, conforme conta o mito, a serpente (demônio) seduziu Eva para que comesse do fruto proibido. Ao recebê-lo, Eva experimentou do fruto e o deu a Adão. Neste momento, o circuito da dádiva original também se concretizou, mas, desta vez, a origem do doador era o demônio. Estranhamente, conforme o mito, as

<sup>31</sup> Neste estudo, deus e o demônio se fundem conceitualmente. São compreendidos aqui como os lados de uma única fonte de poder e coerção e não como entidades separadas. Mas, diferenciam-se entre si pela qualidade da retribuição da dádiva aos fiéis religiosos. Ou seja: se o fiel religioso recebe coisas boas em sua vida (supostamente, retribuições de deus) deverá ser porque ofertou uma boa dádiva à deus; se má for a sua oferta ou omisso seus atos às leis do criador, deverá receber coisas ruins (supostamente, retribuições do demônio). De um ou de outro modo, sempre haverá retribuição (boa ou ruim, logo, desejáveis ou indesejáveis - *rawe* ou *kino*) aos fiéis, conforme a qualidade da oferta de suas dádivas.

conseqüências (retribuições) por ter recebido a dádiva demoníaca (comer do fruto proibido) não vieram do demônio, mas do próprio deus. Pela desobediência marcada pelo pecado original, os primeiros habitantes da terra foram condenados à expulsão do Éden e sujeitos a todos os males que havia fora dele. Assim, Adão e Eva receberam a ira e a expulsão do paraíso diretamente do criador. Bakunin<sup>32</sup> critica fortemente essa retribuição divina da seguinte forma:

Jeová, que, de todos os bons deuses adorados pelos homens, foi certamente o mais ciumento, o mais vaidoso, o mais feroz, o mais injusto, o mais sanguinário, o mais despótico e o maior inimigo da dignidade e da liberdade humanas. Ele pôs, generosamente, à disposição deles [de Adão e Eva] toda a terra, com todos os seus frutos e todos os seus animais, e impôs um único limite a este completo gozo: proibiu-os expressamente de tocar os frutos da árvore de ciência.

Com efeito, pelo que se percebe, a “árvore do bem e do mal” foi o único limite que deus impôs aos primeiros habitantes do Éden. Enquanto Adão e Eva cumpriam as palavras de deus praticavam a retribuição da dádiva, pois conforme mostra a história bíblica, deus se alegrava porque Adão era obediente<sup>33</sup>. Logo, no mito adâmico pode-se pensar em relações de trocas em que existem os elementos da dádiva, pois deus dava a Adão tudo quanto ele precisava. Este, por sua vez, recebia de deus todos os bens (inclusive sua própria vida) e retribuía a deus sendo-lhe obediente. De igual forma, deus retribuía a Adão a dádiva de sua obediência, formando, assim, o que chamamos aqui de “*circuito da dádiva original*”. A obediência era a moeda-corrente de Adão e Eva para mantê-los naquele paraíso. No momento em que o casal adâmico descumpriu essa determinação, a dádiva fora rompida, baseada na quebra da reciprocidade. Segundo Godbout (1999, p.113):

---

<sup>32</sup> BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. Este título não é de autoria de Bakunin, mas recupera a primeira edição de sua obra, de 1882, organizada por Carlo Cafiero e Elisée Reclus, publicada em Genebra pela Juraciana. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/deuseoestado.htm>> Acesso em: 26/09/2007 15h29min.

<sup>33</sup> Cf. Gêneses cap. 2-3 *passim*.

A dádiva mascara outra coisa [...] a relação da dádiva é antes de mais nada um fenômeno de reciprocidade. [...] todos compartilharam da surpresa inicial de Mauss quando ele começou a observar as relações de dádiva, em face da obrigação de retribuir, que se torna ao mesmo tempo a coisa a ser explicada e a essência de toda relação de dádiva, sua verdadeira natureza, aquela que se esconde por trás das afirmações de gratuidade dos atores. Donde se conclui que a essência da dádiva não é a dádiva. É o que expressa a idéia de reciprocidade como fundamento da dádiva”

Mauss (1974, p.45) declara que essas prestações e contra-prestações que envolvem a dádiva são “feitas de uma forma sobretudo voluntária, por presentes, regalos, embora seja, no fundo, rigorosamente obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública”. Ao que parece, a quebra do circuito da dádiva original (do mito adâmico) gerou, conforme visto, uma verdadeira “guerra privada e pública” entre o homem e deus e, por expansão, a toda a humanidade, pois a “maldição” imposta a Adão e Eva (quando da expulsão do paraíso) foi estendida a todos os descendentes da raça adâmica<sup>34</sup>. Nesta compreensão, Mauss (1974, p. 58) ainda complementa: “Recusar-se a dar, deixar de convidar ou recusar-se a receber equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão”.

A teoria da dádiva permanece intacta na contemporaneidade, conforme Mauss (1974, p. 178) previu:

É possível estender essas observações às nossas próprias sociedades. Uma parte considerável de nossa moral e mesmo de nossa vida continua estacionada nesta mesma atmosfera de dádiva, de obrigação e de liberdade misturadas.

De igual forma ao que Mauss explica, as relações entre o *dar*, o *receber* e o *retribuir* também ocorrem em diversos segmentos do cristianismo e demais religiões mediadas por *embaixadores celestiais* na terra. No entanto, a simples compreensão dessas relações intermediadas pelo humano na construção do divino, não eliminam ou

---

<sup>34</sup> Segundo a leitura fundamentalista em Gênesis 2-3, a raça adâmica é representada por todos os descendentes do primeiro casal (Adão e Eva) que habitou a terra, portanto, de onde se originou toda a humanidade atual.

diminuem o caráter transcendente da maneira como deus se manifesta na transformação da vida de cada fiel. Por isso, mesmo que imaginária, pois um dos elementos dessa intermediação não é material, a dádiva religiosa institucional, se corporifica como um elemento “natural” nas relações de poder. Assim, deus passa *despercebido* como uma construção cultural para se firmar como elemento transformador de vidas.

## 2.4 Fundamentalismo bíblico e a ordenação de comportamentos sociais: origem da dádiva religiosa institucional

A leitura fundamentalista do texto bíblico, conduzida pela oratória dos profissionais da fé, consegue ordenar os comportamentos dos fiéis. Desta forma, a doutrina religiosa ordena a maneira de pensar e agir de grandes grupos sociais vinculados às respectivas igrejas e credos. Afastar-se deste modelo de ordenamento religioso, segundo a doutrina que os fundamenta, é estar, indubitavelmente, em pecado.

Essa relação dicotômica com o sagrado (ou é sim ou não<sup>35</sup>) pode ser registrada em profusão a qualquer hora do dia e da noite, em alto e bom som nos diversos meios de comunicação, inclusive nas portas das igrejas – armadas com potentes amplificadores para que “a voz do povo de deus atinja os céus<sup>36</sup>”.

A forma de interpretar a doutrina religiosa, segundo a religião institucional – fundada em igrejas constituídas por profissionais da fé preparados para o ofício de interpretar, segundo as palavras de um ente sobrenatural ou de textos sagrados, estabelece, necessariamente, uma nova formatação no circuito da dádiva. Dessa forma,

---

<sup>35</sup> Religiosos fundamentalistas costumam recorrer constantemente ao texto bíblico para fundamentar suas falas e comportamentos. No evangelho de Mateus encontra-se um bom exemplo de “argumento” recorrente utilizado entre os religiosos de matriz neopentecostal: “O vosso falar seja **sim sim, não não** porque tudo o que passa disso vem do Maligno” (Mt. 5:37, negritos nossos).

<sup>36</sup> Fala comum de pastores, padres e fiéis de matriz neopentecostal ao serem questionados sobre o grande barulho que produzem em suas igrejas. Em maio de 2007, uma igreja neopentecostal localizada na região central da cidade Montes Claros – MG foi obrigada, após muitas reclamações de seus vizinhos, a construir uma espécie de barreira anti-ruído para não incomodar o comércio local.

as igrejas assumem o papel central como receptoras da dádiva, pois elas se tornaram normatizadoras dos desejos divinos. Como a exegese bíblica dá margem a múltiplas interpretações, deus “fala” por meio das particularidades de cada doutrinador. De uma forma ou de outra, as igrejas assumiram para si, a dádiva do fiel.

A deus reservou-se o direito, segundo a fé de cada um, a retribuição da dádiva. Aos fiéis que não foram suficientemente honestos com deus, ou omissos à sua palavra, ou ainda, desviaram-se da escritura sagrada (obviamente que esclarecidas repetidamente pelos profissionais da fé), só resta receber, do próprio demônio, o preço da sua dádiva (atos ou omissões que ferem a palavra divina). Reserva-se aos fiéis, como restituição, toda a sorte de males. Essa nova relação com a dádiva pode ser visualizada



na fig. 4 e constitui-se no principal *motivador discursivo* das igrejas cristãs fundadas na trilogia deus, pecado e demônio.

Como intermediária entre o criador e a criatura, a igreja assume também a tarefa de receber doações (bens e serviços) dos fiéis para se manter viva. Se antes, no mito adâmico, os elementos da dádiva se relacionavam diretamente entre criatura e criador, com o aparecimento das igrejas, com seus profissionais da fé, o destino da dádiva também se alterou. Se a igreja devolve aos fiéis o trabalho de “conduzi-los” à deus<sup>37</sup> não se pode relacionar esta retribuição da instituição religiosa à dádiva que o fiel doa, porque, de fato, o discípulo fiel religioso não doa à igreja, mas a deus. A igreja é somente uma intermediária nessa relação de troca entre o criador e as criaturas. Dessa forma a igreja se reveste de uma grande autoridade sobre os fiéis para gerir uma espécie

<sup>37</sup> Existe um famoso adágio entre os ateístas que exprime com humor essa relação mercadológica que se estabeleceu nas igrejas: “Se Cristo é o caminho, a igreja é o pedágio” (autor desconhecido). [S.l.: s.n.]

de *kula*<sup>38</sup> espiritual no qual circulam mercadorias (dízimos e ofertas<sup>39</sup>) e bens de serviço (trabalho voluntário dos fiéis, e, excepcionalmente, de pastores iniciantes) para deus. Todas essas mercadorias e serviços também são tratados pela igreja, de uma forma nobre e desinteressada, pois o que importa é “realizar a obra de deus”.

A própria doação assume formas muito solenes, a coisa recebida é desdenhada, desconfia-se dela, não se fica com ela senão um instante depois de no-la lançarem aos pés; o doador finge uma modéstia exagerada: depois de ter levado solenemente, e ao som do búzio, o seu presente, pede desculpa por não dar senão os seus restos e lança aos pés do rival e companheiro a coisa dada. Entretanto, o búzio e o arauto proclamam a toda a solenidade da transferência. Procura-se com tudo isto mostrar liberalidade, liberdade e autonomia e, ao mesmo tempo, grandeza. E todavia, no fundo, são mecanismos de obrigação, e até de obrigação. (MAUSS, 2001, p.84-85)

Apesar de Mauss (2001) falar dos habitantes da ilhas Trobriand, a descrição parece ter sido elaborada em relação ao comportamento dos fiéis neopentecostais em suas relações de trocas com a divindade. Intermediados pela igreja, os crentes passam por um verdadeiro ritual. Assim, o fiel religioso também é estimulado a “mostrar sua grandeza”; diante de toda a igreja proclama a solenidade da transferência dos dízimos, ofertas ou trabalhos voluntários. Estes últimos exigem, para manifestação da dádiva, o uso de uniformes especiais a fim de caracterizarem a doação do crente à igreja em forma de trabalho voluntário<sup>40</sup>. Apgaua (1999, p.104) explica que é impossível pensar a dádiva sem a idéia de desafio, de risco, de aposta. “Aposta-se na dádiva, lança-se o desafio interessada e desinteressadamente e, numa atmosfera de mistério, surpresa e incerteza, aguarda-se o contra-dom, para, assim, recomeçar o ciclo”.

---

<sup>38</sup> Os habitantes da ilhas Trobriand, na extremidade do mundo melanésio, desenvolveram um sistema de trocas em que “o *kula* é uma espécie de grande *potlatch*; veiculando um grande comércio intertribal, estende-se sobre todas as ilhas Trobriand, [...] Malinowski não dá a tradução da palavra, que sem dúvida quer dizer círculo. [...] O comércio *kula* é de ordem nobre. Parece estar reservado aos chefes, sendo estes simultaneamente os chefes das frotas [...] Exerce-se de forma nobre, na aparência puramente desinteressada e modesta”. (MAUSS, 2001, p.83)

<sup>39</sup> Ofertas e dízimos estão, segundo Apgaua (1999, p. 60), “indissociados do dinheiro, considerado a ferramenta sagrada que Deus usa na Sua obra”.

<sup>40</sup> Os crentes fiéis, doadores de trabalho voluntário, são normalmente chamados nas igrejas neopentecostais de “obreiros e obreiras”. O trabalho voluntário nessas igrejas não exime o crente de doar o dízimo mensal e ofertas.



A teoria maussiana da dádiva apresenta elementos importantes para se pensar os laços sociais, até mesmo naqueles que se realizam entre um grupo de fiéis com a divindade. Assim, para compreensão da dádiva religiosa institucional é interessante pensar que as relações de reciprocidade que ligam pastores, fiéis e deus (ou o demônio) estão mergulhados em um gigantesco *kula* (círculo nobre de trocas). O farto simbolismo existente na religião, cercada de mitos e re-interpretações doutrinárias (exegeses) não deixa outra alternativa, senão compreendê-lo formado por uma rede humana<sup>41</sup>.

Dar, receber e retribuir são elementos simultâneos na dádiva original. O mito adâmico deixa isso claro, pois no instante em que Eva comeu do fruto proibido e o deu a seu parceiro Adão, tudo mudou – “Deus se zangou e o Demônio se alegrou”. Na expulsão do Éden, não houve sequer julgamento dos primeiros habitantes: deus determinou imediatamente e sem direito a defesa, o exílio de Adão e Eva do Éden para uma terra desconhecida, pondo-os à mercê de todas as intempéries da natureza, inclusive de suas mortes – certas após o pecado.

A simultaneidade dos elementos da dádiva original (dar, receber e retribuir) no mito adâmico se diferencia da dinâmica da dádiva apresentada por Mauss (1974) uma vez que sua descrição refere-se à troca e à circulação de riquezas e dádivas existentes na Polinésia e melanésia. Nessas sociedades, Mauss (*apud*, APGAUA, 1999, p. 66) verificou que existe uma “teoria geral da obrigação” em que “tudo vai-e-vem como se houvesse uma troca constante de uma matéria espiritual compreendendo coisas e homens, entre os clãs e os indivíduos, repartidos entre as categorias, sexos e gerações”.

Sobre os elementos que caracterizam a dádiva, Apgaua (1999), também esclarece:

Direitos e deveres, que se mostram simétricos e contrários, dão vazão à circulação de dádivas entre os diversos grupos. Tudo circula, as dádivas circulam, mas, na realidade, o que está em jogo são as alianças espirituais. Trocam-se matérias espirituais por meio das dádivas. Os

---

<sup>41</sup> ELIAS, 1996.

homens estão ligados espiritualmente a seus bens que, quando passados a outrem, estabelecem ligação espiritual com o doador<sup>42</sup>. [...]

A atmosfera da dádiva, ao estar presente no contexto religioso, não fica aí encerrada, ultrapassando seus limites e “contaminando” a vida profana<sup>43</sup>. [...]

Para compreender a atmosfera da dádiva, é fundamental não perder de vista a sua ambigüidade intrínseca, que combina obrigação, liberdade, interesse e desinteresse. É interessante pensar fiéis, pastores e Divindade ocupando, cada um deles, um ponto nesta teia reticular, formando uma “cadeia de (inter)dependências e relações de confiança”, na qual prevalece o sentimento de dívida de uns para com os outros. Mesmo a Divindade não foge à regra. Ela também está submersa no universo da reciprocidade, devendo obedecer às obrigações de dar, receber e retribuir, o que não implica em reduzir a Sua soberania. É preciso não perder de vista toda uma etiqueta presente no ato de cobrar de Deus Suas promessas<sup>44</sup>.

A dádiva religiosa institucional, no entanto, aproxima-se do conceito exposto em Mauss (1974), uma vez que a igreja (como recebedora da dádiva) não devolve o *taonga*, aquilo que foi doado pelo fiel, pois este, espera receber (em tempo incerto) o *hau* da coisa doada diretamente de deus pelo o dom da sua dádiva (orações, doações, dízimos, ofertas, trabalho voluntário à igreja).

---

<sup>42</sup> APGAUA, 1999, p. 67

<sup>43</sup> Ibidem, p. 68

<sup>44</sup> Ibidem, p. 117

## CAPÍTULO III

**Hermes** representa o poder da palavra e da persuasão.

**Hermes**, mensageiro divino entre os deuses e os homens, não é apenas o mensageiro de mensagens, é a própria mensagem.

**Hermes** não é um mito que explica a mediação, é a própria palavra fundadora de poema e interpretação.

**Hermes**, enquanto mensageiro dos deuses, é a possibilidade fundamental de diálogo e intermediação entre homens e deuses.

**Hermes**, como palavra dos deuses ofertada aos homens na dicção do poeta, diz sempre a verdade, porém não toda a verdade. Dessa tensão entre verdade e não-verdade é que surge o próprio mito como espelho de toda especulação.

**Hermes**, de onde provém hermenêutica, é a própria interpretação enquanto diálogo de especulação.

Mas o que é a verdade, quando sabemos que Hermes diz verdade e não-verdade, que a verdade tem, portanto, a mesma origem da não-verdade?

*Prof. Dr. Manuel Antônio de Castro, UFRJ (1998)*

### 3. Vozes neopentecostais e a sedução do discurso religioso

A busca por identificar uma espécie de coerência na fala dos profissionais da fé neopentecostal se torna possível porque o discurso, como expressa Fiorin (1999, p. 230), é “um espaço de regularidades enunciativas”, pois deve apresentar uma coerência global. Na identificação do discurso religioso este espaço se torna ainda mais notório uma vez que “uma das formações discursivas mais explicitamente persuasivas é a religiosa” (CITELLI, 1999, p.48).

Para que se conseguisse encontrar resposta para a dúvida metódica deste estudo, seguiram-se as observações de Fiorin (1997, p. 22-28) quando mostra que uma estrutura narrativa complexa compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção.

No caso da análise do discurso religioso que se propõe realizar, a fase de manipulação compreende um sujeito agir sobre outro “para levá-lo a querer e/ou fazer alguma coisa”. Assim, o manipulador (sujeito que age sobre o outro) pode conseguir que uma ação seja realizada tanto por meio de recompensas (prazer) ou por meio de ameaças (desprazer).

Ainda segundo Fiorin (1997, p. 23), existem quatro variações da fase de manipulação que, para esta pesquisa, podem ser simplificadas em apenas duas: 1ª. *Tentação ou sedução* (“se você for fiel dizimista ganhará o paraíso” ou “aqui está o envelope... basta você ser fiel a deus e depositar sua oferta para ter o que você deseja”) e 2ª. *Intimidação ou provocação* (“se você não for fiel à palavra de deus viverá no inferno eterno” ou “a ordem de deus está aqui no altar, será que você é forte o bastante para vir até aqui e aceitá-la? [referindo-se ao envelope para depositar os dízimos e ofertas em dinheiro]. Neste binômio discursivo (tentação-sedução *versus* intimidação-provocação) é que esta pesquisa se assenta e se constrói, inserida na análise do discurso religioso neopentecostal.

Fiorin (1997) ainda apresenta mais outras três fases que compõe um discurso complexo. A fase da competência que representa “o sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer”. Nesse caso o sujeito religioso da narrativa é um deus onipotente e onipresente simbolizado por algum objeto (hóstia) ou a própria palavra divina (bíblia), pois o pastor (aquele que induz a narrativa) se apresenta apenas como mensageiro (*Hermes*) ou intérprete do poder superior.

A fase da *performance*, segundo Fiorin (1997), “é a fase em que se dá a transformação central da narrativa”. Por exemplo: a conversão do fiel pecador em discípulo salvo pelo evangelho. Tem-se como clássico exemplo a conversão de Saulo de Tarso no apóstolo Paulo. Ou seja, passar de um estado de disjunção com deus para um estado de conjunção com ele.

Finalmente, o discurso se encerra com a fase da *sanção*, em que o recebedor da narrativa pode ganhar prêmios ou castigos conforme a transformação operada na fase anterior. Assim, o bem é premiado e o mal punido. Como se percebe, esta quarta fase se liga diretamente ao conceito da Dádiva, tratado no capítulo anterior. Ali, a qualidade da retribuição (*sanção*) da dádiva é diretamente proporcional à *performance* do fiel religioso, ou seja, se a sua “conversão” for condizente com a palavra de deus, ele terá boas dádivas do criador. No entanto, se má for sua *performance* (disjunção com o criador), ele terá como prêmio os castigos justificados por suas próprias ações, ou omissões.

O sujeito da religião, discípulo que se vê, desta forma, cercado de um esplendor lingüístico revestido de sacrossantas palavras, pode concluir seu destino de acordo com a narração dos pastores e conforme a *performance* conseguida por meio de suas doutrinações evangélicas. Esta equação narrativa pode sugerir a manutenção de um *status quo* lingüístico pelo poder que o discurso impõe, conforme Foucault (1996, p.27) questiona: “mas afinal, onde está o perigo de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente?”. A proliferação do discurso, obviamente, implica a sua

manutenção, pois um número maior de pessoas adere a um determinado parâmetro discursivo. No caso analisado neste estudo, o parâmetro são os cânones religiosos doutrinários normalmente impostos aos fiéis, sem direito a questionamentos, pois “o eu enunciador não pode ser questionado, visto ou analisado [...], a voz de Deus plasmará todas as outras vozes, inclusive a daquele que fala em seu nome: o pastor” (CITELLI 1999, p. 48). Que tipo de discurso se ouve e se repete nas igrejas?, qual o perigo de se normatizar uma linguagem cujo enunciador não pode ser questionado?.

O discurso religioso já se mostrou forte o bastante para contornar diversos problemas. Este efeito constitutivo do discurso é mostrado por Fairclough (2001, p. 91) quando exprime que “o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença”. Assim, por meio de anúncios ou discursos religiosos exacerbados, muitas igrejas cristãs têm incentivado as pessoas a resolver a maioria dos seus problemas simplesmente com “*auxílio e graça divinos*”.

A fim de exemplificar com as próprias fontes demonstradas nesse estudo (Apêndice A ), alguns fragmentos correspondentes às quatro fases do discurso complexo em Fiorin (1997) são apresentadas a seguir:

### **1º. Fase da manipulação:**

- ✓ *Aí eu disse: “filho, se você não obedecer o papai, o papai vai ter que fazer aquilo que você sabe que acontece quando vocês desobedecem... o papai vai ter que pegar a varinha...”* (EXCERTO 1)
- ✓ *Este trabalho que fez Jesus é o mesmo trabalho que nós da igreja ... fazemos! [...] nós convidamos você a trazer esta pessoa para participar da poderosa corrente da libertação!* (EXCERTO 4)
- ✓ *Aumenta o volume do seu som, aumenta bastante para que o vizinho saiba que nós estamos em guerra contra satanás.* (EXCERTO 5)
- ✓ *Se você não for obediente a Deus através da sua palavra, obediente aos seus líderes, Se você não se predispor (sic) a obedecer os seus líderes [religiosos] não adianta você dizer que está se revestindo da armadura de Deus, pois você*

estará dando brecha [para o Demônio]. O Diabo não veio senão matar, roubar e destruir. (EXCERTO 8)

- ✓ Venha conhecer Jesus! Ele é a cura para qualquer tipo de mal. Venha conhecer Jesus, o filho de Deus na igreja... . Você minha amiga é minha convidada especial. (EXCERTO 10)
- ✓ Talvez você precisa fechar aquele contrato com aquela TV a cabo que você paga 90, 120 reais por mês, sendo que você poderia cancelar isso e dar uma oferta para o missionário (EXCERTO 13)
- ✓ Te convidamos de coração: venha conhecer Jesus de perto. Ele é a cura para qualquer tipo de mal [...] Deus deseja transformar a sua vida, ele tem o poder de transformar essa situação, *mas se você não der um passo de fé, se você não buscar, se você não lutar, se você não fizer da maneira correta, você nunca vai vencer!* (EXCERTO 15)
- ✓ Eu quero te dizer meu irmão, minha irmã que a palavra do Senhor é bem clara! (EXCERTO 17)

## **2º. Fase da competência:**

- ✓ [...] *a bíblia diz* que a vara é para a desobediência (EXCERTO 1)
- ✓ Muito bem minha amiga, meu amigo, contra fatos não existem argumentos. Tá mais do que *provado* de que na igreja... *os milagres acontecem*, (EXCERTO 2)
- ✓ O mal investiu de forma tão pesada na sua vida que olha pra você ver minha amiga. Você precisa de ajuda! Nós vamos ajudar você! [...] *Eu vou resolver o seu problema* nessa terça-feira na igreja... Nós vamos colocar fogo nesse encosto maldito, desgraçado que tem atormentado sua vida. (EXCERTO 3)
- ✓ Nós vamos orar agora e *com certeza* o inferno vai tremer! [...] *Eu profetizo* a alegria de você vencer as lutas sobre o diabo. [...] *Eu uso da autoridade que o senhor Deus me deu* e de acordo com Marcos, capítulo 16 [PF]: E eu exijo câncer, em nome de Deus, que você saia desse corpo! (EXCERTO 7)
- ✓ *Eu digo*: espírito de enfermidade sai da vida deste homem, sai da vida desta mulher agora. Espírito do câncer é uma herança genética, você tem aí ficado aí de gerações em gerações e ninguém te expulsa. *Eu tô te expulsando hoje!* (EXCERTO 9)
- ✓ Nós estaremos fazendo um grande clamor a Deus para que você não viva essa vida de aparência, essa vida mentirosa! (EXCERTO 15)

- ✓ Deus, *na autoridade que há* e no poder que há no nome de Jesus, este nome que está acima de todos os nomes, *eu falo agora* com a enfermidade física, *eu falo agora* com a enfermidade espiritual, *eu falo agora* com a enfermidade nos nervos, nos ossos, no reumatismo, a enfermidade na coluna, a dor no alto da cabeça à planta dos pés e eu ordeno agora: sai agora! (EXCERTO 16)

### **3º. Fase da performance:**

- ✓ Vamos ouvir: o que a senhora recebeu aqui na igreja...? \_\_\_\_ A casa própria! (EXCERTO 1)
- ✓ [a igreja] é um lugar onde (sic) a pessoa tem que chegar doente e sair curado! [...] é tanto problema na minha vida que não sei como resolver... *Mas, se você tomar uma atitude* de, nessa terça-feira, de pisar os pés na igreja..., eu garanto que *isso vai mudar!* Esse mal que está paralisando sua vida vai sair! (EXCERTO 2)
- ✓ O nosso intuito é ajudar você e tirar você da escravidão e ver você e sua família feliz, longe do vício, livre do vício, livre das contendas, das brigas (EXCERTO 3)
- ✓ Com certeza hoje Deus vai fazer um *reboição* na sua vida (EXCERTO 5)
- ✓ Meu Deus venha renovar a vida dessa pessoa! Essa pessoa que está tocando o lugar da enfermidade. Meu Deus o senhor pode curar! [...] agora meu Deus, nós te pedimos libertação! Liberta essa pessoa que tem que tomar remédio para dormir, entra com tua providência! [...] Nós vivemos dias maus, mas que o senhor possa nos dar o livramento (EXCERTO 6)
- ✓ [...] está curado em nome no senhor Jesus 1 (um), está curado em nome do senhor Jesus 2 (dois), [...] está curado em nome do senhor Jesus 7 (sete) (EXCERTO 16)

### **4º. Fase da sanção:**

- ✓ Eu disse: *“de pé no cadeirão!”* E eu bati nele, cuidando de que não fosse uma coisa exagerada. [...] (EXCERTO 1)
- ✓ E finalmente você vai receber a vitória! (EXCERTO 2)
- ✓ De repente você me fala: PF, não tá precisando limpar o fundo da igreja aí não? [...]. Viver na dimensão do espírito meu irmão é se humilhar para que o nome de Deus se engrandeça na sua vida. (EXCERTO 11)



- ✓ *A bíblia diz*, melhor entrar no céu manco, faltando um olho do que ser lançado no inferno com o corpo perfeito! (EXCERTO 12)
- ✓ Isaiás no capítulo V falava ai daquilo, ai daquele, mas no capítulo VI ele recebeu a unção de Deus. Isaiás *recebeu ali o xeque-mate* de Jeová e disse que os umbrais das portas tremiam com o clamor do povo! (EXCERTO 17)

Os fragmentos discursivos apontados tendem a demonstrar que a problemática apresentada neste estudo pode ser resolvida no sentido de identificar, nos próprios discursos orais dos profissionais da fé, as conseqüências do “afastamento de deus entre os homens”. Não é difícil registrar em alto e bom som em diversas igrejas que a ausência de deus leva os fiéis (porque já conheceram “a verdade”, o “deus vivo”) e o ser humano em geral, a diversos desequilíbrios – dos mais simples aos mais complexos, conforme consta dos diversos anúncios salvacionistas (Apêndice B).

O pecado da dádiva mal correspondida ocorre quando o fiel religioso em vez de retribuir a deus, se dirige ao demônio por meio dos seus comportamentos em desacordo com a palavra e determinações divinas. A dádiva mal correspondida gera, por conseqüência, as diversas catástrofes a que a humanidade está submetida, segundo a lógica da retribuição demoníaca, já de amplo conhecimento popular. A qualidade dessa retribuição, como se sabe, pode ser interpretada como a fonte que nutre as igrejas alvo desta investigação, pois sem o demônio e todos os males que dele emana provavelmente o instituto religioso ruiria.

A busca pela compreensão dos meandros lingüísticos sobre o uso do sagrado enquanto instrumento de poder, sobretudo sua aplicação como ferramenta ideológica de dominação de massas, constitui-se em importante objeto de pesquisa da análise do discurso.

Para construção deste capítulo, optou-se por selecionar fragmentos do *corpus* gravado digitalmente durante os anos de 2006 e 2007 provenientes dos discursos orais de alguns profissionais da fé neopentecostal. Além dessa gravação, existem, também, outras fontes – realizadas em gravações *in loco* nas principais igrejas neopentecostais

de Montes Claros. No entanto, como ficou explicado na introdução, as transcrições aqui registradas foram feitas a partir de cultos transmitidos em 5 (cinco) emissoras de rádio FM para preservar a fidedignidade das falas pela boa qualidade das gravações.

A visitação *in loco* nas igrejas neopentecostais, no entanto, se tornou uma etapa importantíssima desta pesquisa uma vez que foi verificado que os pedidos de ajuda financeira se intensificam bastante quando os fiéis estavam presentes nas igrejas e “discretamente” por meio dos veículos de comunicação em massa (TV e rádio). O interesse desta pesquisa, portanto, centrou-se exatamente em torno da oralidade dos discursos religiosos neopentecostais a fim de exemplificar como o discurso religioso é construído e o que ele quer demonstrar.

Para avaliar melhor os aspectos dessa ideologia religiosa cristã que sugere a presença de traços de fundamentalismo foram fotografadas placas, cartazes, faixas ou painéis com indícios de propagandas neopentecostais nas igrejas de Montes Claros (Apêndice B). A partir daqui, serão descritos os aspectos defendidos, expostos e **fundamentados** por diversos profissionais da fé local em pregação. Não se pode deixar de mencionar Merleau-Ponty (2004, p.3) para que se compreendam melhor os significados do discurso, sobretudo quando dito por autoridades religiosas, acostumadas a deter “a verdade”:

O mundo verdadeiro não são essas luzes, essas cores, esse espetáculo sensorial que meus olhos me fornecem, o mundo são as ondas e os corpúsculos dos quais a ciência me fala e que ela encontra por trás dessas fantasias sensíveis.

A afirmativa remete a questionar o que muitos religiosos fazem em seus discursos na tentativa de comprovar seus postulados doutrinários em função de interesses pessoais. Sem o poder de comprovação científica a religião busca confirmar certas mitificações. Para compreendê-las basta, segundo Sagan (2006, p. 114), uma investigação cuidadosa e, em alguns casos, corajosa. A fim de confirmar seu postulado sobre o poder da mitificação dos religiosos, Sagan (2006) fornece como exemplos de mitificação, o interesse político e financeiro do rei Josias ao encontrar milagrosamente,

“em meio a uma importante luta por reformas, a confirmação de todas as suas idéias no livro Deuteronômio<sup>45</sup>”. Outro exemplo de mistificação religiosa citada por Sagan (2006) é a chamada doação de Constantino:

Constantino, o Grande, foi o imperador que transformou o cristianismo na religião oficial do Império Romano. A cidade de Constantinopla (agora Istambul), que durante mais de mil anos foi a capital do Império Romano do Oriente, recebeu esse nome em sua homenagem. Ele morreu em 335. No século IX, apareceram repentinamente em textos cristão várias referências a uma doação de Constantino; nesse documento, Constantino lega ao papa Silvestre I, seu contemporâneo, todo o Império Romano do Ocidente, inclusive Roma. Esse pequeno presente, assim continuava a história, era em parte uma prova de gratidão por Silvestre ter curado a lepra de Constantino. No século XI, os papas já se referiam regularmente à doação de Constantino para justificar suas pretensões a não serem apenas governantes eclesiásticos, mas também os soberanos seculares da Itália Central. (SAGAN, 2006, p. 114-115)

Os exemplos, citados por Sagan (2006), também podem ser expressos em termos de fundamentalismo, pois a leitura de um texto utilizado com o poder literalista funciona para “comprovar” determinados posicionamentos ou ações. Nesse sentido, o apêndice A exemplifica, por meio das transcrições, a prédica dos profissionais da fé em discursos neopentecostais.

### **3.1 Do verbo humano ao “milagre” divino: uma proposta desenvolvimentista neopentecostal**

Esse terceiro capítulo tem ainda, por objetivo, refletir sobre o discurso religioso neopentecostal enquanto objeto lingüístico capaz de se transformar em um projeto desenvolvimentista. Sua argumentação fundante pode ser expressa no seguinte enunciado: ser feliz é uma aprendizagem e uma questão de praticar uma “fé inteligente”. Apoiado nesse princípio, o sentido do discurso neopentecostal ajuda, dentre outras

---

<sup>45</sup> Cf. BÍBLIA, Antigo Testamento.

coisas, os fiéis religiosos a parar de ter pena de si, inculcando em suas vidas um pensamento altivo de um deus superior e próspero em todos os níveis da existência. A atitude discursiva neopentecostal, desta forma, objetiva apresentar uma ressignificação das potencialidades humanas em prol de si mesmo e do seu grupo social.

Para conseguir seu intento “mágico” de materializar o que os fiéis religiosos denominam de “milagres”, o discurso religioso busca atingir profundamente a mente humana propondo uma transformação na maneira como os fiéis encaram os problemas comuns da vida social. Uma das principais conseqüências é mostrar-lhes que ser feliz é uma *atitude* diante das adversidades e um direito divino, como herdeiros que são d’aquela que é o verdadeiro dono das benesses universais.

Se fosse possível colocar a fé de lado – isenta de deus – a religião poderia ser vista como um instrumento lingüístico que impulsionaria o ser humano a estar mais próximo de suas potencialidades por meio da superação de seus conflitos. Suas necessidades estariam saciadas e seus afazeres relacionados, sobretudo, com pessoas e situações que poderiam lhes dar prazer: um prazer de consciência “limpa” por terem realizado o “certo”, segundo o discurso dogmático religioso. Essa mudança comportamental que o discurso neopentecostal propõe promete produzir milagres na vida dos grupos congregados sob o mesmo estandarte religioso.

A prática da “fé inteligente” é apresentada como o elemento fundante da transformação a qual deus opera o “milagre” na vida dos homens. O discurso se mostra sedutor ao desenvolvimento em amplas perspectivas, pois apóia o crescimento e o equilíbrio sócio, econômico, afetivo e material dos fiéis ao prenunciar a solução de grande parte de seus sofrimentos no aqui-agora terreno.

### 3.2 O Discurso neopentecostal para o sucesso na vida: vitórias em nome de deus

Expor resumidamente a exegese neopentecostal como costumeiramente é propagada pelos profissionais da fé, sobretudo em meio televisivo, deverá colocar em destaque alguns de seus principais postulados em prol do desenvolvimento. Tal exposição se torna, ao mesmo tempo, perigosa e meramente descritiva. Perigosa porque ao buscar relacionar o desenvolvimento com o modelo discursivo neopentecostal pode parecer, à primeira vista, que se pretende fazer uma apologia religiosa aos menos favorecidos indicando-lhes um caminho a seguir na superação de seus *déficits* sociais pela via religiosa. No entanto, pretende-se tão somente, identificar alguns posicionamentos conceituais em uma pragmática discursiva que atrai milhares de pessoas. Descritiva, porque não se pretende propor nenhuma novidade no campo da fé, mas analisá-la criticamente à luz de alguns teóricos do desenvolvimento.

Não é novidade alguma que os movimentos religiosos atraem multidões aos seus templos. Por isso, há que se questionar o óbvio: que tipo discursivo é esse que atrai cada dia mais pessoas às congregações neopentecostais?

Dentro de um universo multifocal de miríades religiosas, em que o cristianismo se desdobra, essa pesquisa delimitou um tipo discursivo com características neopentecostais. Portanto, esse estudo se interessa pela análise de um *tipo discursivo-religioso* próprio do movimento neopentecostal. Assim, não pretende apontar críticas a um *grupamento* religioso, denominado neopentecostais. Nesse sentido, adere-se ao interesse acadêmico tanto grupamentos religiosos notoriamente conhecidos como neopentecostais como outros que, sob diferentes denominações religiosas, *ocultam* o neopentecostalismo enquanto instrumento lingüístico de suas doutrinações.

Como se percebe com o aprofundamento na escuta de seus postulados doutrinários, as idéias centrais de muitos posicionamentos neopentecostais partem de pressupostos puramente desenvolvimentistas em “fórmulas” de auto-ajuda, com ênfase

na teologia da prosperidade. Sobre as hostes discursivas neopentecostais Montenegro (2007, p. 35) ilustra a prática profissional a serviço de deus em uma determinada igreja da seguinte forma:

Seus problemas vão acabar! [...] enquanto um time de auxiliares arrecada contribuições. Muitos fiéis erguem seus envelopes com dinheiro, gritando pedidos a Deus. Quem não teve tempo de passar no banco não se aperta: os coletores aceitam cartões de crédito e de débito.

O fragmento acima faz parte de uma reportagem especial que ilustra um pouco como o ambiente religioso é constituído e partir do qual serão expostos uma seqüência de princípios discursivos neopentecostais que mais se conformam às propostas de desenvolvimento. Um dos postulados repetidamente propalados pelos profissionais da fé é mostrar que para ter sucesso na vida as pessoas devem estar ao lado de Cristo, em princípios morais e éticos. Também é preciso aceitar as decepções na vida com vistas a uma transformação realística com o apoio de deus.

“Se algo não dá certo em nossas vidas”, explica um discurso neopentecostal, “é porque nos fechamos à vida, pois Deus só nos quer bem”. “Se você está fechado é porque o demônio utiliza sua vida para o mal”. As afirmações religiosas são carregadas de certezas, pois esse é o terreno da religião: o espaço dos dogmas, das “verdades absolutas”. Talvez por isso, os profissionais da fé não poupam afirmativas e exclamações em suas oratórias.

Além de expressões dogmáticas, sem direito a questionamentos por parte dos fiéis, o discurso neopentecostal se aprimora e compõe, hoje, um acervo lingüístico com frases que lembram o estilo psicológico de auto-ajuda. Os profissionais da fé costumam dizer: “A vida não é o que você fantasia”. Obviamente esse princípio põe muitos crentes a refletir sobre seu posicionamento frente à realidade de suas vidas. Eis alguns princípios que marcam o tipo discursivo neopentecostal em nome da fé:

Faça alguma coisa que tenha sentido para você! Faça da sua da sua vida um sucesso! Nossa vida é um sucesso para ser vivida aqui-agora! Temos sido “escravos” de nós mesmos. [...] Conseguir essa sintonia com Deus nos proporciona paz, pois começamos a realizar ou fazer aquilo que satisfaz nossa alma. [...] Não é o “pai de santo” que vai tirar você dos problemas. É você que vai mudar! [...] Tem que ser do jeito que você sonhou? Ou tem que ser do jeito que é possível? Nossa realização vem da nossa capacidade de trabalho. (Arquivo do pesquisador, 2006)

Quando se afirma “Não é o pai-de-santo que vai ‘tirar’ [o mal] somos nós que mudamos”, o discurso religioso altera radicalmente a maneira como os crentes relacionam com os princípios religiosos: se, antes, existia uma espera pelo milagre, agora o milagre é perseguido e alcançado pelas *atitudes* dos fiéis religiosos. Portanto, será preciso questionar: O que está ruim em minha vida? O que eu preciso consertar em mim? Descobrir esses porquês leva o crente a “tomar posse de si”, de sua vida, de suas responsabilidades. Segundo a argumentação neopentecostal, esse é o primeiro passo para que o demônio “bata em retirada”. Analisados sob outra ótica, psicoterápica, o discurso neopentecostal propõe mudar padrões mentais, fixar novas atitudes, enfim, reprogramar a mente. Assim expressam alguns de seus princípios norteadores:

Sua vida não precisa ser o que é. Viva o poder do pensamento positivo!  
Eu sou, eu posso, eu sinto, eu faço.

Quem dá sentido para as coisas é a alma. Alma é o que te dá orientação e o senso. Se a alma está triste, isso significa que você está com problemas.

Espiritualidade é viver na felicidade. [...] Eu lavo toda minha amargura, toda minha insatisfação, todas as bobagens que eu fiz. Corpo e espírito: sem esse equilíbrio não existe satisfação, muito menos salvação.

Quem batalha sozinho perde, quem batalha com Deus vence. A vida não pode ser uma batalha a ponto de acabar com você. Muito mais forte na vida é nossa conexão com o universo. Por isso, se você se desligou da sua motivação, você já começou a estragar sua vida (Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador: fragmentos de gravações da oratória neopentecostal.)

Tais exemplos de expressões de auto-ajuda, formuladas com forte apelo de transformação, podem favorecer alguma mudança na vida dos religiosos. Esse tipo discursivo neopentecostal é reforçado com os princípios da teologia da prosperidade que objetiva principalmente aumentar a riqueza material dos fiéis: “aumentar a qualidade de vida é uma questão de atitude”. Assim, os fiéis conseguem absorver outras dogmáticas acessórias ao convencional discurso religioso para pensarem em outras formas de superação na vida, objetivando seu desenvolvimento.

Abraham Maslow (*apud* BRANDÃO, 2003) ilustra os perigos de se pensar de uma única maneira: “se a única coisa que você tem é um martelo, tenderá a tratar todas as coisas como pregos”. Da mesma forma, se o discurso religioso repete as mesmas “fórmulas de fé”, os crentes tenderão a buscar as mesmas soluções. Nesse aspecto, o discurso neopentecostal é abundante em propor fórmulas alternativas, ferramentas diferenciadas, enfim, outros “martelos” para abordar cada dificuldade na vida os fiéis. Assim é que o discurso dos profissionais da fé propõe, para cada dia da semana, a “solução” de um mal: no amor, na profissão, na família, na saúde, na prosperidade. “A mente indisciplinada é fracasso na certa”. Por isso, a orientação discursiva neopentecostal atua como proposta de reorganização do pensamento para grande parte dos religiosos direcionando-os a um modelo mais produtivo de vida, pois, ensina que a felicidade é uma opção, assim também como a infelicidade.

Segundo a prática doutrinal de alguns líderes religiosos, sobretudo aqueles que se utilizam do tipo discursivo neopentecostal, para resolver a maioria de seus problemas, o ser humano precisa assumir todos os presentes que a vida dá. “Não é agradecer a Deus simplesmente, mas agradecer à própria vida. Nós não precisamos ser heróis, só precisamos cuidar da gente”, ensina a prédica neopentecostal.



### **3.3 Quem tem fé inteligente usa teologia da prosperidade para vencer**

O título acima configura-se, aos moldes do discurso neopentecostal, uma provocação sobre as possibilidades daqueles que buscam por mudanças na qualidade de vida, sobretudo por meio da superação de desafios pessoais. O próprio pragmatismo utilizado no discurso neopentecostal insere-se na expressão, pois quem tem fé inteligente usa, à maneira de algum objeto mercadológico ou etiqueta comercial, princípios da teologia da prosperidade.

Um dos grandes entraves para se pensar o desenvolvimento é que não existe uniformidade sobre seu conceito e grande parte das iniciativas a favor do desenvolvimento origina-se de modelos autoritários. Essa mesma forma de impor mudanças na melhoria de vida de grupamentos sociais também se repete no meio religioso, pois os discursos de fé são construídos a partir da interpretação de homens reais que vivem contextos históricos e embates sociais similares aos seguidores de deus.

Mas a premissa básica para a compreensão das relações que se estabelecem entre o discurso neopentecostal com as qualificações que se formam em torno do desenvolvimento pode ser refletida a partir do tipo de desenvolvimento que se quer atingir e, sobretudo, para qual classe social esse discurso é dirigido.

Um dos grandes estandartes do desenvolvimento é atuar em âmbito local e regional, tendo em vista que as diversidades culturais dificultam a implantação de mega projetos para a melhoria social, uma vez que costumam vir “de cima para baixo” desprestigiando o saber local. Nesse sentido, o discurso religioso, homogêneo por natureza, costuma ser *impositivo de conduta* às comunidades de fé. No entanto, a diferença fundamental de tal discurso, com os demais, é que ele provém de um poder supremo, o que impede os fiéis de contra-argumentar, demonstrando seu caráter impositivo, conforme explica Orlandi (1996, p.68):

Locutor e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetados por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal. O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens.

Pelo exposto, o desenvolvimento também é subtraído em qualidade na perspectiva religiosa doutrinal exatamente porque é visto pelo ângulo da homogeneização das culturas. Não há a escuta das comunidades locais sobre regras de fé que realmente interessam ao bem comum. Pelo contrário, o que se busca é enquadrar todas as pessoas na mesma “tábua de salvação”. Assim, o discurso religioso tenta “igualar” as pessoas, homogeneizar as classes sociais e “quebrar” as hierarquias.

Na leitura fundamentalista, aqueles que forem “brandos” o suficiente para seguir as regras de fé têm alguma chance de sucesso na vida, os outros que ousam sair de suas prédicas estarão condenados às labutas terrenas e na pós-morte. Visto dessa maneira, o espaço discursivo religioso de doutrinação de massas tem aplicado o conceito de desenvolvimento com a finalidade de perpetuar um modelo de imposição econômico-cultural por meio de uma ideologia sacramentada, apropriada pelo Capital.

É necessário pensar o desenvolvimento do homem segundo a perspectiva do próprio homem. No entanto, o modelo de desenvolvimento apoiado no discurso religioso neopentecostal também não foge à “lógica de mercado” uma vez que se apresenta inserido em uma sociedade democraticamente “igualitária” onde os homens se relacionam com coisas e não entre si. *Deus se transforma, assim, em projeção dos desejos ocidentais no discurso neopentecostal.* Nem é preciso ir muito longe para perceber as conseqüências desse “modelo” desenvolvimentista ocidental calcado em um tipo discursivo, cuja propaganda religiosa se firma na chamada teologia da prosperidade:

Há até pelo menos duas décadas, a pregação evangélica, principalmente pentecostal, enfatizava que os cristãos não deveriam se apegar às riquezas materiais, aos interesses terrenos e que os problemas da vida, como enfermidades, perseguições, falta de dinheiro, eram provações divinas. A Teologia da Prosperidade muda esse foco de preocupação religiosa para ensinar que o cristão deve ser próspero financeiramente e viver sempre livre de qualquer enfermidade. Quando isto não acontece, é porque ele deve estar vivendo em pecado, não tem fé ou está vivendo sob o domínio do diabo (EBDWEB, 2008).

No discurso neopentecostal, a teologia da prosperidade relaciona-se intrinsecamente e de forma direta à prática da *fé inteligente*, apresentada como o elemento fundante da transformação por meio da qual deus opera o “milagre” na vida dos homens.

Sem a prática da *fé inteligente*, que pode ser traduzida objetivamente em uma mudança radical na vida dos fiéis, como por exemplo, parar com os vícios do cigarro, bebidas ou drogas de qualquer natureza; conseguir aumentar suas rendas financeiras por meio de um trabalho honesto; fortalecer os laços de família; valorizar e preservar a natureza e os recursos materiais e espirituais à sua disposição, dentre outros. Todo esse conjunto de atitudes pode ser comparado a um “receituário” para o sucesso e equilíbrio humano, sobretudo fundamentado na literalidade das palavras contidas na bíblia, cujas promessas de prosperidade e abundância são infinitas àqueles que forem fiéis a deus.

Teologia da prosperidade, segundo Campos (1997) pode ser entendida como um conjunto de crenças e afirmações, surgidas nos EUA, que afirma ser legítimo ao crente buscar resultados, ter fortuna favorável, enriquecer, obter o favorecimento divino para sua vida material ou simplesmente progredir. Silveira (2007) entende que por intermédio da teologia da prosperidade, o cristão compreende que tem direito a tudo de bom e de melhor que a vida pode oferecer: saúde perfeita, riqueza material perfeita, enfim, uma vida plena de felicidade e sem nenhum problema decorrente da manifestação do demônio na vida daquele que não segue os princípios de deus.

Mendonça (2007) explica que o discurso neopentecostal finca-se, sobretudo na teologia da prosperidade, cuja prática está sintetizada na expressão “*confissão positiva*”

representada por um “conjunto de enunciados em que se apóiam na mesma formação discursiva”, conforme Foucault (2005) define discurso. Ou seja, para que o fiel religioso consiga seu intento “mágico” e transcendente da prosperidade é necessário que interiorize uma “fórmula da fé”. Essa fórmula foi sintetizada por Mendonça (2007) da seguinte forma: o fiel deve “*dizer a coisa*”, positiva ou negativamente, pois tudo depende de como o indivíduo se expressa para conseguir suas realizações. Segundo Mendonça (2007), essa é a essência da “confissão positiva”. Portanto, a *palavra ou discurso*, como *força em potencial de realização*, representa o elemento central por onde passa a narrativa religiosa para aquisição de mudanças.

O segundo passo na confissão positiva representa “*fazer a coisa*”, uma vez que a ação, isto é, as atitudes frente aos desafios da vida cotidiana é que proporcionam a vitória, representam o motor principal do discurso neopentecostal. Sem ação, não se pode esperar por mudanças, ainda que mínimas, na vida dos fiéis religiosos.

O terceiro passo representa o elemento espiritual, pois compete aos crentes “*receber a coisa*” almejada “de” deus. E, por fim, o quarto elemento da confissão positiva, que também poderia ser considerado, aqui, como o método neopentecostal para perpetuar o discurso da prosperidade: “*divulgar a coisa*” recebida a fim de que outros fiéis possam crer. Mendonça (2007), ainda lembra que para fazer a *confissão positiva*, “o cristão dever usar as expressões: exijo, decreto, declaro, determino, reivindico, em lugar de dizer: peço, rogo, suplico; jamais dizer: “se for da tua vontade”, pois isto destrói a fé.

Pode parecer estranho que as afirmações do discurso neopentecostal dêem tanta ênfase à teologia da prosperidade, materializada, sobretudo em “coisas”, mas Foucault (2005) ainda explica que “deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso”. Assim para Foucault (2005 p. 40.):

Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos não podem ser dissociados da prática do ritual “que determina para os sujeitos que falam propriedades singulares e papéis preestabelecidos. [...] mesmo na

ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual, se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não permutabilidade

Pelo exposto, o discurso neopentecostal, sobretudo calcado nas evidências que apontam para a Teologia da Prosperidade, ao demonstrar que o cristão não deve ser pobre, deve indicar algumas estruturas secretas e não permutáveis à maioria das pessoas. Foster (2001, p. 21) desconstrói algo desse discurso neopentecostal ao afirmar que “o dinheiro é sinal de bênção de Deus, e, assim sendo, a pobreza é sinal de desagrado por parte de Deus”. Esse conceito tem sido transformado em uma religião de paz e prosperidade pessoais; diretamente enunciada: “Ame a Jesus e enriqueça”. Adorno (1995, p.31) esclarece essa associação, ao refletir sobre as relações que se estabelecem entre as necessidades humanas saciadas pelo imaginário religioso: “a volta à transcendência, funciona como imagem encobridora para a desesperança social”.

Sobre o dízimo na Teologia da Prosperidade, Mariano (1999, p. 44) informa: “o principal sacrifício que Deus exige de seus servos é ser fiel nos dízimos e dar generosas ofertas com alegria, amor e desprendimento.” Silveira (2008) afirma que não se pode negar que principalmente a questão financeira é a que mais aparece, entre as características da teologia da prosperidade, tanto durante os cultos em que é o alvo da arrecadação a ser atingida como na mídia nacional.

Assim como Rist (1997) divide a humanidade em desenvolvidos e desenvolvedores, o discurso religioso também separa duas categorias de pessoas: os profissionais da fé, como aqueles que produzem o discurso religioso, daqueles que o recebem. Isso cria uma enorme diferença na maneira como as palavras “sagradas” são utilizadas, pois cabe aos profissionais da fé orientar o discurso religioso no sentido de determinados fins. Nesse ínterim, o desenvolvimento é proposto a partir de uma verticalização de poderes, desproporcionais e, muitas vezes, antagônicos entre si. As relações que se estabelecem entre desenvolvidos e desenvolvedores no campo religioso reproduz um modelo desigual a partir do imaginário mítico religioso.

Desenvolvimento implica a realização das potencialidades e necessidades humanas (FURTADO, 1981). Sen (2005) ilustra a aplicação desse conceito quando faz referência às liberdades substantivas: desfrutá-las corresponde a “chave” para o desenvolvimento, o que pressupõe entender a consciência humana livre ou alerta pela crítica reflexiva de uma ideologia de opressão, de medo, de limitação dogmática, portanto, ideologicamente oculta.

Pode-se dizer que a *ação comunicativa* dos líderes religiosos, *desenvolvedores* (RIST, 1997) de normatizações em nome de deus, constitui-se no *bem supremo* (LÉVI-STRAUSS, 1982) para implementar ou, pelo menos, propor, um modelo discursivo pró-ativo na superação dos conflitos e desordens sociais. A ação comunicativa num amplo sentido dá partida para a ação na sociedade, funda a cultura e o processo de humanização. Assim, o homem distancia-se, enquanto produto da natureza, para se firmar a partir da cultura. E é por meio desta que deus expõe suas determinações humanas, obviamente formuladas por seres humanos “à imagem e semelhança dos próprios homens”. Assim, aqueles que se apropriaram do discurso religioso passaram a ter a prerrogativa sobre os destinos dos fiéis. Sem os “pastores de almas” muitas pessoas estariam *excluídas* – entregues a si próprias, na acepção de Castel (2006). Mas isso não justifica a “posse” de pessoas pelas religiões, muito menos as credenciais como instrumentos ideológicos para amplo domínio “civilizatório”.

Toda essa reflexão discursiva fornece fundamentos ao que Santos<sup>46</sup> (2003) discute sobre a democracia dialógica, cognominada de discussão da *reflexividade*, pela “via da indignação”, cujo principal postulado assenta-se na valorização do diálogo que sempre pressupõe o outro. Nesse sentido, torna-se interessante estudá-lo como indicativo para uma melhor compreensão dos postulados religiosos uma vez que a indignação se constitui em parte visceral da arquitetura lingüística neopentecostal. É

---

<sup>46</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa (org). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

preciso, pois, desenvolver uma indignação tanto para perceber os efeitos dos discursos em si, quanto para entender que a indignação faz parte dos seus próprios argumentos discursivos religiosos, sobretudo no neopentecostalismo, que se utiliza constantemente da indignação como elemento incitatório para mudanças comportamentais nos fiéis.

Ainda sobre as contribuições de Santos (2003), a fim de aprimorar a compreensão do discurso religioso em prol do desenvolvimento, faz-se necessário entender outro aspecto, eminentemente cultural: a idéia da emancipação do ser humano, ligada a um processo crescente de conscientização das estruturas sociais. Em sua exposição sociológica, ele desnaturaliza a exclusão social, pois sendo essa um produto cultural, também poderá ser extinta pela mesma via cultural. Por isso, Santos (2003) insiste que a democracia se mostra como um “instrumento para negociar conflitos” advindos de desequilíbrios sócio-culturais promovidos por pessoas, apesar de aspirantes da emancipação pela consciência humana dilatada. As conclusões a que se chegam por meio de sua exposição é que os fatos não falam por si mesmos, mas são construídos culturalmente.

Assim, ao cientista social cabe ser “total”, na expressão da escola francesa (“cientista total”), para entender melhor o que Santos (2003) aponta para duas formas antagônicas de compreensão social: a regulação, referência aos processos de burocratização, de reprodução do sistema, em contraposição à emancipação, referência às rupturas que deverão ocorrer no sentido da indignação a fim de romper com a naturalidade das desigualdades. Uma indignação necessária para promover a ruptura do paradigma “natural”: isso ou aquilo é assim porque “sempre” foi assim. Sem a indignação do cientista total a burocratização não abre espaço para as mudanças necessárias para se pensar uma alternativa para o desenvolvimento.

Ao inserir o campo religioso nas reflexões sobre o desenvolvimento pretende-se questionar os paradigmas arquetípicos do homem, uma vez que a religião “já nasce” com o ser humano, por isso tende a se passar despercebida como uma criação essencialmente cultural e, como tal, recheada de intenções subjetivas nas entrelinhas de

seus discursos. A cultura, lembra Kliksberg (2001), incide claramente sobre o estilo de vida dos diversos grupos sociais e representa um fator decisivo de coesão social.

Não se pode pensar um modelo coerente de desenvolvimento sem antes pensar uma estrutura de solidariedade (SANTOS, 2003). A rede de solidariedade, conforme visto em Mauss (2001) se passa em torno da economia da dádiva. Segundo Jonathan Pary (1986, p.467 *apud* GOUDBOUT, 1999, p.56) “a dádiva feita em segredo caracteriza todas as grandes religiões da humanidade”. Assim, não seria estranho desconfiar do modelo cristocêntrico que a Europa exportou para o mundo. Pensar a dominação de uma cultura por meio de uma ideologia religiosa coloca luzes sobre a dominação hegemônica que marcou o desenvolvimento em várias partes do mundo. Há séculos o cristianismo foi (im)posto às pessoas como um modelo alternativo de “projeto social” solidário. Até mesmo a “naturalização” da solidariedade, da bondade, do carisma (WEBER, 1994) se mostrou, no cristianismo primitivo, como ponto pacífico de questionamento.

É oportuno lembrar o que Santos (2003) questiona como aspiração social e meta para a cidadania: de onde pode surgir um novo projeto de desenvolvimento, de projeto civilizatório, moldado numa idéia de solidariedade, de cooperação? A esse questionamento Sztompka (2005, p.472) fornece uma pista:

A crença de que a mudança social e o progresso dependem da ação humana, de que a sociedade pode ser moldada por seus membros em seu próprio benefício, é um importante pré-requisito ideológico do ativismo, e, portanto da mobilização dos movimentos sociais. O voluntarismo alimenta os movimentos sociais, o fatalismo os destrói.

A citação expõe uma via de projeto social construída no interior de comunidades e grupos sociais. Sztompka (2005) ainda explica que é somente por meio de *complexas interações* que emergem as características globais dos sistemas sociais em suas formas “de equilíbrio ou desequilíbrio, consenso ou dissenso, harmonia ou discórdia, cooperação ou conflito, paz ou guerra, prosperidade ou crise”. Para superar muitos de seus entraves, o neopentecostalismo inova em muitos discursos, sobretudo aderindo,



conforme visto, aos princípios de auto-ajuda. No entanto, para a doutrinação dos fiéis, ainda não abre mão da máxima imortalizada por São Tomás de Aquino (*apud* GODELIER, 2001): “A religião é a dívida que os homens têm para com Deus”, portanto, quitá-la é um dever dos fiéis para que as promessas de deus se materializem em suas vidas.

### **3.4 O discurso neopentecostal e a “ingenuidade” da fé**

Macedo (1989) explica que ao compreender cientificamente o fenômeno religioso o que de fato importa é analisar, pela lente da crença, como a realidade humana é construída. O fenômeno religioso só interessa na medida em que crendo em deus ou deuses, os homens constroem modelos e formas de se organizar socialmente. Por isso, a religião é uma instância socializadora do homem.

Pereira (1980) explica que quanto mais privado da autonomia política, mais fortemente o povo judeu desenvolveu as esperanças da vinda de um reino messiânico para superar sua posição de dependência política. Tão importante quanto a vinda do messias é a crença, também, de que o mundo será, um dia, completamente transformado, anulando-se todas as injustiças, sofrimentos e opressões, desaparecendo a doença e a morte, na nova era do porvir.

O discurso neopentecostal alterou radicalmente a maneira de se conceber os sofrimentos humanos. Se, antes, no cristianismo primitivo e, ainda hoje, em grandes porções cristãs, os sofrimentos da comunidade eram indispensáveis para que os homens merecessem entrar no reino celeste, com o discurso neopentecostal, os sofrimentos humanos têm uma causa certa: o demônio. Por isso é necessário seguir à risca as determinações do messias para alcançar a benevolência da divindade. Pois é na medida em que mais se obedece a deus que este, mais depressa, retribuirá, trazendo o paraíso celeste à Terra.

Para melhor compreender como o discurso neopentecostal atinge grupamentos sociais, prometendo-lhes melhoria de vida, interessante voltar-se às explicações de Pereira (1980), quando apresenta algumas fases que marcam o movimento religioso conhecido como messianismo. Nesse movimento religioso, a crença produz uma fase de espera messiânica, em que tudo é aspiração, desejo, promessa de tempos melhores; os indivíduos se contentam, então, em sonhar com o mundo perfeito e em espreitar a vinda do enviado celeste.

A compreensão do messianismo proporciona uma crítica religiosa sobre o desenvolvimento, sobretudo do que se espera deste a partir da doutrinação religiosa. Uma religião voltada para a contemplação ou para o aperfeiçoamento da alma obviamente oferece poucas possibilidades para motivar o indivíduo para a ação; portanto, o tipo de religião é também importante, devendo, para tal, ter como escopo a melhoria da vida material (PEREIRA, 1980). A busca da perfeição individual só interessa às religiões messiânicas na medida em que pode contribuir para modificar a vida terrestre. A transformação do mundo é tarefa árdua, porém o indivíduo não se engaja nela sozinho: toda a coletividade messiânica, - formada por seus “irmãos em Deus”, - aí está para auxiliá-lo, e as divindades também estão ao seu lado, pois lhe enviaram o messias. A solidariedade de tal grupo é forçosamente vigorosa, baseada que está na estreita dependência recíproca grupo-indivíduo, diante da finalidade comum que orienta a ação, reforçada pela sanção do sobrenatural. Nesse sentido, o vínculo que se forma entre as pessoas é mais importante do que a coisa em si (MAUSS; GODELIER, 2001).

A responsabilidade dos fiéis sobre desenvolvimento trata-se de uma decorrência inevitável do objetivo que se propõe ao grupo, isto é, a transformação do mundo: “o messias não pode assumir sozinho as múltiplas tarefas de modificar, concomitantemente, o setor religioso e o setor temporal; divide-as com os discípulos, que também se encarregam do proselitismo” (PEREIRA, 1980).

Nas relações da religião com a riqueza material, Weber (1994, p.394) distinguiu tipos de religiões conforme as camadas sociais da sociedade global, mostrando que:

Toda religião de redenção (categoria em que se inclui o messianismo) resulta de um estado de carência econômica, política ou social, de que sofre uma camada inferior, ou que subitamente se tornou inferior; as camadas sociais superiores, que não se encontram em estado de carência, justificam e legitimam uma situação privilegiada.

A distinção de Weber (1994) entre religiões oriundas de camadas hegemônicas e religiões oriundas de camadas oprimidas demonstra, ao mesmo tempo, que existem tipos discursivos que as fundamentam, como no exemplo apresentado, sobre a ideologia messiânica. Nesse particular, o neopentecostalismo pouco utiliza o messianismo, pois diferente das religiões de contemplação o discurso neopentecostal, sem desconsiderar deus, prima pela ação e atitude dos próprios fiéis como sujeitos de suas transformações sociais. Ao tipo discursivo neopentecostal se pode atribuir, assim como Weber (1994) explicita, “a possibilidade de uma religião tornar-se ativo veículo de reformas, diante de um estado profundo de desorganização sócio-econômica”. Pois a religião foi sempre o domínio que poderia fornecer modelos, já prontos, de poder aos homens, quando alguns deles começaram a alçar-se muito acima dos outros e quiseram afirmar, e legitimar, seu lugar único na sociedade pela diferença em sua origem (GODELIER, 2001).

Para Nietzsche (*apud* MARTON, 1993), a única forma de “salvar” o homem, o único caminho para voltar a “justificar a vida” e dar-lhe uma “direção ascendente”, seria a instauração de um novo ideal, de novos valores, no interior de uma interpretação inteiramente nova do mundo. Seria necessário, em termos nietzschianos, efetuar uma completa transvaloração de todos os valores. A vontade de potência permitiria pensar o “querer mais”, e não o “querer-continuar-assim” (implícito no “querer sobreviver”). Tal reflexão se torna possível a partir do discurso neopentecostal, uma vez que seu foco está voltado para promover a ação humana na superação do “continuar assim” – principalmente em referência às dificuldades materiais por que passam os fiéis. No entanto, a mudança de vida dos fiéis, do “querer mais”, está sempre conectada com o elemento religioso subliminar, orientado pela ênfase discursiva-dogmática. Diferente da

interpretação nietzschiana, em que o viver é dotado de sentido – independentemente de deus. Assim como Nietzsche, Marton (1993) desconstrói esse vínculo religioso-desenvolvimentista da seguinte maneira: “Não é porque Deus nos obriga a fazer isso ou aquilo que nossa vida adquire uma direção ascendente, e não é porque Deus está ausente que nossa vida não pode ter tal direção”.

Com vistas a refletir sobre as perspectivas do desenvolvimento, esse estudo pretende ser como em Salcido (2005), “uma contribuição para o debate sobre o desenvolvimento como satisfação, realização e ganhos dos indivíduos em sociedade”. Acrescenta-se à reflexão, indivíduos em sociedade sob influências de uma mesma ideologia religiosa, no caso, neopentecostal. Os pressupostos aqui apresentados admitem uma noção ética das políticas que escapam à mera preocupação da ação centrada no crescimento econômico ou no aumento da produção *per capita* a fim de questionar se é possível um desenvolvimento inclusivo em relações sociais que deveriam fugir ao mercado econômico.

Assim como Salcido (2005) apresenta o debate sobre as necessidades essenciais, pode-se perceber, também, no discurso neopentecostal, sua atenção discursiva focada em necessidades fundamentais que o ser humano precisa como necessidade de abrigo, de alimentação, de convivência social, de saúde, de educação; de uma vida longa e saudável, digna dos princípios democráticos, para realização do ser humano (CATTANI, 2005). Nesse sentido, o discurso neopentecostal está focado e em sintonia com as aspirações primeiras da democracia e desenvolvimento social, na busca pela implantação de um modelo ideológico capaz de favorecer o debate sobre as necessidades essenciais no interior das próprias congregações religiosas. As mesmas necessidades pelas quais buscam o ser humano são contempladas no discurso neopentecostal por meio da chamada “teologia da prosperidade”. Portanto, teologia da prosperidade, no discursivo neopentecostal, parece corresponder à reflexão sobre as necessidades essenciais no debate sociológico.

Tal reflexão é, ao mesmo tempo, delicada e necessária na academia uma vez que busca retirar muitas “máscaras” que sustentam, e até mesmo justificam, a ideologia discursiva neopentecostal. De outra forma se poderia admitir como socialmente favorável o poder ideológico dos discursos religiosos em si, sem uma crítica sociológica sobre os mesmos. Pelo contrário, o discurso neopentecostal não pode ser compreendido ingenuamente, sobretudo quando ministrado a grandes massas populacionais de países subdesenvolvidos ou emergentes, conforme a nomenclatura. Salcido (2005) alerta que na América Latina o conceito de necessidades foi ligado à carência de bens básicos – serviços urbanos, produtos alimentícios, acesso insuficiente à escola e à saúde e educação e remetem-se às responsabilidades públicas e privadas ao mero fato da sobrevivência.

Geralmente para superar a desorganização social, os grupos se unem para fortalecer o que Durkheim chama de coesão social. Os grupamentos religiosos que se congregam sob as mesmas doutrinas e, portanto, mesmos dogmas discursivos também fortalecem os laços sociais entre si e as instituições ao mesmo tempo que dão ênfase à importância dos símbolos sagrados para gerar formas cooperativas de organização. Assim, explica Salcido (2005), as teorias da confiança, dos intercâmbios, das relações de amizade e de cooperação social, não apenas atendem à satisfação imediata, como incorporam as dimensões pública, privada, social e subjetivas.

Pelo exposto pode-se perceber a abrangência do discurso religioso na conquista e manutenção de seus adeptos. A apologia religiosa, principalmente em regiões mais desprivilegiadas economicamente, encontra forte repercussão nas carências sociais promovidas por governos com constantes fracassos nas políticas de elevação da qualidade de vida, de acesso universal aos bens e serviços básicos e a persistência da pobreza<sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> Neste estudo, a pobreza deixa de ser considerada *simplesmente* como um produto de instituições produtoras de desigualdades (SALCIDO, 2005), mas, antes, de um afastamento do homem dos princípios e determinações divinas. O fundamentalismo religioso explica que é a ruptura do ser humano com os princípios religiosos que produz a miséria e todas as dificuldades

Sob as hostes de uma grande diversidade de carências sociais o discurso neopentecostal se fortalece na tentativa de superação dos principais conflitos humanos, sobretudo aqueles que preenchem suas necessidades essenciais. Salcido (2005) suspeita que a “atualização do conflito como categoria central da sociedade e das coletividades pode ser a base de uma reflexão sobre o bem-estar comum”.

No âmbito religioso, os conflitos sociais são categorias centrais em torno das quais o discurso religioso é produzido. O discurso da equidade religiosa, por exemplo, atinge a todos os fiéis que crêem em seus postulados, pois, *a priori*, basta colocar em prática suas determinações para garantir uma estratégia “segura” de desenvolvimento e realizações individuais ou coletivas.

De certa forma, a atuação dos profissionais da fé se torna coadjuvante com as políticas do Estado. Conforme explica Salcido (2005), na medida em que a organização social ou as redes de solidariedade familiar mostram suas potencialidades, o Estado perde terreno como provedor de bem-estar e os laços de subordinação da sociedade pela política tendem a ser questionados com mais severidade. Talvez por isso o Estado, assim como a religião desenvolvam com tanta ênfase ações para atender às necessidades básicas do ser humano mediante concepções produtivas direcionadas a solucionar efeitos pontuais da pobreza extrema.

Salcido (2005) adverte que seria necessário, para tal concepção desenvolvimentista do sistema global, reordenar o conceito de satisfação de necessidades básicas em torno da produção, do consumo, da política e da ética na promoção de uma vida duradoura e saudável em amplos sentidos humanistas e não apenas com vistas a atender às necessidades essenciais de uma política social<sup>48</sup>.

---

sociais. Assim, recuperar a aliança com deus é o primeiro passo para o indivíduo, juntamente com sua comunidade de fé, se apropriar do desenvolvimento em amplo sentido social. Obviamente essa argumentação também fundamenta a religião como uma instituição produtora de desigualdades.

<sup>48</sup> Cf. Salcido (2005, p. 145). Entende-se política social a ação que tem por objetivo garantir a geração e reprodução de cidadania. O discurso neopentecostal sintetiza essa ação pela cidadania nos princípios da *teologia da prosperidade* principalmente no "faça a coisa", pois ela ensina que

Ao registrar, no grupamento religioso neopentecostal a busca por solucionar seus principais conflitos emocionais e carências materiais, forma-se, por uma necessidade intrínseca à superação dos seus problemas, uma rede preocupada em ampliar seu próprio capital social.

Toledo (2005) foca no conceito sobre capital social algo que remete diretamente à prática do grupamento religioso neopentecostal: a capacidade de obter benefícios a partir do aproveitamento de redes sociais. De fato, no seio religioso congregacional, os fiéis se ligam uns aos outros pela fé nos mesmos postulados doutrinários o que leva a reforçar a idéia da existência de uma *rede social motivada pelo verbo divino* – produzido pelos homens de fé com seus intrincados circuitos lingüísticos doutrinários. A existência dessa rede proporciona benefícios suplementares aos indivíduos que a ela têm acesso, em comparação com as que obteriam se atuassem individualmente, sem o apoio de tais relações sociais. “Definir o capital social como a capacidade de obter benefícios a partir de redes sociais permite aclarar a noção das fontes e a infra-estrutura do capital social” (TOLEDO, 2005, p.171)<sup>49</sup>. Nesse sentido, inúmeros são os benefícios que se pode obter das redes sociais em torno do mesmo discurso religioso, pois os fiéis corroboram seus aprendizados doutrinários a todas as pessoas.

Ao expressar suas conquistas, motivadas pelas “palavras de deus”, os fiéis religiosos compartilham experiências pessoais na superação dos principais conflitos humanos. Nos grupamentos de fé essa partilha ocorre tanto de maneira informal entre os fiéis quanto em um momento específico dos cultos, normalmente cognominado nos grupamento neopentecostais, como “testemunhos de fé”. Provavelmente, nessas ocasiões a igreja se renova e se mantém viva em número crescente de adeptos. Ao

---

são, sobretudo nossos atos que nos levam à derrota ou vitória. De acordo com nossas ações, receberemos ou não aquilo que precisamos ou queremos.

<sup>49</sup> “Considero que essa discussão é das mais importantes na dissertação, na medida em que ensejou explicações sobre o surgimento de religiões “desenvolvimentistas”. Em países como o Japão e a Coréia, a religião tem a finalidade de levar à purificação da alma e ao crescimento pessoal no sentido de favorecer as relações interpessoais. Nos Estados Unidos e Brasil as religiões tornaram-se porto de passagem para o desenvolvimento econômico das pessoas” (Comentário feito pelo Prof. Dr. Carlos Roberto Pires Campos, Banca Examinadora de defesa dessa dissertação, dia 08/12/2008, Unimontes).

exemplificarem conquistas materiais e a superação de seus principais conflitos, reforçam toda uma rede social em torno da mesma ideologia religiosa.

O fundamental aqui, na definição de capital social, é perceber que existe uma confiança mútua baseada num corpo doutrinal e dogmático que funciona como uma tábua normativa divina e sobrenatural materializada na exegese dos profissionais da fé que constroem o arcabouço doutrinal e, portanto, normativo aos crentes a fim de garantir as relações sociais de cooperação para todos que ali congregam. Aqueles que se reúnem sob o mesmo estandarte religioso têm, assim, maiores chances de obter benefícios por meio da rede social que integram.

Por fim, Toledo (2005, p.176) afirma que o objetivo final do desenvolvimento social tem relação com a ampliação das oportunidades reais das pessoas para exercer suas potencialidades. Assim, os grupos desfavorecidos têm valores que lhes dão identidade. A cultura é, ainda, um fator decisivo de coesão social. Nela, as pessoas podem reconhecer-se mutuamente, cultivar-se, crescer em conjunto e desenvolver a auto-estima coletiva. “Preservar os valores culturais tem grande importância para o desenvolvimento, já que funcionam como uma *força coesiva* numa época em que muitas outras estão se enfraquecendo”, conclui o autor.



## Considerações Finais

As observações realizadas *in loco* nas igrejas e gravações digitais de culto e orações puderam confirmar a hipótese exposta nessa investigação. Assim, ao fiel religioso não basta saber que “Adão e Eva pecaram”. O mais importante é que o discurso religioso não o faz esquecer que, assim como Adão e Eva pecaram, o homem continua a desobedecer a palavra (vontade) de deus. Dessa forma, as conseqüências do pecado atual corroboram o pecado dos antepassados adâmicos. Pelos esclarecimentos neopentecostais, o homem sofre porque não observa a palavra de deus, pois “continua a pecar; continua desobediente à palavra divina”. Dessa forma, os religiosos neopentecostais encontram “explicações” para a origem e para as soluções dos males que afligem a humanidade.

Outra observação interessante de nota é que, segundo explicações neopentecostais, o mal não pode provir diretamente da natureza humana, pois sua causa original se funda no demônio. Ao ser humano, resta-lhe, pelo seu livre-arbítrio, “escolher” entre deus e o demônio. Conseqüentemente, elege também a qualidade da sua dádiva: retribuições divinas ou demoníacas, conforme visto no segundo capítulo.

O estudo bíblico exposto (Anexo A) deixa claro que o bem e o mal vêm de deus ou do demônio e não do ser humano em si: “mas quem escolhe qual habitará em nosso ser? Deus? Não. O senhor não pode viver em nós sem a nossa permissão; muito menos o diabo. Quem decide essa questão é a própria pessoa” – exprime, de uma maneira geral, o neopentecostalismo. Pelo confronto dessa explicação religiosa com a dádiva original, percebe-se que tanto o mal quanto o bem são atributos externos e não intrínsecos ao homem. O livre-arbítrio humano, portanto, se mostra como a resposta mais adequada à hipótese sobre os males e soluções por que passam o ser humano.

Outra questão importante observada no discurso neopentecostal é que normalmente ele se utiliza de palavras afirmativas e desafiadoras na intenção de

arrancar o crente de um estado (quase sempre) mórbido de desânimo com uma vida sem objetivos, para um estado em que os neopentecostais gostam de cognominar, “o estado de revolta”. Essa “revolta” íntima, tão incitada, parece ser o motivador principal que leva o fiel a buscar uma mudança radical em sua vida para melhor. Por isso, essa “revolta” é sempre pelo *basta de uma insatisfação interna* e que não condiz com as benesses de deus, criador de todas as coisas. Não é uma revolta para brigas, guerras ou desentendimentos externos com outrem, mas uma luta interna consigo; uma provocação, às vezes irônica, sobre o estado de derrota em que se encontram alguns fiéis em Cristo. Ora, “Se Deus é Deus de tudo, não há porque o homem viver como mendigo”. Este é um dos argumentos que fundam a teologia da prosperidade aplicada nas igrejas neopentecostais.

Esse estudo procurou exemplificar determinado momento da prática religiosa cristã na cidade de Montes Claros e que se repete em muitos outros lugares<sup>50</sup>. Na tentativa de exemplificar o poder do discurso neopentecostal foram destacados traços de fundamentalismo cristão em suas práticas orais. A pesquisa ilustra, assim, a manipulação religiosa cristã por meio de fundamentos bíblicos que direcionam os crentes pelos caminhos das “certezas absolutas e das verdades supremas”.

O ofício dos profissionais da fé, em práticas fundamentalistas, também foi posto em evidência no sentido de desmitificar suas intenções subjetivas para a maioria dos devotos, ao mesmo tempo em que expôs um sistema religioso de opressão e jogos lingüísticos baseados em arquétipos seculares. Não é novidade alguma que medo, pecado, deus, céu, inferno, bem-aventuranças, são categorias lingüísticas fartamente utilizadas para dominação e convencimento por meio dos discursos religiosos.

Em essência, a análise aqui realizada volta-se para a busca do interdiscurso ou pelo que está “no meio” entre o sim e o não dos extremos marcados pela visão fundamentalista dicotômica. Um discurso onde não existe espaço para o “talvez”. Ou seja, o que se buscou estudar foi exatamente o substantivo oculto situado nos extremos

---

<sup>50</sup> Cf. Web sites e diversos canais de TV (TV Record, Rede Vida, Canção Nova, etc).

entre o “sim” e o “não” no discurso religioso fundamentalista na tentativa de identificar uma fala comum na qual convergem as diversas oralidades dos profissionais da fé neopentecostal. É como se quisesse perguntar com esse estudo: onde está o “meio” dos discursos religiosos neopentecostais? Pois o que se vê em profusão são seus extremos: sim ou não; céu ou inferno; saúde ou doença; santo ou pecador; deus ou demônio.

Marcados pelos extremos das certezas, tais discursos suprimem a dúvida (o talvez) na tentativa de se firmar com a posse da verdade religiosa. Esta forma de encarar os discursos religiosos é facilmente percebida em muitas igrejas locais. Com suas propagandas salvacionistas mostram-se prontas para arregimentar o maior número de fiéis (futuros dizimistas?) e perpetuar com o *status quo* das castas sacerdotais montesclarenses. O proselitismo religioso é acirrado no neopentecostalismo, sobretudo pelas promessas que faz para solução de “todos os males”.

Por meio da coleta e análise dos discursos orais dos profissionais da fé foi possível encontrar *fortes indícios* de práticas fundamentalistas cristãs. Ainda assim, essa pesquisa não poderá arbitrar definitivamente em determinados casos do discurso religioso sobre aquilo que é ou não um argumento fundamentalista exatamente porque a linguagem é escorregadia e recheada de significados ocultos. Por isso, sua intenção situou-se em *apontar indícios*, mediante os próprios discursos orais dos profissionais da fé. Certezas absolutas, só no terreno do religioso e da fé. Aqui, a qualidade está exatamente em pôr a problemática fundamentalista dentro da pauta de observação e relevância acadêmica.

Os dogmas representativos do segmento religioso neopentecostal são a base de sua estrutura discursiva, sem os quais os argumentos da oratória dos profissionais da fé perderiam o sentido de organização, poder e coerção. Esse sistema de compreensão do cristianismo quase sempre se encontra radicado na maneira discursiva afirmativa de seus líderes.

No primeiro capítulo desse estudo foi visto apenas um fragmento do pensamento católico e neopentecostal iurdiano. Por isso é preciso lembrar que ainda

existem muitas questões a serem tratadas nesse estudo comparativo: de um lado, a capacidade da igreja católica de compatibilizar sua maneira de ser e sua proposta de vida num quadro muito amplo de formas societárias e, de outro, as grandes variações teológicas do neopentecostalismo.

Sem pretensão de apontar generalizações no campo religioso, os crentes da fé normalmente buscam por uma transformação em alguma área debilitada de suas vidas. Essa transformação se opera, no discurso neopentecostal, sob a forma de uma proposta de *mudança nas atitudes dos fiéis religiosos*: de um estado de pouca compreensão a respeito dos problemas cotidianos da vida para um estado de compreensão dilatada sobre suas soluções mais óbvias.

As origens que motivam as transformações comportamentais nos fiéis podem ser difíceis de serem mensuradas pela ciência acadêmica uma vez que perpassam por questões filosóficas, subjetivas e existenciais, transcendentais ou metafísicas, ainda muito fluídas para serem apresentadas como afirmações da ciência. Mas, uma coisa não se pode negar: o processo de ampliação sistemática da consciência humana pela via religiosa está diretamente relacionado e em estreita dependência com as atitudes humanas, sobretudo nas relações que os homens estabelecem entre si em uma espécie de *círculo de trocas* maussiano. Nesse sentido, por meio da religião, tal empreitada desenvolvimentista-antropocêntrica tende a se realizar em direção a um *planejamento* saudável na vida dos fiéis que têm por fundamentos teóricos, princípios (teo)logicamente encadeados; organizados de tal forma doutrinal como hinário religioso para o desenvolvimento pessoal e coletivo, dirigido àqueles que o seguirem com fé e esperança.

A transformação que o discurso neopentecostal enfoca promete atingir o cerne dos problemas sociais, do micro ao macro social: da fome individual às fomes coletivas, da solidão às multidões com depressão, da falta de dinheiro pessoal às crises financeiras globais. Colocando-se de lado os conhecidos aspectos fundamentalistas e subjetivos que marcam e dão ênfase grande parte dos discursos coletados, existe algo

em comum que os relaciona: tais discursos neopentecostais apontam, de alguma forma, para um projeto desenvolvimentista de transformação social por meio da prática de uma fé inteligente ao mesmo tempo em que “explicam” a origem da maioria dos problemas por que passa o ser humano.

## Epílogo

Nesse estudo foi visto que a literalidade do texto bíblico ainda é bastante utilizada por líderes religiosos acostumados a fundamentar suas vidas *ipsis literis*, com “a palavra de deus”. A postura radical de se compreender e viver a exatidão da palavra religiosa é chamada de fundamentalismo, momento em que ocorrem distorções na interpretação e na vivência daquele que segue determinada doutrina ou princípio.

No mundo inteiro, muito se tem falado em fundamentalismo islâmico, mulçumano entre outros, mas pouco se estuda os abusos que se comete com a linguagem enquanto veículo de fundamentalismo religioso. Não é difícil perceber que dos discursos religiosos originaram diversos preconceitos que ainda hoje alimentam milhares de crenças. Tais crenças, principalmente mantidas pelo discurso oral de líderes religiosos, fundamentam as pessoas a agir desta ou daquela forma.

Numa sociedade privada das condições básicas de cidadania e de boa educação formal as questões apontadas nesta dissertação podem ser vistas como de utilidade pública, afinal a pobreza financeira e a falta de uma boa educação formal contribuem para limitar a compreensão do ser humano, colocando-o em situações de risco frente ao discurso religioso dos profissionais da fé fundamentalista.

Viver no conflito, na dúvida, com interrogações existências não é fácil. Assim, a religião parece cumprir a tarefa de preencher uma espécie de vazio existencial e angustiante do ser humano, ávido por respostas prontas e definitivas para as questões últimas da vida. Durante muitos anos, formou-se, e se perpetua até hoje, um sistema doutrinal e dogmático que simplesmente induz milhões de pessoas a pensarem estritamente de determinada maneira, fundamentados no que se convencionou crer como as palavras de deus, consubstanciadas na bíblia e em outros livros sagrados.

Apesar das contradições intrínsecas de qualquer mito ou poesia, quando compreendidos em sua literalidade, as religiões tomaram para si a posse da verdade.

Desta forma, muitos credos fundamentalistas apregoam que as pessoas devem abaixar as cabeças e dizer amém para um deus, ainda que criado pelo verbo humano (nos discursos e doutrinações dos profissionais da fé). Pela interpretação literal da bíblia, deus, o demônio e o pecado são reproduzidos, todos os dias, nos bastidores de milhares de igrejas: a história é repleta de exemplos de atrocidades e desrespeito humano motivadas pela interpretação fundamentalista dos profissionais da fé. No entanto, nem tudo pode ser descartado e posto de lado na prática profissional do movimento neopentecostal. Um dos grandes trunfos desse movimento, por exemplo, é estar fundado na teologia da prosperidade: uma forma de interpretar e viver a palavra de deus com a intenção de obter uma melhora significativa na vida pessoal e familiar em todos os níveis (financeira, afetiva, profissional e outros).

Provavelmente pelo motivo de fomentar a prosperidade financeira dos crentes, as igrejas neopentecostais são as que mais crescem atualmente. Muitos são os depoimentos de “milagres” ocorridos na vida dos fiéis que fazem questão de enaltecer a importância da evangelização dos pastores em suas vidas “antes e depois de serem convertidos a Jesus” – mediados obviamente, pela igreja na qual congregam.

Para desmitificar o mito do pecado original, bem como por extensão dos dogmas impostos por uma leitura fundamentalista da religião, foi vista a relação do pecado (humano) com o afastamento natural de deus – ilustrado a partir do mito adâmico, conforme visto na paráfrase adâmica. Ali, é evidente como deus tinha um forte relacionamento pessoal com Adão e Eva antes do pecado.

Para compreender as relações de trocas entre o homem e o sagrado, esse estudo recorreu à teoria da dádiva de Mauss (1974, 2001), por meio da qual foi possível compreender as relações originais de trocas (dádiva original) que ocorrem entre o homem e as divindades (deus e o demônio). Adão e Eva, intermediados pelos dois elementos supremos e antagônicos (deus e o demônio) “escolheram” a natureza da retribuição da sua dádiva. A eles estavam disponíveis o bem e o mau, a saúde e a doença, a tristeza e a alegria, a bonança e a miséria, a vida e a morte. Para conseguir

suas devidas retribuições bastavam-lhes, conforme visto no segundo capítulo, doar aquilo que possuíam: a (des)obediência. Essa retribuição maniqueísta<sup>51</sup> entre doadores e donatários também é parte intrínseca do cristianismo e elemento visceral do fundamentalismo religioso (ou é sim ou não) e adquire maior ênfase em muitas práticas religiosas do neopentecostalismo.

Os argumentos da bipolaridade entre o bem e o mal, às vezes, fixam-se mais em uma doutrinação pelo temor do mal (das catástrofes, das doenças e desgraças humanas), do que pela dádiva do bem representativo que há em deus. Em outras palavras: a figura do demônio adquire mais força do que a de deus.

Segundo a prédica neopentecostal, os males que atingem os crentes da atualidade não são apenas porque os primeiros habitantes pecaram, mas porque o homem continua a pecar. Desta forma, os religiosos fundamentalistas encontram respostas às suas desgraças, não apenas no pecado original, mas porque continuam negando a palavra de deus, afastando-se das determinações divinas e “dando ouvidos a satanás”.

Pelo exposto percebe-se que a teoria da dádiva é capaz de elucidar não somente as relações de trocas que ocorrem entre as divindades (deus e o demônio) com os seres humanos, mas também deduzir, a partir da qualidade de suas retribuições, as origens do bem e do mal recebidos (divina ou demoníaca).

A compreensão da natureza da retribuição é uma questão importantíssima para que se compreenda a dádiva original, pois de uma boa doação espera-se uma boa retribuição, bem como se pode esperar o inverso de uma má doação. Para o âmbito religioso existe uma relação direta entre a qualidade da dádiva e a retribuição divina. A partir destas proposições pode-se compreender como os conceitos de deus e do demônio estão vinculados à dádiva.

---

<sup>51</sup> Maniqueísmo: Doutrina fundada por Mani no século III, na Pérsia, e segundo a qual o Universo é a criação de dois princípios que se combatem; o bem ou Deus, e o mal ou o Diabo; (p. ext.) toda doutrina fundada nos dois princípios opostos do bem e do mal. (BUENO, 1986, p. 695)



O mito adâmico é repassado, sobretudo oralmente às crianças que, desde tenra idade, se vêem diante de um enigma insolúvel. Quando adultas o pensamento científico fornece-lhes novas explicações sobre a origem dos seres, mas ainda assim, muitas pessoas ainda preferem conviver com crenças antagônicas em nome da fé. Se compreendido literalmente, os mitos, bem como a exegese bíblica como um todo, se tornam fortes opositores ao pensamento científico e uma porta aberta a severas distorções – incompatíveis com a ciência, como por exemplo, na teoria do criacionismo, ensinada em muitas escolas americanas.

Conforme visto, o mito do pecado adâmico, por mais pueril que pareça ser à primeira vista é bastante profundo. O cristianismo em suas múltiplas variantes religiosas estão assentados na “veracidade” dele. Alguns religiosos atenuam essa veracidade, considerando-o metafórico, em face dos argumentos da ciência. Entendido nos limites que a poesia cosmogônica permite, o mito adâmico resgata a origem mais elementar das relações da dádiva, pois não havia intermediários entre o dar, o receber e o retribuir. Criador e criatura viviam uma relação direta, tal como também ocorre nas doações e retribuições diretas entre doador e donatário.

Como exemplificado aqui, as práticas fundamentalistas religiosas confundem as pessoas porque tomam para si verdades supremas e colocam “palavras divinas” na boca de homens com o poder do discurso, transformando-as em discursos-de-poder. Talvez por isso o neopentecostalismo encontre enorme repercussão nas regiões mais desprivilegiadas da cidade principalmente porque seus fiéis religiosos “encontram” respostas mágicas aos problemas mais imediatos<sup>52</sup>. Nessas regiões ocorre o surgimento e a proliferação de um maior número de igrejas na tentativa de encontrar “respostas”

---

<sup>52</sup> Nos últimos 5 (cinco) anos visitei diversas regiões em Montes Claros em busca de igrejas e observei que quanto mais carentes são os bairros, mais igrejas neopentecostais possuem. Nos bairros de classes média e alta não observei nenhuma igreja neopentecostal, mas somente a igreja católica.

míticas aos problemas sociais. Não é à toa que em muitas igrejas os pastores conclamam os fiéis desempregados a levar a carteira de trabalho para ser abençoada<sup>53</sup>.

Buscam-se explicações míticas para os males que atormentam o ser humano desde tempos imemoriais, no entanto, os homens são os próprios responsáveis tanto pelo bem que há em suas vidas quanto pelos males que os afligem, pois o bem e o mal também são produções culturais, portanto, humanas. Neste sentido, não é demais afirmar que Adão e Eva no paraíso da dádiva e da (des)obediência somos todos nós – humanos e mortais, pecadores conforme a tradição cristã, mas também atores sobreviventes de catástrofes políticas, terrenas ou divinas no grande palco da criação a ser transformado, quiçá algum dia, em algum projeto efetivo para o desenvolvimento das diversidades sociais, sobretudo para aquelas expropriadas de seu direitos básicos de cidadania e auto-estima.

Uma questão subjacente que também instigou as reflexões aqui apresentadas foi saber como o neopentecostalismo atrai tantas pessoas aos seus templos. Esse questionamento aproximar-se-á, provavelmente, do motivo pelo qual o cristianismo de uma maneira geral, e o neopentecostalismo em particular, atrai multidões. Por meio dos estudos até agora realizados nessa pesquisa pode-se apontar, sobretudo embasado na análise do discurso neopentecostal, que aquilo que mais atrai as pessoas a essa forma discursivo-religiosa são as *propostas de transformação positiva em suas vidas*. Tais propostas são apresentadas como *promessas* emanadas diretamente de deus. É como se colocasse deus como avalista das ações humanas para a mudança na vida dos fiéis. Quais os riscos de fracasso para aqueles que têm como “avalista” o poder supremo do universo?

Portanto, o clamor desenvolvimentista que se ouve nas igrejas é em uníssono: uma mudança, uma transformação radical para melhor na qualidade de vida

---

<sup>53</sup> É bastante comum na renovação carismática (movimento neopentecostal da igreja católica) os padres abençoarem documentos, principalmente a carteira de trabalho. Padre Marcelo Rossi é uma dos maiores exemplos desse tipo de prática religiosa. Suas missas aos domingos atraem milhares de fiéis. Muitos deles segurando a carteira de trabalho na mão em busca do milagre por um emprego.

daqueles que ali se encontram. Os meios discursivos para atingir esse fim podem e devem ser questionados, até mesmo como mero receituário religioso de auto-ajuda, no entanto, o intento da transformação econômica, material e cultural na vida de alguns fiéis não pode ser negado, mas corroborado por meio da ação das vozes neopentecostais.

Visto dessa maneira, o discurso religioso se corporifica duplamente nessa pesquisa: ao mesmo tempo em que se apresenta como objeto de estudo, se mostra também como “produto” do comércio divino. Afinal, é patente a formação de verdadeiros impérios econômicos fundados a partir do “produto” religioso, isto é, do *discurso* construído e adaptado culturalmente para o “preenchimento” de determinadas lacunas existenciais, políticas, econômicas em diversos lugares – receptivas às explicações míticas sobre os mais diversos conflitos humanos.

Ao procurar descobrir os porquês do discurso neopentecostal atrair tantas pessoas aos templos religiosos ou televisivos confirmou-se a existência de *um tipo discursivo religioso preponderante* na prática lingüística neopentecostal dos profissionais fé. Assim, que normalmente o discurso neopentecostal se mostra encantador aos fiéis exatamente porque *promete a solução* de grande parte dos problemas humanos. No entanto, isso ainda não explica as razões de templos cheios. Foi preciso, portanto, identificar em tais discursos algo que justificasse grandes conglomerados de fé, como os observados no modelo neopentecostal.

A partir de um aprofundamento na análise do discurso religioso neopentecostal proferido por alguns profissionais da fé apurou-se o sentido subliminar que estava sendo dito por alguns líderes religiosos. Nesse sentido, esse estudo apresentou a teologia da prosperidade como forte subsidiária do discurso neopentecostal. Provavelmente, o que há de mais forte nesse tipo discursivo religioso é o seu forte *apelo à transformação* do ser humano, principalmente incentivando-o a recuperar valores financeiros perdidos ou sonhados, ou, ainda, manter a posse das benesses materiais recebidas por “graça e obra” de deus.

Apesar das contradições que limitam a compreensão da dogmática religiosa cristã, os discursos neopentecostais funcionam, quase sempre, com uma lingüística desenvolvimentista a fim de atingir seu intento “mágico”: retirar o fiel sofredor de seu posto de vítima do demônio para desfrutar das bonanças terrenas aprovadas por deus no aqui-agora e não para o *post-mortem* – conforme defende há tempos os segmentos mais tradicionais do cristianismo, como o discurso oficial da igreja católica apostólica romana.

Ainda sobre as contradições intrínsecas da dogmática religiosa pode-se apontar, no âmbito conceitual e pragmático que limitam a compreensão deste trabalho, o seguinte questionamento: até que ponto o discurso neopentecostal pode favorecer ou dificultar o desenvolvimento social de seus adeptos? A resposta por esse questionamento é ambiciosa e foge aos limites desta pesquisa, uma vez que relaciona diretamente as necessidades humanas – satisfações subjetivas e abstratas, ao próprio conceito de desenvolvimento, tornando-o ainda mais escorregadio.

O discurso neopentecostal atrai multidões de fiéis às igrejas não apenas porque simplesmente promete a solução de toda sorte de males, mas porque *propõe uma alternativa*, uma saída das dificuldades, isto é, um caminho viável e factível de desenvolvimento àqueles que sofrem, pois, segundo a crença neopentecostal, as palavras proferidas por seus representantes indicam “o que deus quer dos homens”.

O discurso neopentecostal se apresenta, antes de religioso, sob a forma de uma *terapêutica lingüística* para que os fiéis sofredores reajam frente aos desafios que a vida lhes impõe. É também uma reafirmação para aqueles que já reagiram às intempéries da vida e desfrutaram de uma “vida de abundância no Senhor”, a fim de que não percam seu contato com a fonte sagrada de onde emana toda prosperidade em suas vidas.

Compreendido dessa forma, o discurso neopentecostal consegue atrair para si uma grande multidão de pessoas – crédulos de que há conserto para suas vidas mediante, é claro, a *aceitação e prática* dos princípios evangélicos, explanados nas

igrejas como verdadeiros roteiros de vida retirados da bíblia, tida como a carta-magna para solucionar os problemas de toda a humanidade.

Este estudo deu ênfase à forma de argumentação que alguns oradores religiosos usam, baseados no *tipo discursivo* neopentecostal, a fim de buscar a persuasão ou o convencimento de fiéis religiosos. Como se expôs acima, o discurso religioso neopentecostal se relaciona diretamente aos conceitos de desenvolvimento, sobretudo, social e econômico uma vez que se dirige às pessoas reais vivendo com algum tipo de dificuldade ou carência. Por vezes, também se dirige aos bem-afortunados de sua congregação, mas, neste caso, sempre para o convencimento e reafirmação do próprio discurso desenvolvimentista. Afinal, precisa haver testemunhos convincentes para realimentar e reafirmar o poder do discurso.

Dessa forma, o discurso religioso, encarnado no verbo humano dos profissionais da fé, pode ser entendido como um instrumento desenvolvimentista do “milagre” divino. Pela argumentação discursiva dos oradores da fé, as mudanças são propostas e corroboradas nas “palavras sagradas” do texto bíblico. Afinal, o desenvolvimento é a grande crença da humanidade. Assim compreendido, deus se torna mais do que um assunto de fé pessoal, de foro íntimo, mas em uma necessidade para alguns, principalmente na superação de conflitos, motivo pelo qual Rosa (1993, p.76) provavelmente encerra sua reflexão: “Estremeço. Como não ter Deus? Com Deus, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve”.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Palavras e sinais - Modelos Críticos 2*. Trad. Maria Helena Ruschel, Sup. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995.
- APGAUA, Renata. *A dádiva universal: reflexões em um debate ficcional*. (Dissertação, UFMG). Orientadora: Lea Freitas Perez, 1999.
- ALMEIDA, Ronaldo Rômulo Machado de. *A universalização do reino de Deus*. (Dissertação, Unicamp), Orientadora: Alba Zaluar, 1996.
- ALMEIDA, Ronaldo Rômulo Machado de. *Traduções do fundamentalismo evangélico*. (Tese, USP). Orientadora: Paula Montero, 2002.
- ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2006.
- ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BAKUNIN, Mikhail. *Deus e o Estado*. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/deuseoestado.htm>> Acesso em: 26/09/2007 15h29min.
- BÍBLIA SAGRADA, Edição pastoral. São Paulo: Paulus, 2001.
- BÍBLIA SAGRADA. A.T. Gênesis, cap. 2-3, 54. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1986.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BOUCAULT, Carlos E. de Abreu; RODRIGUEZ, José Rodrigo. *Hermenêutica Plural*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia dos bens simbólicos* In: *Razões Práticas*. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2004, pp 157-194
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador*. São Paulo: Cortez, 2003.
- BUENO, Franciso da Silveira. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986
- CAMPOS, Cândido Silveira. *Teatro, templo e mercado*. Petrópolis: Simpósio, 1997.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. "O milenarismo intramundano dos novos pentecostais Brasileiros". In: \_\_\_\_\_ *Estudos de Religião*, Ano XIV, n. 18, de 2000.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 100-115, set/nov, 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática: origens, mudanças, tendências*. Aparecida: Editora Santuário, 2000.

CASTRO, Manuel Antônio de. *Poética e poiesis: a questão da interpretação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

CASTEL, Robert. Classes sociais, desigualdades sociais, exclusão social. In: BALSÀ, Casimiro Marques et al (org). *Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional*. Ijuí: Unijuí, 2006.

CATTANI, Antonio David; DÍAZ, Laura Mota (org). *Desigualdades na América Latina: novas perspectivas analíticas*. Trad. Ernani Só. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1999.

CRAWFORD, Robert. *O que é religião?* Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CULTO religioso em igreja cristã na cidade de Montes Claros. Tema: Prosperidade, 2006

DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (org). *A religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EBDWEB, *O que é a Teologia da Prosperidade*. Disponível em: <http://www.ebdweb.com.br/licoes/licao90103.htm> Acesso em: 12/05/2008.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas*. São Paulo: Zahar, 1983.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1997.

FLACH José Loinir; SUSIN Luiz Carlos. *O paradigma do dom*. Revista eletrônica da PUC-RS Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1674/1207> Acesso em: 12/05/2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. *As ramificações das religiões*, domingo, 6 de maio de 2007.

FOSTER, Richard J. *Celebração da Disciplina*. São Paulo: Vida, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.

FRANCISCO, Adilson José. Os novos pastores. In: PEREIRA, Camila; LINHARES, Juliana. *Especial da Revista Veja*, 12 de julho de 2006, p. 77-86

FRESTON, P. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Campinas, Tese (Doutorado) – IFCH – Unicamp, 1993.

FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Fundamentalismo\\_religioso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Fundamentalismo_religioso)> Acesso em: 30/07/06

FURTADO, Celso. *Pequena introdução ao desenvolvimento: enfoque interdisciplinar*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1981.

GARCIA, Nelson Jahr. *O que é propaganda ideológica*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

GODBOUT, Jacques T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 33-119.

GODELIER, Maurice. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2001.

HINN, Benny. *Rise and be healed*. Orlando, Florida, USA: Celebration Publishers Inc., 1991.

HRYNIEWICZ, Severo. *Para filosofar hoje*. Rio de Janeiro: Lumen Juris 6. ed. 2006.

INFERNO EM CHAMAS. DVD. Gênero: Terror. Duração: Aprox. 90 min. Distribuidor: BV Filmes, 1992.

JOBIM, Everton. *Dogmas da igreja católica*. Disponível em: <<http://www.doutrinacatolica.net/>> Acesso em: 05/11/2007

KLIKSBERG, Bernardo. *Falácias e mitos do desenvolvimento social*. São Paulo: Cortez, 2001.

LACERDA, Lucelmo. *E os católicos se rendem à Universal do Reino de Deus: aproximações dos carismáticos com o neopentecostalismo*. Espaço Acadêmico, n. 71, abril, 2006, ISSN: 1519.6186

LAURENTIN, René. *Pentecostalismo entre os católicos: riscos e futuro*. Petrópolis, VOZES, 222p. ; 21cm. 1977.

LE PACTE DES LOUPS (*O pacto dos Lobos*). DVD, Gênero: suspense. Duração: 142 minutos. Distribuição: Universal Focus, Direção: Christophe Gans, Roteiro: Stéphane Cabel e Christophe Gans, Produção: Richard Grandpierre e Samuel Hadida. Ano de Lançamento (França): 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O princípio da reciprocidade. In: \_\_\_\_\_ *Estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIMA, Dalton de Souza. *Cristianismo sem bíblia ou o perigo dos “neos”*. Seminário Teológico Batista, Niterói – RJ, 2004.

MACEDO, Carmen Cinira. *Imagem do eterno: religiões no Brasil*. São Paulo: Moderna, 1989.

MACEDO, Edir. *Vida com abundância*. Rio de Janeiro: Universal, 1996.



- MACHADO, Ida Lúcia et al. *Teorias e práticas discursivas: estudos em análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (org). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- MANUAL DA REDAÇÃO. *Folha de São Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2006.
- MARI, Hugo. *Categorias e práticas de análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- MARI, Hugo. *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999.
- MARI, Hugo (org). *Análise do discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: UFMG, 2003
- MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. São Paulo: Cebrap, 1997.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo neopentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARIANO, Ricardo. *Os pentecostais e a teologia da prosperidade*. In: \_\_\_\_\_ *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, nº 44, 1996.
- MARIZ, Cecília. A dinâmica das classificações no pentecostalismo brasileiro. In: SOUZA, Beatriz M. de; GOUVEIA, Eliane H.; JARDILINO, José Rubens. (Org.). *Sociologia da Religião*. São Paulo: PUC&UMESP, 1998, v.1, p. 85-91.
- MARTINS, Giberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. São Paulo: Atlas, 2007.
- MARTINS, Denise. Michelangelo: da criação do universo ao juízo final: breve análise sobre o trabalho da Capela Sistina. *Contemporâneos*. Revista de História Contemporânea. No. 2, maio-out, 2008.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche. A transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993.
- MATOS, Alderi Souza. *O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário*. Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper. Disponível em: [www.mackenzie.com.br/teologia/historia%20da%20igreja/igrejajmc.htm](http://www.mackenzie.com.br/teologia/historia%20da%20igreja/igrejajmc.htm) Acesso em: 10/05/2007.
- MATTOS, Fenando Costa. *A doença da civilização: novos olhares para combater o niilismo*. Revista *Mente, Cérebro & Filosofia*. Vol. 4, Duetto editorial, São Paulo, 2007.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EDUSP, v.2, 1974.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dívida*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2001.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia cultural*, 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MENDONÇA, A. G. & VELASQUES, Filho, P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antônio Durães. Pentecostais e pentecostalismo. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINS, Luis Mauro Sá (orgs). *Sociologia da religião e dos movimentos sociais*. São Paulo: Paulus, 2004.

MENDONÇA, Mauricio. Teologia da prosperidade. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/religiao/teologia-da-prosperidade.html> Acesso em: 12/06/2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas – 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MONTENEGRO, Carolina. *O culto e o oculto*. Revista Galileu, março/2007, n. 188, p.28-29.

NERI, Marcelo. A ética pentecostal e o declínio católico. *Conjuntura econômica*. Maio de 2005, p.58-59.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Vontade de Potência: ensaio de uma transmutação de todos os valores*. Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A, 2006.

O PECADO original. *Culto religioso em igreja neopentecostal*. Montes Claros - MG, domingo, 14/11/2004.

OLIVEIRA, Michael Seymour Alves. Fundamentalismo cristão e suas possíveis relações com a intolerância em face as transformações da modernidade. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, UFPB, 2007. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/religioes/pdf/pluralismos/GT02/GT02TC01.pdf>> Acesso em: 02/01/2008, 17h06min.

ONFRAY, Michel. Deus está nu. In: FONTENELLE, André. *Veja*, 25 de maio de 2005, p. 11-15

ORLANDI, Eni Pucinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.

ORO, Ari Pedro; *Avanço Pentecostal e Reação Católica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

PEREIRA, Camila; LINHARES, Juliana. Os novos pastores. *Veja*, 12 de julho de 2006.

PEREIRA, Maria Isaura. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 2001.

PIERUCCI, A. F. *Fundamentalismo e Integrismo: os nomes e a coisa*. In: Revista USP, São Paulo, n.13, mar. 1992.

PINEZI, Ana keila; ROMANELLI, Geraldo. O mal exorcizado: cura divina entre os neopentecostais da igreja internacional da graça de deus. *Impulso*, Piracicaba, 2003, p. 65-74

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso*. 2. ed. Curitiba: Criar, 2004.

PRANDI, R. *Um Sopro do Espírito: a renovação conservadora de católicos carismáticos*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997.

RIST, Gilbert. *The history of development. From Western Origins to Global Faith*. Zed Books, London and New York, 1997.

RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição, transmissão e emoção religiosa*. São Paulo: Olho d'água, 2001.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 3. ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo: Companhia do Bolso, 2006.

SALCIDO, Gerardo Torres. Necessidades essenciais e pobreza: conceitos e alternativas para as políticas de desenvolvimento. In: CATTANI, Antonio David; DÍAZ, Laura Mota (org). *Desigualdades na América Latina: novas perspectivas analíticas*. Trad. Ernani Ssó. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SILVEIRA, Marcelo. *O Discurso da Teologia da Prosperidade em Igrejas Evangélicas Pentecostais. Estudo da Retórica e da Argumentação no culto religioso*. Tese. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2007.

SOLOMON, Robert. *Racionalidade e espírito*. Revista Galileu, janeiro de 2004, p. 40-42.

SZTOMPKA, Piotr. *A sociologia da mudança social*. Trad. Pedro Jorgensen Jr. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7.ed. São Paulo: Atica, 1986.

TILLICH, Paul. *A era protestante*. São Paulo: Ciências da Religião, 1992.

TITIEV, Mischa, *Introdução à Antropologia Cultural*. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

TOLEDO, Fernando C. Capital social, desenvolvimento e redução da pobreza: elementos para um debate multidisciplinar. In: CATTANI, Antonio David; DÍAZ, Laura Mota (org). *Desigualdades na América Latina: novas perspectivas analíticas*. Trad. Ernani Ssó. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004, 364p.

TRÍAS, Eugênio. Pensar a religião: o símbolo e o sagrado. In: DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (org). *A religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. Pietro Nassetti, São Paulo: Martin Claret, 2006, 230p

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3. ed. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe, Brasília: UNB, 1994.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5. ed. Trad. Waltensir Dutra, Rio de Janeiro: LTC, 1982.

# APÊNDICE A

(Transcrição dos discursos neopentecostais)

## Preleções recorrentes de um discurso fundamentalista

**Excerto<sup>54</sup> n. 1:**

**“Não tires da criança a vara” (ou, por que se deve bater em crianças?)**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 032, pasta Fundamentalismo 2**

[Depois de uma grande riqueza de detalhes sobre a sua vida cotidiana, com uma família “perfeita” o PF narra a seguinte história]: Estava chovendo naquele lindo sítio [...] o sol era maravilhoso... e, na hora de me preparar para o culto fui tomar o banho, mas antes resolvi dar uma de papai altruísta e fui trocar a fralda do André, aí percebi que na sala Maria começou a levantar a voz. Ela estava jantando com os nossos outros 3 filhos Olha.. vocês não conhecem Maria, pois quem conhece Maria sabe que, levantar a voz é uma coisa mais difícil, é um tipo de coisa que não bate com ela, ela é um tipo de pessoa que não levanta a voz. Ela tem uma atitude mansa, meiga mas ela tava levantando a voz! Ai eu disse: péra aí... deixa eu ver o que tá acontecendo... Fui lá e propus uma troca, eu disse no ouvido dela: beinzinho..., não sei o que tá acontecendo aqui, mas vai lá... cuidar do André, termina de trocar o André que eu resolvo aqui. E não demorou muito e eu logo percebi a razão da irritação dela: um dos nossos gêmeos, o Thiago, que na época tinha uns 4 pra 5 anos, ele estava enrolando para comer, tão típico de criança pequena e eu cheguei e falei olha Thiago, come direitinho aí. Você ta enrolando pra comer... você já deixou a mamãe irritada... quer que papai ajude? Dar uma colherada? E

---

<sup>54</sup> Cada excerto apresentado compõe uma citação direta (literal), tal como está gravado digitalmente. Serão utilizados colchetes [ ] para indicar supressões na fala original devido a grande extensão de cada exposição. Também foi suprimida a regra NBR 10520 (ABNT, 2002b) que recomenda para citações longas o uso do recuo de 4 cm da margem esquerda. Em seu lugar foi adotada a utilização do parágrafo moderno (Cf. NBR 14.724 e NBR 15.287). Também foi utilizado, ainda que estranhamente em determinados contextos de construção sintática do texto, a abreviação PF para referir-se a expressão “profissional da fé” a fim de evitar delimitar ou estigmatizar determinado segmento religioso.

ele [o Thiago] só mastigando... a comida não descia. Aí eu fui brincar, dar atenção para os outros meninos pra ver se o Thiago comia, quando eu olho novamente ele só mastigava. Não comia, só enrolava não engolia a comida. Filhinho a papai tem que sair... eu quero ver esse prato limpo. Porque lá em casa a gente sempre teve uma filosofia: nós nunca colocamos no prato das crianças aquilo que sabíamos que eles não podiam comer, porque nós sempre cremos que uma criança que está acostumada a chegar a uma altura do prato e dizer: "eu não quero mais!" Essa criança está sendo ensinada a ser ingrata a Deus, pelo suprimento de Deus. Então, na nossa casa, os nossos filhos nunca deixaram resto no prato. Nos seminários [encontros dos religiosos] nós éramos a última família a sair do refeitório, porque eles [os filhos] tinham que comer tudo o que tinha no prato. Mamãe e papai cuidavam pra não colocar muito... Mas nesse dia o Thiago não queria nada. Aí a uma certa altura minha fala com ele já mudou um pouco. Eu disse: *"aí...ô do cadeirão... você vai criar vergonha ou não vai? Tá na hora do papai ir embora e você ta enrolando aí ôoo"*. E ele nada... só enrolando, eu tava na hora de sair para fazer o culto, e ele nada! [de comer]. [O PF faz uma demorada descrição de como era longe e difícil ele ir fazer a pregação até a igreja, pois tinha que vencer "dez quilômetros de terra, numa estrada cheia de lama, pois estava chovendo]. Aí eu disse: *"filho, se você não obedecer o papai, o papai vai ter que fazer aquilo que você sabe que acontece quando vocês desobedecem... o papai vai ter que pegar a varinha..."* Porque nós sempre tivemos uma *convicção bíblica* de que Deus fez uma parte do corpo mais fofa [referindo-se às nádegas] para que nós cumpramos aquilo que *a bíblia diz: "não tires da criança a vara"*. Porque quando você retira da criança a vara, você deixa o coração dela continuar estulto, como diz Provérbios. É claro que nós sempre administramos a disciplina de forma a não deixar hematomas, de não machucar, de não bater no lado errado, de não bater com raiva. Não vou falar com vocês que algumas vezes tivemos que reconsiderar... Mas a varinha ele já conhecia... A varinha é um instrumento flexível, ela não machuca, mas ela arde, ela deixa a sua dorzinha e a dor é algo muuuito interessante para ensinar algo. Mas nós sempre utilizamos a varinha nos casos de

desobediência. [...] a *bíblia* diz que a vara é para a desobediência. Aí eu disse assim para ele (que já estava com lágrimas nos olhos e já tava mastigando sem engolir, e nada de comer e nada de engolir...) e eu começo a procurar a varinha e ele só nas lágrimas e eu não encontrava a varinha e ele só chorando, mais cinco minutos passaram... E eu procurava, procurava, procurava, e nada de encontrar. Eu sempre tive uma convicção: pais não devem ameaçar os filhos; pais devem dizer que eles vão fazer e cumprir! Mas como é que eu ia cumprir se eu não acho a tal da varinha? Eu olho e viro e mexo e nada. E a hora só passando e eu já atrasado para o culto... Aí eu busco algo para substituir que se parecesse com pouco com a varinha. A primeira coisa que aparece na minha frente que se assemelhava a varinha foi... uma colher de pau [risos dos fieis religiosos]. Mas aí eu pensei: uma colher de pau vai machucar..., eu tenho que saber administrar isso para não machucá-lo [afinal era uma criança de 4 para 5 anos], e os outros dois irmãos já ficaram assim: com olho arregalado. E foi assim, exatamente assim que eu administrei a disciplina. Eu disse: *“de pé no cadeirão!”* E eu bati nele, cuidando de que não fosse uma coisa exagerada. Aí ele sentou no cadeirão e tá chorando... e se você não sabe como pai ou como mãe, criança que tá chorando não come. Aí a coisa ficou encrencada e naquela hora eu já tava me alterando... e não percebendo a coisa comecei a bater mais nele! Olhando para chuva que já se intensificava, eu já tava atrasado, não ia conseguir chegar na hora e... o sangue começou a ferver... eu comecei a imaginar várias coisas... um filho rebelde. Pensava: olha um filho rebelde... ele por fora diz que quer comer..., mas por dentro não quer e tal.... aí eu voltei a bater nele, não só uma vez mas várias vezes até que chegou um momento que eu literalmente perdi o controle! E quando eu perdi o controle eu peguei aquele menino eu arranquei ele do cadeirão eu botei ele no chão e eu literalmente espanquei o meu filho! [voz trêmula do PF, quase chorando...] Já se passaram 21 anos disso, mas eu não consigo falar disso e não mexer com meu coração! Aquele menino tinha que comer a comida dele porque ele tinha na frente dele um monstro!... que queria a todo custo ser obedecido. [...] Aí eu peguei o carro e fui para a igreja, bravo com Deus. Eu disse: hoje eu vou dizer umas verdades pra

Deus. Hoje ele vai ter que me ouvir! [...] No dia seguinte, eu dormi até tarde porque era segunda-feira, minha folga. Antes de levantar eu era acordado por Thiago, que disse: papai, eu te amo! Aí no café eu pedi perdão a meus filhos e eles me perdoaram! Essa história se aplica para diversas situações da vida cotidiana, sobretudo, para filhos que querem o primeiro lugar e por isso não estão nem aí para o respeito com os pais, para com a obediência aos pais.

**Excerto n. 2: Ganhando a casa própria.**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 01, pasta fundamentalismo 2**

PF: Tá aí meu amigo, o milagre aconteceu... Agora vamos ouvir outro [depoimento de fiel], ainda mais forte, de uma senhora que recebeu a casa própria depois de participar das correntes aqui na igreja... Vamos ouvir: o que a senhora recebeu aqui na igreja...? \_\_\_ A casa própria! \_\_\_ casa própria? [o PF repete em tom de admiração]. Em qual lugar da cidade a senhora recebeu a casa? \_\_\_ Na região central da cidade, próximo à prefeitura. \_\_\_ A senhora tinha dinheiro guardado e comprou a casa? \_\_\_ Não, eu ganhei a casa. [O PF explica que teve uma pessoa que chegou milagrosamente e simplesmente “deu” a casa]. “Ta vendo gente... foi uma pessoa que deu” (palmas dos presentes na igreja). E o PF continua: Muito bem minha amiga, meu amigo, contra fatos não existem argumentos. Tá mais do que provado de que na igreja... os milagres acontecem, onde o poder de Deus está aqui, sendo manifesto na vida das pessoas. É um lugar onde a pessoa tem que chegar doente e sair curado!

Então, você que está doente, que está passando por esta enfermidade na sua vida, que diz: PF, infelizmente eu não queria que fosse assim, mas a minha casa está igual a uma farmácia!. Meu marido tá doente, eu tô doente, meu filho tá doente. Aqui em casa meu marido sofre de pressão alta. Quando a pressão não tá alta, tá baixa demais! Quando não é o problema da pressão é o problema da depressão que toma conta. É uma tristeza



profunda, um desânimo. Quando a senhora acorda a senhora não tem nem vontade de levantar, se pudesse a senhora ficava dormindo e mais... a senhora tem que fazer comida pro esposo, então a senhora levanta e diz: se eu pudesse ficar o dia inteiro eu ficava trancada no meu quarto... é tanto problema na minha vida que não sei como resolver... Mas, se você tomar uma atitude de nessa terça feira de pisar os pés na igreja..., eu garanto que isso vai mudar! Esse mal que está paralisando sua vida vai sair! E finalmente você vai receber a vitória! [...]

### **Excerto n. 3: Propaganda da libertação I**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 11, pasta fundamentalismo 4**

PF: O nosso intuito é ajudar você e tirar você da escravidão e ver você e sua família feliz, longe do vício, livre do vício, livre das contendas, das brigas. [...] Você me procura e diz: olha PF, a coisa ta tão difícil pra mim, que eu tenho até vontade de ligar, mas cortaram meu telefone, porque não sobra nem pra pagar a conta, não tenho dinheiro nem pra comprar um cartão telefônico. O mal investiu de forma tão pesada na sua vida que olha pra você ver minha amiga. Você precisa de ajuda! Nós vamos ajudar você! Eu vou resolver o seu problema nessa terça-feira na igreja X. Nós vamos colocar fogo nesse encosto maldito, desgraçado que tem atormentado sua vida.

### **Excerto n. 4: Propaganda da libertação II**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 14, pasta fundamentalismo 4**

PF: Certo dia um pai procurou o senhor Jesus. Este homem disse: mestre, suplico que vejas meu filho porque é único. Um espírito se apodera dele e de repente o menino grita!. O espírito o atira ao chão, convulsiona-o até espumar e dificilmente o deixa. Ao ouvir isso o senhor Jesus mandou que trouxesse o menino e quando ia aproximando o

demônio<sup>55</sup> atirou o menino no chão e o convulsionou. Mas, Jesus repreendeu o espírito imundo e expulsou o demônio. Entregou o menino para o pai e todos ficaram maravilhados ante a majestade de Deus. Este trabalho que fez Jesus é o mesmo trabalho que nós da igreja ... fazemos! Se você sabe de um caso semelhante ou parecido com desse menino ou conhece pessoas que sofrem com dores de cabeça constantes, desmaios, vultos, medo, insônia, doenças incuráveis... ou vítimas de feitiços, nós convidamos você a trazer esta pessoa para participar da poderosa corrente da libertação!

### **Excerto 5: Oração fundamentalista – O inferno vai tremer!**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC013, pasta gravações primárias.**

PF: Nós vamos orar agora e *com certeza* o inferno vai tremer! Os demônios *com certeza*, não de tremer. Louvado seja o nome do nosso senhor Jesus! Tem pregador que fica lutando onde satanás está. Para mim, pouco importa se ele está no inferno ou nas regiões celestes o negócio aqui é que nós vamos triunfando com a vitória nas mãos. Eu profetizo a vitória sobre a sua vida, eu profetizo a paz sobre a sua vida. Eu profetizo a alegria de você vencer as lutas sobre o diabo. Vamos falar com Deus. Aumenta o volume do seu som, aumenta bastante para que o vizinho saiba que *nós estamos em guerra* contra satanás. [...] Com certeza hoje Deus vai fazer um reboliço na sua vida. Vamos orar e clamar a Deus agora. Se você quer receber a vitória fica ligado. [A oração é realizada com um tom choroso na voz] ... eu tenho certeza que o senhor meu Deus está no céu adornado de luzes e majestade está recebendo esta oração. Enquanto isso o teu espírito santo está convencendo o homem do pecado, o espírito santo está sobre nosso corpo. [...] a batalha está travada!

---

<sup>55</sup> Segundo Sagan (2006, p. 138-139) a crença em demônios era difundida no mundo antigo. Eram considerados seres naturais, e não sobrenaturais. Sócrates descrevia sua inspiração filosófica como obra de um demônio pessoal e benigno. [...] Mas todos os platônicos posteriores que influenciaram poderosamente a filosofia cristã, sustentavam que alguns demônios eram bons e outros maus.

**Excerto 6: Agora meu Deus, nós te pedimos libertação!****Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 32, pasta fundamentalismo 3**

PF: Meu Deus venha renovar a vida dessa pessoa! Meu Deus e meu pai, venha tocar na vida dessa pessoa que está tomando remédios descontrolados, pois essa pessoa não está tendo condições de pagar os remédios. Essa pessoa que está tocando o lugar da enfermidade. Meu Deus o senhor pode curar! [...] entra meu Deus no quarto, no hospital e mostra que só o senhor é Deus! entra na casa dessa senhora e curar esse filho que está viciado nas drogas que o senhor possa estar resgatando essa pessoa, enxuga as lágrimas dessa mãe que chora! Meus Deus ajuda essa pessoa que tem notado que está sendo vítima de uma obra maligna, que o senhor possa estar libertando essa pessoa. Essa pessoa que vê vultos, que ouve vozes, essas pessoa que vive uma vida deprimida, oprimida pelas obras do *adversário*<sup>56</sup> agora meu Deus, nós te pedimos libertação! Liberta essa pessoa que tem que tomar remédio para dormir, entra com tua providência! [...] Nós vivemos dias maus, mas que o senhor possa nos dar o livramento<sup>57</sup>! A tua palavra meu Deus nos diz que o adversário, que é satanás, veio para matar, roubar e destruir e o senhor veio para que tenhamos vida e vida em abundância. Então meu pai, venha chegar vida onde o diabo ta tentando provocar a morte. Essa pessoa que está totalmente paralisada em cima desta cama, dessa cadeira de roda, que o senhor possa estar visitando essa pessoa para se levantar! Quantos paráliticos o senhor curou no passado! Quantos cegos passaram a enxergar através da tua palavra! Senhor da glória, até mesmo os surdos passaram a ouvir por meio do poder da tua palavra! Então que essa pessoa possa receber a cura para essa paralisia, para essa surdez! em nome do senhor Jesus cristo. Confirma a tua vitória senhor da glória em nome do senhor Jesus. Perdoe pelo pecado consciente e inconscientemente. Meus Deus! Amém senhor Jesus.

---

<sup>56</sup> Termo de uso corrente nas igrejas neopentecostais. Eufemismo para demônio, satanás, Lúcifer, capeta, devorador, maligno.

<sup>57</sup> Termo amplamente usado nas igrejas pesquisadas e que constitui a meta a ser alcançada do fiel: a libertação completa das obras do demônio e a vida em plenitude com Deus.

**Excerto 7: Eu uso da autoridade que o senhor Deus me deu.****Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 22, pasta fundamentalismo 7**

PF: [...] eu uso da autoridade que o senhor Deus me deu e de acordo com Marcos, capítulo 16, versículo 16 e 19, diz que as portas do inferno não prevalecem sobre as igrejas de Jesus Cristo. O senhor diz que o que desligardes na terra será desligado no céu, mas o que ligares na terra será ligado no céu. Assim, nós desligamos agora de toda maldição familiar. Meus Deus se existe alguma herança de maldição familiar, se existe algum espírito que está atrapalhando a vida amorosa dessa pessoa eu digo na autoridade que está escrito em Marcos 16, versículo 16 e 17 eu exijo que saia dessa pessoa e restaure a vida sentimental desse meu irmão dessa minha irmã. Se existe algum espírito de suicídio que está perturbando a vida de meu irmão da minha irmã eu exijo que bata em retirada e que receba a libertação. Meus Deus, se existe algum vício bebida forte, de nicotina, de cigarro, algum vício de droga, de imoralidade qualquer vício que seja eu digo meu Deus limpa esse coração do meu irmão. Eu oro agora e quero dizer pro câncer: câncer, como profeta Ezequiel disse naquele vale de ossos secos: ossos secos!, ouvi a palavra de Deus!, câncer, ouvi a palavra de Deus, esse corpo é templo do espírito santo, esse corpo é propriedade exclusiva de Deus. E eu exijo câncer, em nome de Deus que você saia desse corpo! Saia desse corpo leucemia, saia desse corpo diabetes, saia desse corpo transtorno obsessivo compulsivo, saia desse corpo transtorno bipolar! Saia desse corpo doenças da tireóide, saia desse corpo doenças do útero, da visão, do glaucoma. Agora sai desse corpo doenças da garganta, tira esse pigarro, essa tosse... sai agora em nome de Jesus!. Sai doenças do aparelho respiratório. Vai saindo agora doenças da audição do aparelho auditivo, vai saindo em nome do senhor Jesus. Ó meu Deus, toca na coluna esse pessoa, nas vias respiratórias e vai curando essa pessoa na carne, entre a pele e os nervos, entre a pele, os nervos e a corrente sanguínea, nos ossos, nas juntas, na medula. Ó meu Deus, vai tocando agora nos intestinos, no intestino grosso, no fino, no pulmão, no fígado, nos rins, no coração,

na vesícula. Meus Deus! toca no intestino grosso, no fino... vai tocando meu pai na face, nesse pessoa que tem alergia, que tem queda de cabelo. Deus visita agora esse presidiário, esse centro de recuperação, esse hospital, esse consultório, esse restaurante, essa pizzaria, essa casa de frutas, essa mercearia, esse supermercado, esse salão de beleza. Meus Deus, visita esse local de trabalho do meu irmão: do profissional autônomo, do profissional liberal, do pequeno empresário, o micro empresário. Meu pai eterno, visita agora o desempregado (abre a porta dos empregos para eles), visita ó pai querido esse sitiante, esse fazendeiro. Meus Deus visita as cidades vizinhas que estão orando conosco, visita os bairros desta cidade [Montes Claros]. Ó meu Deus, Visita o Melo e dá uma igreja evangélica naquele bairro! Ó pai querido, visita o Todos os Santos<sup>58</sup>.

#### **Excerto 8: Obediente a Deus, obediente aos seus líderes!**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 17, pasta fundamentalismo 3**

PF: Deus tem uma palavra especial para você porque nessa tarde estaremos ministrando nada mais, nada menos do que a palavra de Deus! doce, viva e santa palavra de Deus. Abra comigo, Efésios cap. 6., versículos 10 e 11. Talvez você está em um lugar impossibilitado de manusear a bíblia, a espada da palavra de Deus, ouça com atenção o que nos diz a palavra de Deus. [...] As pessoas não entendem que estamos em uma guerra. E esta guerra só tem um objetivo: o diabo tentando tragar vidas! E para isso o Diabo encontrou um caminho mais fácil de ferir a Deus. Eu vou dizer nessa tarde a

---

<sup>58</sup> Melo, assim como Todos os Santos, são considerados bairros de classe média e alta na sociedade montesclareense. Interessante observar que quanto mais rico financeiramente o bairro, menos igrejas possuem. Não foi observada nenhuma igreja neopentecostal nos bairros mais ricos dessa cidade. Este fato pode ser compreendido nesse estudo uma vez que o discurso aqui delimitado (neopentecostal) tende a buscar na palavra de deus uma resposta às desgraças humanas (pobreza financeira, desemprego, doenças, distúrbios físicos emocionais e psíquicos). Um aprofundamento deste estudo poderá traçar um *ordenamento territorial religioso* onde vários tipos de igrejas se distribuem geograficamente na cidade de Montes Claros. A identificação e análise dessa ordenação religiosa no município será interessante para ampliar os conceitos aqui abordados na perspectiva religiosa, sobretudo como suas doutrinas ordenam a vida e os costumes das classes sociais.

todos vocês como o diabo fere a Deus. A estratégia do diabo é atingir a obra-prima da criação que é você, que sou eu que somos nós! E quando o diabo atinge o ser humano atinge diretamente o criador! [...] por isso, meus amados existe uma guerra! [...] Temos que usar a maior armadura de Deus. Essa armadura para quem não sabem eu vos digo: é viver seguindo os preceitos de Deus escrito em Efésios cap. 6, versículo 10: Se você não for *obediente a Deus através da sua palavra, **obediente aos seus líderes***, líderes de microcélulas, líderes de macrocélulas<sup>59</sup>. Se você não se predispor (sic) a **obedecer os seus líderes** [religiosos] não adianta você dizer que está se revestindo da armadura de Deus, pois você estará dando brecha [para o Demônio], porque a bíblia nos ensina que nós temos que obedecer os nossos líderes e lideranças religiosas. [...] Em João 10:10 diz que **o Diabo não veio senão matar, roubar e destruir**. O Diabo, de fato, quer te matar, quer te roubar quer te destruir de uma vez por todas. Como você vai sair dos ataques do diabo? **Na palavra! Na palavra de Deus** nós encontramos as nossas armas, as armas da nossa milícia. Você precisa entender isso! Independente do seu credo nós estamos numa guerra! [...] e nós temos como único adversário o Diabo, o inimigo das nossas almas e ele quer te matar, ele quer te tragar, ele quer destruir sua vida!: destruir seu casamento, destruir suas finanças, destruir sua família, destruir sua fé! Por isso eu digo, que o Diabo não veio senão para matar, roubar e destruir. [...]

**Excerto n. 09:**

**Oh, depressão maldita, vai embora essa dor do inferno! Isso é demônio!**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC004, na pasta fundamentalismo 1.**

PF: A pessoa vive com essa inquietação na mente, muito nervosa, muito agitada. Ela tem que ser sincera com ela mesma e dizer: isso é demônio! isso é demônio! e tem que sair da minha vida... ela [a pessoa] é pavio curto, explode com facilidade: isso é demônio! ela tem que mandar embora. Pai [Deus] ela é cheia de não me toques, ela se

---

<sup>59</sup> Ao que parece, o pastor usa estes termos para se referir a forma de organização das igrejas por tamanho em número de fiéis.

deprime: isso é demônio! tem que mandar embora. Ela é orgulhosa, ela retém no coração um sentimento: ele me feriu, ela me feriu... meu pai me machucou, minha mãe me ofendeu... Pai isso é orgulho: é demônio também! A pessoa tem que mandar ele [o demônio] ir embora. Liberar o perdão e dar um tapa na cara do diabo! [...] Eu digo: espírito de enfermidade sai da vida deste homem, sai da vida desta mulher agora. Espírito do câncer é uma herança genética, você tem aí ficado aí de gerações em gerações e ninguém te expulsa. Eu tô te expulsando hoje! Demônio da diabetes, da pressão alta é aquela doença que persegue a família... Oh depressão maldita, vai embora essa dor do inferno! Sai dessa pessoa. Toda amarração dessa vida financeira, prosperidade é dom de Deus meu irmão, [...] demônio solta o filho dela, solta a filha dela, eu levanto minha voz para expulsar o demônio. Oh demônio que faz o filho ser rebelde, sai dessa vida agora! no nome do senhor Jesus. Espírito do diabo que tem atrapalhado a vida dessa pessoa saia fora no nome de Jesus. Eu desafio os principados e potestades e digo: Pai, o demônio que tem acompanhado essa mulher, esse homem vai embora! Saia daí para nuunca mais voltar!

**Excerto n. 10: Mas, você continua ainda aí no fracasso? É o demônio!**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 007, pasta fundamentalismo 1**

PF: Venha conhecer Jesus! Ele é a cura para qualquer tipo de mal. Venha conhecer Jesus, o filho de Deus na igreja... . Você minha amiga é minha convidada especial. Você que tem enfrentado um arrocho financeiro que tem experimentado os limites da miséria e você não aceita mais essa situação... quer mudar, quer sair dessa situação, então você vai nos procurar na avenida [...] Você não consegue ser uma pessoa realizada.... você vive de aparência, mas quando você fecha a porta da sua casa, você sabe que tem sido uma pessoa fracassada, uma pessoa derrotada. Sua família é um verdadeiro inferno, é briga, é (*sic*) desavenças, tem a filha na prostituição e o filho nas drogas, tem problemas financeiros, você vive pedindo um pouquinho aqui, um pouquinho ali... Você mora de

favores na casa de parentes, de amigos e fica agüentando humilhação... [...] venha buscar a realização de Deus todo poderoso nessa terça-feira! Nós vamos fazer um clamor a Deus para que você não viva uma vida de aparência, uma vida mentirosa! Mas pelo contrário, para que você veja a mão de Deus na sua vida. O que queremos é que você veja a mão do todo-poderoso. Os milagres ainda continuam operando. Mas, você continua aí presa no fracasso.

**Excerto n. 11: Crentes – pastoriados pela palavra “neuvosa”**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 009, pasta fundamentalismo 1**

PF: ...eu não brigo não, mas hoje você vai sentar aí nesse banco, e vai receber “na tampa” para aprender algumas coisas: vai aprender a tratar sua mulher com carinho, respeitar a ela, ser um bom pagador, parar de ser “neuvoso” (*sic*) [...] psiu, psiu, hei irmãzinha! Você aqui mesmo: você vai sentar aí no banco “quetar” (*sic*) seu facho e *aprender a ser uma mulher submissa dentro de casa!!!* Ahhh! eu vou contar essa aqui: uma irmã que passou por 8 igrejas... [risos do PF] uma pessoa tem que ser como um casal que me procurou pra dizer: PF nós viemos aqui porque nós queremos ser *pastoriados pela palavra*, pela palavra de Deus! fica aí quietinho aí meu irmão. Fica aí no seu lugar, espera um ano, um ano e meio. De repente você me fala: PF, não tá precisando limpar o fundo da igreja aí não? [...]. Viver na dimensão do espírito meu irmão é se humilhar para que o nome de Deus se engrandeça na sua vida. O apóstolo João diz: convém que ele [Deus] cresça e que eu diminua. Vamos ficar de pé e vamos orar!.

**Excerto n. 12: Melhor entrar no céu faltando o olho do que ser lançado no inferno!**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 013, pasta fundamentalismo 6**

PF: Você quer viver na dimensão do espírito? Então meu querido [PF se dirigindo aos fiéis] se você não desligar aquele computador... daquelas imagens que você tem visto na



sua vida... você casou com o computador, se você não abandonar aquela pornografia, se você não fizer uma mudança radical a sua casa vai implodir. Meu querido, é hoje, exatamente hoje que a mudança tem que ocorrer. Se você não “casa” com essa mulher então saia desse relacionamento! *A bíblia diz*, melhor entrar no céu manco, faltando um olho do que ser lançado no inferno com o corpo perfeito! Tem uma mulher aqui hoje que me disse: PF, Deus tem que me dar um marido, eu não consigo viver sem homem! E uma dia ela foi ler a bíblia em Isaias e o espírito santo tocou no coração dela e ali tava escrito: eu sou o teu marido. Ela está aqui nesta noite. Ela está solteira... mas ela entendeu que não precisa de homem para ser feliz.

**Excerto n. 13:**

**Você está escravizado pelo computador, por aquelas cenas pornográficas!**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 017, pasta fundamentalismo 4**

PF: Talvez você precisa fechar aquele contrato com aquela TV a cabo que você paga 90, 120 reais por mês, sendo que você poderia cancelar isso e dar uma oferta para o missionário. *O controle remoto que você usa é o domínio do pecado.* [...] não é pecado você ter internet, mas você está escravizado pelo computador, por aquelas cenas pornográficas que você vê toda noite. O espírito santo tem feito uma obra na tua vida querida, mas a decisão é tua filha, de abandonar essa vida de pecado! E você se prepare querida porque o teu padrão de vida vai cair! Vai cair! O senhor vai tratar do teu orgulho! E se hoje você está ouvindo a voz do senhor, abra teu coração para que obra do senhor seja completa na tua vida.

**Excerto n. 14: Uma festinha no sítio? Cai fora filha!**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 10, pasta fundamentalismo 1**

[o próprio PF se pergunta diante dos fiéis]: O que que tem PF, eu ir em uma festinha participar de uma quadrilha? O que que tem eu ir para um sítio com os colegas? O que que tem haver PF? Tem tudo a ver! Você não foi chamada para viver desse jeito! Ah! PF, quer dizer que eu não posso ir nem em um aniversário de uma colega minha? Vai lá... toma seu suco, seu refrigerante e vem embora. Agora você ficar ali, em um sítio, em uma festa em que eles todos dançam, se embriagam?... cai fora filha!

**Excerto n. 15: Eu convoco você a mudar de vida!**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 07 pasta fundamentalismo 1 (2:00)**

PF: Te convidamos de coração: venha conhecer Jesus de perto. Ele é a cura para qualquer tipo de mal. A igreja... se sentirá honrada em recebê-lo! Venha conhecer o filho de Deus. Talvez, você já fez até planos, projetos e tudo tem dado errado. Você tem visto a sua vida ficar parada, sua vida ficar destruída por problemas diversos... Mas, no momento que você buscar o poder de Deus, no momento em que o todo-poderoso se manifestar na sua vida, então a sua situação vai mudar. Então, é importante que você entenda que o milagre depende de você! Deus deseja transformar a sua vida, ele tem o poder de transformar essas situação, *mas se você não der um passo de fé, se você não buscar, se você não lutar, se você não fizer da maneira correta, você nunca vai vencer!* Embora você é uma pessoa religiosa, que tem conhecimento da palavra [de Deus], que tem conhecimentos técnicos, você tem conhecido a letra, você tem muito conhecimento histórico da palavra de Deus, mas isso não tem dado resultado na sua vida...Você é uma pessoa fracassada!. Uma pessoa derrotada porque você não consegue levar a diante seus projetos. Você não consegue ser uma pessoa realizada, embora você faça parte de uma denominação religiosa, embora você até carregue a bíblia debaixo do braço, você até se veste como uma pessoa santa, mas quando você entra dentro da sua casa, você sabe que tem sido uma pessoa fracassada! Que você tem sido uma pessoa derrotada! Sua família é um verdadeiro inferno: é contenda com filhos, desavenças, filhos na

prostituição, é problema nas drogas, é problemas financeiros (você vive pedindo um pouquinho aqui, outro ali...), pedindo emprestado a amigos, parentes, você mora de favor, fica agüentando humilhação... e você é uma pessoa religiosa... Então eu quero que você deixe de lado essa religiosidade, essa falsidade e venha buscar a manifestação do Deus todo-poderoso nesta terça-feira. Nós estaremos fazendo um grande clamor a Deus para que você não viva essa vida de aparência, essa vida mentirosa! Antes, pelo contrário, pois o que você quer é ver a mão do todo-poderoso em sua vida. Você ouviu aqui pessoas que receberam bênçãos em suas vidas, pois os milagres ainda acontecem e por que os milagres não acontecem aí na sua vida? Porque você ainda está preso nisso aí... está preso aí na religião, está preocupado em manter as aparências, em manter o cargo... por isso, eu quero convidar você, *eu convoco* você a mudar de vida.

#### **Excerto n. 16: Oração de cura e libertação**

**Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 07 pasta fundamentalismo 1 (2:09)**

PF: Meus Deus e meu pai, *El-shadai*, Deus onipotente, onisciente e onipresente, abra agora meu pai o livro de Atos dos Apóstolos e escreve com o sangue de Jesus mais um capítulo sobre a cura o irmão André. Deus, na autoridade que há e no poder que há no nome de Jesus, este nome que está acima de todos os nomes, *eu falo agora* com a enfermidade física, *eu falo agora* com a enfermidade espiritual, *eu falo agora* com a enfermidade nos nervos, nos ossos, no reumatismo, a enfermidade na coluna, a dor no alto da cabeça à planta dos pés e eu ordeno agora: sai agora! Deixa o corpo dele, vai embora! Saí agora no nome de Jesus. [O PF finaliza a oração soprando sete vezes no ouvido do fiel repetindo a seguinte frase]: “está curado em nome no senhor Jesus 1 (um), está curado em nome do senhor Jesus 2 (dois), [...] está curado em nome do senhor Jesus 7 (sete)”.

**Excerto n. 17: A bíblia diz, deus diz...****Fonte: Arquivo do pesquisador, REC 14 pasta fundamentalismo 1 (12min:11sec)**

Eu quero te dizer meu irmão, minha irmã que a palavra do Senhor é bem clara! Colossenses diz que olhe para o céu e não olhe para as coisas dessa terra. Mateus disse: onde tá teu coração? Nas coisas que coroi? (sic) Nas coisas que a traça coroi? Mateus disse que a pérola de grande valor é a nossa salvação! Isaias no capítulo V falava ai daquilo, ai daquele, mas no capítulo VI ele recebeu a unção de Deus. Isaias recebeu ali o xeque-mate de Jeová e disse que os umbrais das portas tremiam com o clamor do povo! E ainda assim você não gosta de crente barulhento? Porque em Isaias capítulo VI disse que até os umbrais das portas tremiam pelo clamor do povo. Aleluias!!! E eu quero te dizer que quem é ungido de Deus tem força mesmo, tem força para falar!

## APÊNDICE B

### Propagandas Salvacionistas: “Portas da Esperança”

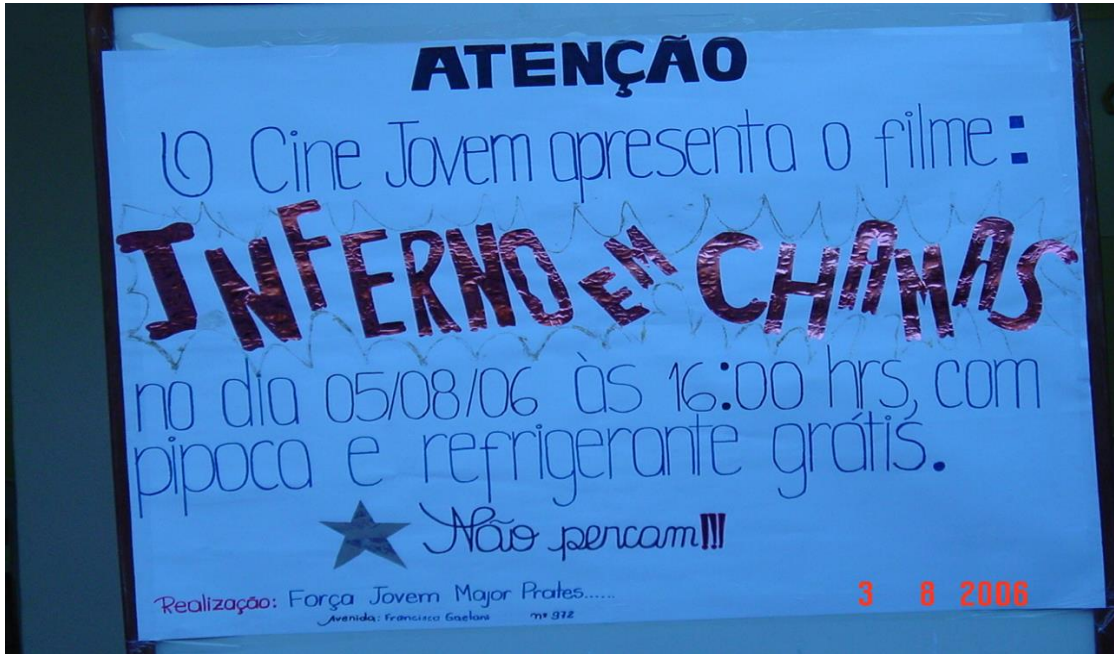


Figura 5: O inferno em Chamas (filme). O anúncio deste filme estava na porta da igreja e convidava todos os transeuntes a assistir ao “Inferno em Chamas” com direito a “pipoca e refrigerante grátis”. Tal filme é um exemplo marcante de fundamentalismo bíblico: conta a história de um rapaz que não aceitou a evangelização cristã antes de morrer. Ainda na UTI, entre a vida e a morte, os demônios tentavam buscá-lo, fato que se concretizou com a sua morte física. Por não ter aceitado a Jesus durante sua vida, o rapaz foi condenado ao inferno e entregue ao demônio para viver no “inferno” por toda a eternidade. Fonte: Arquivo a pessoal do pesquisador (2007).



Figura 6: Explosão de Milagres. Ao que parece o pastor Gilmar e sua esposa foram atrações nas igrejas neopentecostais, pois foi observado suas propagandas em diversas outras igrejas espalhadas pela cidade. Sempre com atenção especial para destacá-los como “conferencistas internacionais”. A expressão “explosão de milagres” está escrita de forma a lembrar as liquidações de produtos em lojas do comércio local. Fonte: arquivo do pesquisador (2007).



Figura 7: Poderosa Campanha do Salmo 91. Interessante observar nessa faixa termos absolutizantes como “poderosa” e “nenhum” além de “presença marcante”. Ao ressaltar que o pastor é da capital (Belo Horizonte) procura-se dar importância ao culto. Esse fato também é observado em outras propagandas sempre com ênfase em pastores de outras cidades, sobretudo de grandes centros urbanos. Fonte: Arquivo do pesquisador (2006). Créditos: Herbertz Ferreira.



Figura 8: Imperdível – Grande Cruzada de Milagres. Nessa faixa nota-se a utilização de termos usados nas propagandas do comércio atacadista (IMPERDÍVEL) como se quisesse vender uma grande “promoção de milagres”. Nessa chamada também é visível a importância que se dá ao estrangeiro (Depois da África e Japão, chegou a vez de Montes Claros!). Acrescenta-se mais uma dádiva ao fiel: “receber oração de revelação do espírito santo”. Fonte: Arquivo do pesquisador (2007).



Figura 9: Milagre da ressurreição. Observe que as palavras grifadas em vermelho referem-se diretamente ao pecado (mal-estar) humano seguida de sua “solução” milagrosa. Créditos: Autor desconhecido.



Figura 10: A chave que abre todas as portas. Nessa faixa o foco recai no milagre esperado de deus como último recurso para a salvação do homem em quaisquer aspectos dada vida, pois ao receber a chave “todas” as portas da vida deverão se abrir. Fonte: Arquivo do pesquisador (2008).



Figura 11: Sessão do Descarrego. Esse anúncio também promete a solução de “todos” os males: depressão, desemprego, casamento destruído, vícios, etc. Fonte: Arquivo do pesquisador (2008).



Figura 12: Clamor por justiça divina. O anúncio sugere “não fique de fora!” da justiça divina. O termo “campanha” é bastante comum nos discursos neopentecostais para referir-se a um período maior de “tratamento espiritual”, no qual o fiel deve seguir à risca as palavras de Deus a fim de alcançar sua graça. Fonte: Arquivo do pesquisador (2008).

## ANEXO A

### ÉDEN: A DÁDIVA QUE INCITOU A DESOBEDIÊNCIA<sup>60</sup>

Adão passeava num jardim muito bonito. Na grama floresciam as flores. Nas árvores havia pássaros cantando. Frutas gostosas pendiam sobre sua cabeça: uvas, maçãs e muitas outras. Havia também animais de toda espécie. E todos os animais eram mansos e pacíficos. Não havia entre eles nenhum animal feroz, nenhum que fizesse mal ao outro. Como era bom estar neste belo jardim!

Sabe como se chamava o jardim? Jardim do Éden ou o paraíso.

Sabe quem mais estava lá? Deus, o Senhor.

Foi Ele quem fez o Jardim, e deu-o a Adão, para nele morar. Deus cuidava de Adão, como um pai cuida de seu filho. Ele queria que Adão ficasse bem alegre e feliz.

Às vezes, quando Adão passeava no paraíso, o Senhor vinha conversar com ele. Adão ouvia a voz de Deus e ficava muito contente. Porque o melhor de tudo para Adão era saber que Deus estava tão perto dele!

Adão tinha de cuidar do belo jardim. Também podia comer de todas aquelas frutas boas, quanto quisesse. Mas havia uma árvore da qual Adão não devia comer. Esta árvore estava no centro do jardim e chamava-se: Árvore da Ciência do Bem e do Mal.

Deus tinha dito: "De toda árvore do jardim comerás, só desta não comerás. Porque se dela comeres, certamente morrerás." Adão obedeceu as palavras do Senhor. Sempre se desviava daquela árvore. Pois não queria magoar a Deus. Um dia, Deus trouxe todos os animais a Adão, para que ele desse um nome a cada um. Os nomes que ele daria seriam mesmo seus nomes. Lá vinham eles, dois a dois, macho e fêmea, em uma longa fila. Primeiro, dois animais bem grandes, que foram chamados de elefantes. Depois, dois passarinhos bem pequenos receberam o nome de beija-flor. Em seguida passaram dois leões, duas cobras, duas ovelhas, e a todos Adão deu um nome. Mas depois que passaram todos os animais, Adão não estava mais tão contente. Pois todos os animais vinham em pares. Cada qual tinha sua companheira. E Adão estava só. Mas Deus percebeu bem o que Adão estava pensando. Deus tinha cuidado dele, e assim Adão nem precisava dizer o seu desejo.

---

<sup>60</sup> Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/articles/7974/1/Historias-Biblicas-para-Culto-Infantil/1.html> Acesso em: 26/9/2007 16h:44min. Essa história é contada em diversas igrejas cristãs para crianças e adultos como um acontecimento verídico, como "a explicação" de Deus sobre a origem da humanidade e a causa primeira de seus sofrimentos – centrada no pecado original. Pode ser encontrada reescrita de diversas formas, mas todas guardam a mesma versão conforme se pode ver na Bíblia (Gênesis, 2-3).



E Deus Senhor disse: "Não é bom que o homem esteja só." Então fez com que Adão caísse num sono profundo. Quando Adão acordou, estava uma mulher ao seu lado. Esta Deus lhe havia dado. Ela chamava-se Eva. Como Adão estava alegre! Pois agora já não estava mais sozinho. Levou Eva consigo para o belo jardim. Mostrou-lhe tudo. Indicou-lhe também aquela árvore, da qual não deviam comer.

Como eram alegres e felizes! Nunca sentiam dor. Nunca ficavam doentes. Não precisavam ter medo nem ficar tristes. Pois viviam bem perto de Deus. Deus era seu Pai, e eles, Seus filhos. Tão felizes como eles eram, nunca mais nenhum homem na terra o foi.

Mas certo dia, tudo ficou muito diferente. E isto por culpa deles mesmos! Eva passeava sozinha pelo jardim. Nisto ela chegou perto da árvore, cujos frutos eram proibidos. Então de repente ela ouviu alguém falar.

Quem seria? Não era Adão. E também não era Deus.

Eva parou curiosa. Então viu uma cobra que olhou para Eva com seus olhos cintilantes e falou: "Escuta, é verdade que vocês não devem comer de árvore nenhuma? Deus disse isso?" Eva respondeu: "Que nada, nós podemos comer de todas as árvores, menos desta aqui. Pois então teremos que morrer. Foi isto que Deus disse."

Então a cobra olhou, maliciosa, e cochichou: "Ora, vocês não vão morrer, não! Deus certamente o diz, mas não é verdade. Pelo contrário, vocês ficarão ainda muito mais felizes. Vocês ficarão iguais a Deus, tão sábios e poderosos. Pode acreditar. Eu sei melhor que o Senhor. Podem comer sossegados desta árvore. Isso não faz mal."

Eva olhou para as frutas. Pareciam tão lindas! Deviam ser muito gostosas!

Então ela o fez. Apanhou uma fruta da árvore e comeu. Depois deu um pedaço a Adão, e também ele comeu da fruta. Deus havia proibido tanto, e assim mesmo o fizeram. Isto foi um grande pecado. Mas, no mesmo instante, Adão e Eva sabiam que a cobra havia mentido. Logo o sentiram. De repente não mais se sentiam felizes. Ficaram tristes e com medo, e também com muita vergonha, pois só agora notaram que estavam nus. Até então, nunca haviam reparado nisso. Mas agora o viam. Apanharam folhas grandes e delas fizeram aventais. Então ouviram a voz de Deus que antes sempre os fazia tão alegres.

Mas agora a voz os fazia ficar com medo. Fugiram. Esconderam-se de Deus, no meio dos arbustos. Desejavam não ser achados por Ele. Mas Deus os achou! Ele chamou Adão e disse: "Onde estás? Vem cá!" Bem, agora tinham que sair do esconderijo, pois Deus os via de qualquer maneira. Tremendo, apareceram. Não se atreviam a olhar para Deus.

Deus perguntou: "Vocês comeram desta árvore?"

Ele perguntou assim num tom zangado e ao mesmo tempo triste. Adão respondeu: "Sim, Senhor. Mas foi Eva que me deu um pedaço." E Eva falou baixinho: "Sim, Senhor. Mas a cobra disse que eu podia comer da fruta."

Oh! Como Deus ficou zangado com a cobra! Ou melhor, com o mau inimigo, aquele que tinha inculcado tais palavras na cobra. Na realidade, foi ele quem o fez. Satanás, assim se chamava o mau inimigo. Ele tinha inveja de Deus e queria estragar Sua maravilhosa obra. E agora havia conseguido isso. Pois porque Adão e Eva haviam desobedecido, não mais podiam ficar tão perto de Deus. Agora tiveram que sair do belo paraíso. Mas mesmo assim Deus ainda amava estes Seus filhos desobedientes. E prometeu-lhes que algum dia tudo ainda voltaria a ser bom. Sim, Deus ainda amava Seus filhos. Cuidava bem deles. De peles de animais ele fez roupas para Adão e Eva, e vestiu-os. Assim eles não sentiam frio.

Mas agora Deus os mandou para fora do paraíso e também não podiam voltar, pois um anjo estava de guarda na entrada e não deixava ninguém entrar. Pobre Adão e pobre Eva! Era tudo muito triste. Mas a culpa foi deles. Como eram infelizes! Mas algum dia, tudo ficaria bom outra vez. E quando se lembravam disso, ficavam novamente um pouco alegres.